

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

(Re)categorização metafórica e humor:
trabalhando a construção dos sentidos

Silvana Maria Calixto de Lima

Fortaleza
2003

(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos

Silvana Maria Calixto de Lima

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo

Co-Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

Fortaleza

2003

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Silvana Maria Calixto de Lima

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo
(Orientadora)
Universidade Federal do Ceará/CE

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
(Co-Orientadora)
Universidade Federal do Ceará/CE

Profa. Dra. Ingedore G. Villaça Koch
Universidade de Campinas/SP

Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima
Universidade Estadual do Ceará/CE

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias
(Suplente)
Universidade Federal do Ceará/CE

Dissertação aprovada em: 13/12/2003

*Mesmo sem naus e sem rumos,
mesmo sem vagas e areias,
há sempre um copo de mar
para um homem navegar.*

Jorge de Lima

À minha “grande família”:
Jerônimo e Luizinha, meus pais;
Solange, Simone e Júnior, irmãos;
Raphael, Felipe e Ítalo Fernando, sobrinhos;
Benvindo e Socorro, cunhados.

Agradecimentos

A Deus, energia superior que ilumina toda a minha caminhada;

Às professoras Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo e Mônica Magalhães Cavalcante, por partilharem o seu conhecimento, na orientação deste trabalho, com muita competência, dedicação e generosidade;

Aos demais professores do Curso de Mestrado em Lingüística da UFC, Bernardete Biasi Rodrigues, Emília Maria Peixoto Farias, Márcia Teixeira Nogueira, Maria Auxiliadora Lima, Maria Elias Soares, Maria do Socorro Silva de Aragão, Nelson Barros da Costa e Rosemeire Selma Monteiro, pelas contribuições para a minha formação acadêmica e profissional;

Aos colegas de curso, Alcioneida Costa, Bárbara Ramos, Deline Assunção, Eleonora Godinho, Érica Pires, Franklin Oliveira, Irlana Sousa, João Benvindo, José de Ribamar Dias, Lindalva Soares, Luís Egito Barros, Maria Odete Moura, Shirlei Alves, Telde Lima, Teresinha Ferreira e Maria Vilani Alves, pelo companheirismo e amizade;

À Bárbara e Deline, em especial, pela paciência, atenção e carinho nos momentos difíceis desta jornada;

Ao Diógenes Buenos Aires, pessoa de muitas qualidades, pelo constante incentivo e pelos pequenos cuidados, além do enorme carinho e amizade;

Ao José Homero, pela acolhida simpática e generosa em Fortaleza/CE;

Ao professor Airton Sampaio, pela colaboração na revisão final deste trabalho;

Às amigas Claire Anne, Maria Ângela, Maria Xavier, Socorro Meireles, Dores, Augusta e Conceição Teles, pela amizade e estímulo ao longo da jornada;

À Prefeitura Municipal de Teresina e ao Governo do Estado do Piauí, pela liberação de minhas atividades profissionais, o que possibilitou a minha total dedicação ao desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo acerca do fenômeno do humor a partir da ocorrência de (re)categorizações metafóricas em piadas. Partimos da hipótese de que esse tipo de ocorrência pode servir como gatilho para o humor. O nosso objetivo é demonstrar não apenas que as ocorrências de (re)categorizações metafóricas respondem pela comicidade das piadas, mas também demonstrar de que forma se constrói o sentido de humor a partir da presença dessas ocorrências nas piadas. Ou seja, como são recuperadas as inferências que desencadeiam o efeito cômico. Entendendo que a construção global do sentido de humor, a partir da (re)categorização metafórica, demanda uma abordagem tanto dos aspectos lingüísticos quanto dos aspectos cognitivos, propomo-nos, neste trabalho, fazer o enlace desses dois aspectos. Assim, fazemos uma abordagem das (re)categorizações metafóricas, do ponto de vista da Lingüística Textual, caracterizando-as enquanto fenômenos lingüísticos e sugerindo uma classificação para esse tipo de ocorrência, a partir dos tipos de recategorizações lexicais analisados por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Ao mesmo tempo, trabalhamos também o processo de (re)categorização metafórica em seus aspectos cognitivos, com o suporte da Lingüística Cognitiva, discorrendo sobre a atividade de categorização e sobre a metáfora conceitual. Duas importantes questões emergem nesses níveis de descrição das (re)categorizações metafóricas: a concepção de cognição como atividade incorporada e a concepção de referência não-extensional, a qual tratamos como *referenciação*. Para explicitar os mecanismos cognitivos subjacentes às (re)categorizações metafóricas na construção do efeito cômico, recorreremos ao modelo da teoria da mesclagem conceitual. Essa teoria consiste, basicamente, num conjunto de processos criativos que se desenvolvem para a combinação de informações dentro de redes de espaços mentais. Para a implementação da análise, trabalhamos com um *corpus* constituído por 31 piadas, coletadas de livros e revistas específicas do gênero humorístico. Os resultados da análise qualitativa dos dados mostram que, indubitavelmente, as (re)categorizações metafóricas podem ser consideradas como mais um dispositivo de que dispõe a língua para construção do efeito cômico na piada.

(318 palavras)

ABSTRACT

This work presents a study concerning the phenomenon of humor which arise from the occurrence of metaphorical recategorization in jokes. We start with the hypothesis that this type of occurrence can serve as a trigger for the emergence of humor. Our objective is to demonstrate not only that the occurrences of metaphorical recategorization are responsible for the comic effect of jokes, but also to demonstrate in what way the meaning of humor is constructed by the presence of these occurrences in the jokes. Or either, how the inferences that unchain the comic effect are recuperated. Understanding that the global construction of humorous meaning, from metaphorical recategorization, demand an approach of both the linguistic aspects as well as of the cognitive aspects, we propose, in this work, to make a link of these two aspects. We thus, approach metaphorical recategorizations, from the point of view of Textual Linguistics, characterizing them as linguistic phenomena and suggesting a classification for this type of occurrence, according to the types of lexical recategorizations analysed by Apothéloz and Reichler-Béguelin (1995). At the same time, we also work the process of metaphorical recategorization in its cognitive aspects, with the support of Cognitive Linguistics, discoursing on the activity of categorization and conceptual metaphor. Two important questions emerge at these levels of description of metaphorical recategorization: the conception of cognition as an embodied activity and the conception of non-extensional reference, which we treat as *referentiation*. To explain the underlying cognitive mechanisms of metaphorical recategorization in the construction of the comic effect, we appeal to the model of conceptual blending theory. This theory consists, basically, in a set of creative processes developed for the combination of information inside mental spaces networks. For the implementation of the analysis, we work with a sample consisting of 31 jokes, collected of books and specific magazines of the humorous genre. The results of the qualitative analysis of the data show that, doubtless, metaphorical recategorization can be considered an additional device the language makes use of for the construction of the comic effect in jokes.

(340 words)

SUMÁRIO

Resumo	vi
Abstract	vii
Sumário	viii
Lista de Figuras e Tabelas	x
Introdução	11
1 Cognição e categorização	16
1.1 Paradigmas cognitivos.....	16
1.1.1 O simbolismo.....	18
1.2.2 O connexionismo.....	20
1.1.3 O atuacionismo.....	24
1.2 A categorização	27
1.2.1 Filosofia e cognição: objetivismo e experiencialismo.....	28
1.2.2 A categorização à luz do objetivismo.....	29
1.2.3 A categorização à luz do experiencialismo	30
1.2.4 Concepções sobre a natureza dos conceitos	32
1.2.5 A instabilidade das categorias	35
2 Metáfora	38
2.1 Visão tradicional.....	38
2.2 Teoria da metáfora conceitual	39
2.2.1 Correlação e semelhança	44
3 Processo de Referenciação	54
3.1 Concepções de linguagem	54
3.2 Da noção de referência ao processo de referenciação	55
3.3 As (re)categorizações no processo de referenciação	59
3.3.1 Uma proposta de classificação para as (re)categorizações metafóricas ...	61

4	Teoria da Mesclagem Conceitual.....	66
4.1	Contextualização	66
4.2	Princípios constitutivos	67
4.3	Relações vitais	77
4.4	Princípios reguladores	82
4.4.1	Princípios reguladores da compressão.....	84
4.4.2	Outros princípios reguladores.....	85
4.5	Redes de integração conceitual	86
4.5.1	Rede simples.....	90
4.5.2	Rede espelho.....	92
4.5.3	Rede de escopo único	93
4.5.4	Rede de escopo duplo.....	96
4.6	Teoria da mesclagem conceitual vs. teoria da metáfora conceitual	99
4.7	Mesclas metafóricas on line	104
5	Análise dos Dados	106
5.1	Metodologia.....	106
5.1.1	Definição do corpus e método.....	106
5.1.2	Procedimentos de análise.....	107
5.2	Frequência das classes de metáforas	109
5.2.1	Listagem das metáforas	110
5.3	O fenômeno do humor.....	116
5.4	Frequência dos tipos de (re)categorizações metafóricas	118
5.4.1	(Re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente.....	119
5.4.2	(Re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente.....	121
5.4.3	(Re)categorizações metafóricas: outros casos	128
5.5	Aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual.....	134
	Considerações Finais	155
	Referências Bibliográficas	159
	Anexo	163

LISTA DE FIGURAS E TABELA

FIGURA 1: Representação de rede esquemática de metáfora baseada em correlação	48
FIGURA 2: Representação esquemática de uma metáfora simples não-correlacional.....	48
FIGURA 3: Diagrama básico	69
FIGURA 4: Espaços mentais de entrada.....	74
FIGURA 5: Espaço genérico.....	75
FIGURA 6: Espaço mesclado	76
FIGURA 7: Mapeamento de volta para os espaços de entrada.....	77
FIGURA 8: A ponte de safena	79
FIGURA 9: Rede simples.....	91
FIGURA 10: Rede de integração conceitual: cirurgião como açougueiro.....	102
FIGURA 11: Espaços de entrada/ Rede de integração conceitual: presidente como porco.....	136
FIGURA 12: Espaço genérico/ Rede de integração conceitual: presidente como porco	138
FIGURA 13: Rede de integração conceitual: presidente como porco	140
FIGURA 14: Rede de integração conceitual: mulher bonita como bolo.....	144
FIGURA 15: Rede de integração conceitual: mulher bonita como merda.....	145
FIGURA 16: Rede de integração conceitual: casamento como catástrofe.....	147
FIGURA 17: Rede de integração conceitual: genitália feminina como cartão de crédito ...	150
FIGURA 18: Rede de integração conceitual: sogra como bruxa	153
TABELA 1: Quadro comparativo entre metáforas de semelhança e metáforas correlacionais.....	52

INTRODUÇÃO

As Ciências Cognitivas, até muito recentemente, tiveram seus estudos pautados pela chamada “metáfora do computador”. Fauconnier e Turner (2002) compreendem que, em decorrência dessa postura, erigiu-se a “idade do triunfo da forma”, com projeção nas mais variadas áreas do conhecimento. Nesse sentido, argumentam os autores, a partir da compreensão da estrutura do computador como um modelo aproximado da mente humana, o conhecimento humano e seu progresso parecem se ter reduzidos, fortemente, a uma matéria de estruturas formais e ao estudo de suas transformações, passando-se a buscar, por análises sistemáticas da forma, métodos de descoberta e manipulação do sentido.

Não obstante essa realidade, é visível o fato de que os seres humanos são mais do que autômatos, uma vez que os aspectos criativos da mente humana constituem o seu marco diferencial. Somos, na verdade, seres dotados de imaginação, capazes de criar novos significados, fazer descobertas, ter idéias originais, dentre muitas outras habilidades que, na vida diária, podem ser ativadas por intermédio da faculdade imaginativa. Assim sendo, Fauconnier e Turner (2002) pontuam que são os aspectos criativos da mente que, na fase atual, vêm ganhando respaldo no campo dos estudos da cognição, sinalizando uma passagem da “idade da forma” para a “idade da imaginação”.

Certamente que tal postura implica uma nova concepção de mente. Assim, muda-se de uma base cognitiva objetiva, na qual se compreende que a mente é desincorporada, para uma base cognitiva experiencial, passando-se ao entendimento de que a mente é incorporada, ou seja, depende do corpo de forma inerente. A concepção de mente incorporada é, pois, um passo significativo no desenvolvimento dos estudos sobre a natureza da cognição humana, uma vez que se vêm edificando bases mais sólidas para a compreensão de como opera a mente humana na construção do conhecimento.

Partindo da concepção descrita e voltando-nos para os aspectos criativos da mente humana, elegemos como objeto de estudo, neste trabalho, o fenômeno do humor, com o

recorte de estudo da piada. Sabemos da amplitude de pesquisas científicas realizadas sobre o tema humor, em diversificadas áreas do conhecimento, inclusive no campo da Lingüística, o qual se tem revelado bastante produtivo, abrangência esta que pode ser explicada pela fertilidade do universo do humor, que congrega manifestações diversas inerentes à atividade humana, isto é, naquilo que é próprio ao homem de todos os tempos - a capacidade de rir e de fazer rir. Entretanto, o estudo da piada, particularmente na Lingüística, tem sido realizado enfatizando-se ou os aspectos lingüísticos ou os aspectos cognitivos, a exemplo de Possenti (1998), que faz uma análise de piadas sob um enfoque lingüístico, e do clássico trabalho de Raskin (1985), que, sob a ótica da teoria de roteiros, propõe uma teoria semântica do humor verbal. Não é habitual, portanto, o estudo da piada sob uma perspectiva lingüístico-cognitiva.

Compreendendo, então, a importância desses dois componentes na construção dos sentidos do texto humorístico (i.e., da piada), propomo-nos fazer esse enlace no trabalho ora empreendido. Assim, para o estudo do fenômeno do humor em piadas, selecionamos o *processo de (re)categorização metafórica*, trabalhando com a *hipótese de que esse processo serve como gatilho para o humor*. Para tanto, abordamos as (re)categorizações metafóricas, do ponto de vista da Lingüística Textual, caracterizando-as como fenômenos lingüísticos e propondo, para esse tipo de ocorrência, uma classificação. Ao mesmo tempo, trabalhamos o processo de (re)categorização metafórica, em seus aspectos cognitivos, com o suporte da Lingüística Cognitiva, pois entendemos que tanto os aspectos lingüísticos quanto os cognitivos são de suma importância para a compreensão global da construção dos sentidos das (re)categorizações metafóricas presentes nas piadas. Assim, o nosso objetivo, neste estudo, é demonstrar não apenas que as ocorrências de (re)categorizações metafóricas respondem pela comicidade das piadas, mas também de que forma se constrói, a partir delas, o sentido de humor, nas piadas selecionadas para análise, ou seja, como são recuperadas as inferências que desencadeiam o efeito cômico. Para o cumprimento dessa última etapa do objetivo proposto, recorreremos à teoria da mesclagem conceitual¹ (Fauconnier e Turner, 2002), que lida com o modelo de redes de integração conceitual formadas pela criação de espaços mentais.

O material selecionado para pesquisa compõe-se de 31 piadas coletadas de quatro livros e três publicações do gênero, verificando-se, em todas elas, a ocorrência de pelo menos

¹ A Teoria da Mesclagem Conceitual (*Conceptual Blending*) é também conhecida como Teoria da Integração Conceitual (*Conceptual Integration*) ou, simplesmente, Teoria da Mesclagem (*Blending*). Neste estudo, optamos pela designação *Conceptual Blending*, cuja tradução como Mesclagem Conceitual tem sido consensual na Academia. Entretanto, como os autores usam esses termos de forma intercambiável na descrição da teoria, algumas vezes, por uma questão de fidelidade ao texto original, utilizaremos também a designação integração conceitual, o que não lhes provoca nenhuma alteração de sentido, ou seja, os termos são empregados como sinônimos.

um caso de (re)categorização metafórica. Essas piadas versam sobre diferentes temas, incluindo figuras clássicas do anedotário nacional, e constituem uma mostra significativa do que se costuma rir no nosso país, dentro do *modo de comunicação de não-boa-fé*, em que se inclui a piada. Certamente que o componente cultural aparece como um traço significativo nesses textos humorísticos.

No que diz respeito à estrutura organizacional, este estudo apresenta cinco capítulos. O Capítulo 1 trata dos aspectos da natureza da cognição humana, focalizando o processo de categorização. Partimos da abordagem dos principais paradigmas cognitivos, dentro do quadro evolutivo das Ciências Cognitivas, para situar a concepção de cognição adotada no trabalho, isto é, a concepção de cognição como mente incorporada. A abordagem da atividade de categorização, apresentada como um processo cognitivo básico para o ser humano, é feita segundo os pressupostos do experiencialismo, corrente filosófica que prega a idéia de mente incorporada, em oposição ao objetivismo, que lida com a tese da dicotomia mente/corpo. No estudo da categorização, enfocamos, ainda, as concepções sobre a natureza dos conceitos, com os quais a atividade de categorização mantém um vínculo direto. Por último, dizemos da instabilidade das categorias, questão norteadora do estudo, na qual se admite que as categorias que formam o mundo não são estáveis, mas *instáveis, variáveis e flexíveis* (Mondada e Dubois, 1995), postulado contrário à concepção clássica das categorias e que serve como base para a abordagem da referência, no Capítulo 3.

O Capítulo 2 é dedicado ao estudo da metáfora, tendo como aporte teórico a metáfora conceitual. Apresentamos, inicialmente, a concepção tradicional de metáfora, na qual esta matéria é tida simplesmente como uma figura de linguagem, exercendo, assim, um papel marginal. Em seguida, discorremos sobre os pressupostos básicos da teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 1980, 1999; Lakoff, 1993), cujos princípios repousam na assertiva de que o sistema conceitual humano é, em grande parte, de natureza metafórica. Em assim sendo, compreende-se que a metáfora é sobretudo uma matéria do pensamento e da ação, sendo, indubitavelmente, de natureza conceitual. Acrescemos, à abordagem da metáfora conceitual, nos moldes concebidos por Lakoff e Johnson, as idéias de Grady (1997, 1999), notadamente quanto à proposta de uma tipologia de classificação dessas metáforas, já que é nossa intenção classificar as metáforas constituintes das ocorrências de (re)categorizações metafóricas tomadas para análise. Optamos, assim, por trabalhar com a tipologia proposta pelo autor, na qual as metáforas conceituais são classificadas em dois tipos: metáforas correlacionais e metáforas de semelhança (incluindo, nestas, as do tipo GENÉRICO É ESPECÍFICO).

No Capítulo 3, tratamos do processo de referenciação, discutindo, de forma particular, o foco mesmo de abordagem deste estudo: a (re)categorização metafórica. De início, apresentamos um painel das principais concepções de linguagem, erigidas ao longo da história, situando a concepção, que adotamos, de linguagem como interação. Na seqüência, traçamos um paralelo entre o enfoque tradicional sobre referência, fundamentado na visão objetivista da cognição, e a perspectiva da referenciação, eleita para este trabalho. A primeira tem como premissa o poder referenciador da linguagem, no qual prevalece o entendimento de que as categorias do mundo são dadas *a priori*, ou seja, existe uma perfeita correspondência entre as categorias e o mundo que elas representam, independente de qualquer sujeito que se refira a ele. Já a segunda, a da referenciação (Mondada e Dubois, 1995, Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995), opondo-se a um cognitivismo realista, assume que as categorias e as palavras não são dadas *a priori* no mundo, num momento anterior a sua enunciação, mas, ao contrário, emergem das práticas discursivas, entendendo-se a categorização e a referenciação como processos dinâmicos, construídos por um sujeito sóciocognitivo e não apenas por um sujeito real, de modo que a significação passa a ser vista como essencialmente contextualizada e não como mero decalque do mundo. Ademais, no interior do processo de referenciação, enfocamos, em particular, a (re)categorização, com destaque para o tipo metafórico.

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a recategorização lexical consiste no processo pelo qual, na construção do discurso, os falantes designam os referentes, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos comunicativos, o que significa que as expressões referenciais são passíveis de constantes reformulações, atendendo às diferentes condições enunciativas. Tomamos, então, a proposta de classificação das recategorizações lexicais, apresentada por esses autores, como parâmetro para formular uma proposta de classificação para as (re)categorizações metafóricas, ponto de culminância deste capítulo.

O Capítulo 4 descreve pormenorizadamente a teoria da mesclagem conceitual, modelo utilizado numa das fases de análise deste trabalho. Iniciamos pela contextualização da teoria para, em seguida, dizer dos seus princípios constitutivos e reguladores, bem como de outros aspectos a ela pertinentes, como, por exemplo, os tipos de rede de integração conceitual. Assim, tratando a teoria da mesclagem conceitual e a teoria da metáfora conceitual como não-competitivas (Grady, Oakley e Coulson, 1999), apresentamos um quadro comparativo entre as duas teorias, oferecendo suporte necessário à nossa opção pelo trabalho conjunto com esses dois modelos teóricos na descrição e análise das ocorrências. Há, por fim,

uma abordagem sobre as mesclas metafóricas *on line*, na qual delimitamos, para este estudo, o campo de aplicação da teoria da mesclagem conceitual.

O Capítulo 5 corresponde à análise mesma do *corpus* da pesquisa. Expomos, inicialmente, os procedimentos metodológicos utilizados na seleção e análise dos dados, para, em seguida, proceder à análise propriamente dita, em consonância com os procedimentos analíticos anotados na metodologia. As ocorrências analisadas constituem, sem dúvida, um conjunto significativo do fenômeno do humor na piada, desencadeado pelo processo de (re)categorização metafórica.

1 COGNIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

1.1 Paradigmas cognitivos

Uma abordagem mais ampla do processo de categorização demanda, inicialmente, uma incursão pelos paradigmas cognitivos, como forma de melhor dar a conhecer as concepções sobre a natureza do conhecimento humano, matéria da qual a categorização não pode ser dissociada, uma vez que se configura como um reflexo da cognição humana.

Não podemos, com efeito, falar de paradigmas cognitivos sem nos reportar às Ciências Cognitivas, campo que reúne conhecimentos sobre a mente, advindos de várias disciplinas acadêmicas, entre elas, a Psicologia, a Filosofia, a Lingüística, a Antropologia e a Ciência da Computação (Lakoff, 1987). Esse novo campo multidisciplinar, com pouco menos de 50 anos de fundação, busca respostas detalhadas para certas questões sobre o conhecimento, no que concerne, por exemplo, à natureza da razão, à forma como se atribui sentido às experiências e à definição e organização de um sistema conceitual.

Assim, delinear um panorama histórico das Ciências Cognitivas constitui uma tarefa de execução não muito simples, considerando a amplitude dos estudos realizados e as tênues fronteiras que, muitas vezes, se estabelecem entre as várias tendências que tomaram corpo nessa área. No entanto, é fato que a idealização de uma ciência da mente teve como ponto de culminância a formação, durante a década de 1950, de uma nova disciplina científica, batizada com a alcunha de Inteligência Artificial (IA). Os pressupostos de tal disciplina residiam na idéia do estudo de processos mentais à luz de um modelo computacional, de modo que, com a institucionalização da IA, *abria-se*, segundo Teixeira (1998:9), *a perspectiva não apenas de replicar o pensamento humano, mas também de lançar mão de novos métodos para estudar nossas próprias atividades mentais.*

A IA teve suas bases edificadas na Cibernética, movimento científico que predominou na década de 1940, ao qual é creditado o início da difusão da idéia da mente humana como metáfora do computador, ou seja, a visão de que o funcionamento da mente humana é semelhante ao funcionamento de um computador digital. A intuição que orientou esse movimento foi a analogia entre sistema nervoso e circuitos elétricos, vislumbrando-se a possibilidade de modelagem do cérebro através da criação desses circuitos, fato que, para os cibernéticos, seria o suficiente para se fazer também a modelagem da mente (Teixeira, 1998).

Esses pressupostos, defendidos pela IA, tiveram uma rápida difusão. Todavia, os pesquisadores que atuavam nessa área, na tentativa de alcançar o objetivo maior de fazer a simulação computacional de processos mentais humanos, sentiram, ao longo do percurso, a necessidade de recorrer a todas as áreas ligadas, direta ou indiretamente, ao estudo da mente, tais como a Psicologia, a Linguística, a Filosofia da Mente e a Neurologia, entre outras. Foi exatamente essa expansão, configurando-se num esforço interdisciplinar, que evoluiu para o que hoje chamamos de Ciências Cognitivas. E, para Teixeira (1998), mesmo que a IA não tenha realizado a grande proeza de construir máquinas inteligentes, foi somente a partir dos estudos realizados nesse âmbito que se propiciou a discussão sobre a natureza da mente e da inteligência, obrigando-nos *a refletir sobre o significado do que é ser inteligente, o que é ter vida mental, consciência e muitos outros conceitos que freqüentemente são empregados pelos filósofos e psicólogos* (Teixeira, 1998:14).

Feitas essas rápidas considerações iniciais, somos cientes de que há muitos pontos relevantes que permeiam o desenvolvimento das Ciências Cognitivas. Entretanto, voltaremos nossa atenção, neste estudo, para os paradigmas que se têm firmado, com maior representatividade, no universo das Ciências Cognitivas: o Simbolismo, o Conexionismo e o Atuacionismo² (Varela, 1988).

Apesar do recorte, vale ressaltar a observação de Teixeira (1998:15), segundo a qual *a Ciência Cognitiva é uma área em ebulição que ainda tenta firmar seus próprios caminhos – uma área onde o consenso ainda está muito distante*, razão pela qual, a nosso ver, os três paradigmas continuam coexistindo na orientação de pesquisas sobre a cognição humana, o que não significa que sejam as únicas orientações possíveis, embora as mais

² Em *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*, recente tradução da obra *The Embodied Mind*, de Varela, Thompson e Rosch (1991), o termo *enactement*, comumente traduzido, na Academia brasileira, como *enatismo*, é vertido como *atuacionismo*. Optamos pelo uso deste termo, licenciado pela tradução oficial da obra em língua portuguesa.

validadas, principalmente os paradigmas simbólico e conexionista, se tomarmos como referência o volume de estudos realizados sob as duas orientações.

A efervescência das Ciências Cognitivas pode, na verdade, ser ilustrada com a recente proposta de Gilles Fauconnier e Mark Turner, conhecida como Teoria da Mesclagem Conceitual, que faz uma abordagem da mente humana com enfoque no domínio da imaginação. Essa teoria, da qual trataremos no Capítulo 4, será um dos aportes para a análise do *corpus* selecionado para o presente estudo.

1.1.1 O simbolismo

O paradigma simbólico, também conhecido como cognitivismo, instaura-se, em 1956, nas Ciências Cognitivas, a princípio na Inteligência Artificial (IA)³, tendo como precursores Herbert Simon, Noam Chomsky, Marvin Misky e John McCarthy.

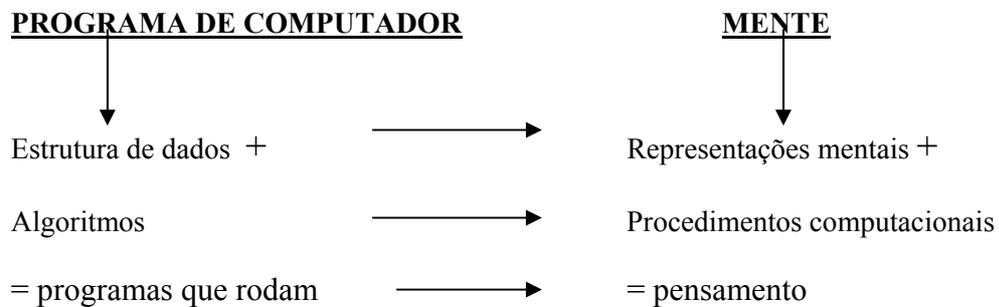
O pressuposto central que orienta o simbolismo, com alicerce na Cibernética, é a visão da mente como um programa computacional, firmando-se a hipótese de que a replicação da mente estaria condicionada ao desenvolvimento de um programa computacional que permitisse a sua simulação. Os principais delineamentos desse programa incluem, segundo Teixeira (1998), os seguintes pontos: a) a concepção de mente como um processador de informações; b) a representação da informação na forma de símbolos; c) a combinação de símbolos entre si por meio de um conjunto de regras; d) o funcionamento da mente (ou do cérebro) de modo semelhante ao de uma máquina de Turing, ponto este que merece maiores esclarecimentos.

De acordo com Teixeira (1998), as noções de algoritmo e de máquina de Turing⁴ foram essenciais para o desenvolvimento da Ciência da Computação e o posterior desenvolvimento das Ciências Cognitivas. Alan Turing instituiu a concepção de algoritmo como um processo ordenado por regras, que dita os procedimentos para a resolução de um determinado problema, ou seja, uma espécie de receita para se fazer algo, e, na tentativa de expressar matematicamente a noção de algoritmo, inventou uma máquina, conhecida como máquina de Turing, *um dispositivo virtual que reflete o que significa seguir os passos de um algoritmo e efetuar uma computação* (Teixeira, 1998:22). Isto se tornou, na história da Matemática, a melhor formalização da noção de algoritmo.

³ Para Varela, Thompson e Rosch (2003), a Inteligência Artificial (IA) consiste na construção literal da hipótese cognitivista.

⁴ *A Ciência da computação ensaiava seus primeiros passos na década de 30, a partir dos trabalhos do matemático inglês Alan Turing, mas a possibilidade de construir computadores digitais só veio anos mais tarde com John von Neumann* (Teixeira, 1998:11).

O esquema abaixo, adaptado de Teixeira (1998:45), mostra, de forma sintética, como se configura a analogia entre programa de computador e mente, isto é, a compreensão da estrutura do computador como um modelo aproximado da mente humana.



Assim, segundo a perspectiva do paradigma simbólico, a mente é concebida como *um dispositivo lógico que pode ser descrito por meio de um conjunto de computações abstratas, onde o que importa são as propriedades formais dos símbolos que são manipulados* (Teixeira, 1998:43). A cognição humana depende, portanto, da manipulação de representações simbólicas, por meio de processos diversos que se assemelham a regras, sendo a distinção entre os seres humanos e os outros animais dada pela capacidade de produção e manipulação de símbolos. Mas a inteligência é vista, nesse enfoque, de forma mais geral, como a capacidade de resolver problemas (Teixeira, 1998). Conduzido sob esses pressupostos, o simbolismo procura dar conta da forma como os conteúdos mentais estão representados, quer por representações analógicas, quer por proposições, assim como da descrição de como tais representações são manipuladas pelas várias regras.

Dias (2000:34) argumenta que um dos maiores desafios do simbolismo é *definir como representar o conhecimento e as operações feitas com base nele e em sua representação*. Para tal, esse modelo tem utilizado a elaboração de formalismos de representação de conhecimento, constituídos, em geral, pelos seguintes elementos: *unidades que representam algo, ou seja, uma base de dados ou um vocabulário; um conjunto de regras que relacionam as unidades; e um conjunto de condições de aplicação das regras* (Dias, 2000:35). Essas regras operam numa estrutura de dados e produzem uma simulação de inteligência. Temos, como exemplo de formalismos simbólicos, os usados pelos modelos gerativistas, tanto na descrição das línguas naturais quanto na montagem de sistemas computacionais de processamento de dados lingüísticos. Há de se convir que os formalismos simbólicos são, sem dúvida, modelos dotados de um alto nível de abstração.

No decorrer dos anos, muitos avanços teóricos e aplicações tecnológicas têm sido registrados sob o lastro da orientação simbolista, dentre eles, os sistemas especialistas, a robótica e o processamento de imagem. As vantagens dos sistemas simbólicos, na concepção de Dias (2000), dizem respeito ao fato de que podem atingir altos níveis de abstração, acrescer-se de novos símbolos ou estruturas e ter, ainda, mecanismo de recursão. Não obstante, apesar dessas vantagens e da relativa supremacia do modelo simbólico, alguns problemas figuram em torno desse ponto de vista, no que diz respeito, por exemplo, a um inapto tratamento nas explicações das cognições complexas (e.g., tarefa de dirigir um carro) e a uma abordagem não satisfatória da questão de como os processos cognitivos são operacionalizados dentro do cérebro (Eysenck e Keane, 1994). Além disso, a noção-chave de representação ou “intencionalidade”⁵ é crucial para o paradigma simbólico.

O argumento cognitivista é que o comportamento inteligente pressupõe a habilidade para representar o mundo como sendo de determinadas formas. Conseqüentemente, só podemos explicar o comportamento cognitivo se assumirmos que um agente age representando padrões relevantes de uma situação. O comportamento do agente será bem sucedido enquanto sua representação de uma situação for precisa, permanecendo todos os outros aspectos iguais (Varela, Thompson e Rosch, 2003:56).

Assim sendo, para os autores, a noção de representação, tal qual assumida pelos cognitivistas, não tem gerado discordâncias. A grande controvérsia é o postulado cognitivista de que a única forma pela qual podemos explicar a inteligência e a intencionalidade é por meio da hipótese de que a cognição consiste na ação baseada em representações fisicamente realizadas sob a forma de um código simbólico no cérebro ou em uma máquina (Varela, Thompson e Rosch, 2003:56).

1.1.2 O conexionismo

O paradigma conexionista, também conhecido como processamento paralelo distribuído (ou processamento em distribuição paralela), tem, assim como o simbolismo, suas origens mais remotas na Cibernética. Na verdade, o conexionismo surge de uma segunda vertente do movimento cibernético, a qual vislumbrava uma outra possibilidade no projeto de simulação das atividades mentais, que se daria por intermédio do estudo do cérebro humano. Entretanto, somente a partir da década de 1980, com os trabalhos de Hinton e Anderson e Rumelhart e McClelland, esse modelo cognitivo passou a ter uma maior difusão (Teixeira, 1998).

⁵ Termo filosófico (*aboutness*) que significa *aquilo de que essa representação trata* (Varela, Thompson e Rosch, 2003:56).

O conexionismo, na tentativa de construção de um modelo de mente mais aproximado de sua realidade biológica, toma como base a estrutura do cérebro e o seu funcionamento e, para tal propósito, utiliza-se de modelos computadorizados compostos por redes de unidades semelhantes a neurônios. Esse paradigma define a cognição como a *emergência de estados globais numa rede de componentes simples*⁶ (Varela, 1988:76), de modo que, assim sendo, o conhecimento ocorre em paralelo, estando as representações distribuídas em unidades neurais. Teixeira (1998:85) argumenta que uma forte analogia entre os modelos conexionistas e o cérebro é estabelecida na medida em que, em ambos, *a informação estocada pode subsistir apesar da destruição de alguns neurônios*, ou seja, considerando que a informação está distribuída pelo sistema, ela não se perde tão facilmente.

Segundo Teixeira (1998), embora os sistemas conexionistas e simbólicos sejam ambos computacionais, divergem quanto à idéia de computação que a eles subjaz. Com efeito, na concepção simbólica, a computação é tida essencialmente como *a transformação de símbolos de acordo com regras – regras que estão estabelecidas num programa* (Teixeira, 1998:84), enquanto para o conexionismo a idéia de computação tem como princípio *um conjunto de processos causais através dos quais as unidades se excitam ou se inibem sem empregar símbolos ou tampouco regras para manipulá-los* (Teixeira, 1998:84). Dessa forma, no conexionismo,

abandona-se a idéia de uma mente que executa passos algorítmicos discretos (como uma máquina de Turing) e a suposição de que processos mentais seriam uma justaposição inferencial de raciocínios lógicos. Em vez, o que temos é um conjunto de neurônios artificiais para modelar a cognição, neurônios cujo peso de conexão sináptica pode ser alterado através da estimulação positiva ou negativa da conexão [...]. Cada neurônio tem um valor de ativação, e cada sinapse que chega até ele tem uma força, positiva ou negativa, de conexão (Teixeira, 1998:84).

Teixeira (1998) chama também a atenção para o uso, num sistema conexionista, do termo “representação”, cuja acepção difere da empregada pelo modelo simbólico, que concebe a existência de um nível representacional abstrato simbólico. Consoante o autor, *representar, num sistema conexionista, significa estabelecer relações entre unidades ou neuron-like-units⁷ - relações que podem ser expressas matematicamente na forma de um conjunto de equações* (Teixeira, 1998:91-92).

⁶ La emergencia de estados globales en una red de componentes simples.

⁷ Unidades de processamento semelhantes a neurônios.

De forma geral, as redes conexionistas, definidas como *sistemas complexos de unidades simples que se adaptam ao seu meio ambiente* (Teixeira, 1998:91) dividem-se em duas grandes classes, conforme o tipo de representação que utilizam: a das representações locais e a das representações distribuídas. Embora a diferença entre essas classes possa ter uma utilidade apenas heurística (cf. Eysenck e Keane, 1994:216), pode-se dizer, de forma simplificada, que há uma representação local *quando uma unidade corresponde a um objeto, um conceito ou uma hipótese* (Dias, 2000:37), tendo uma interpretação bem definida. Por outro lado, a representação é distribuída, ocorrendo em paralelo, quando uma unidade participa da representação de diferentes itens e, *ao mesmo tempo, cada item é representado por um padrão de atividade sobre diversas e diferentes unidades* (Dias, 2000:37), ficando a interpretação condicionada à consideração de um conjunto de unidades. Um exemplo do primeiro tipo seria, segundo Teixeira (1998), o caso em que uma determinada unidade só pudesse ser ativada se e somente se o *input* fosse a cor vermelha, podendo ser interpretada como significando ‘vermelho’. Já no segundo tipo, considerando a mesma situação do exemplo anterior, uma unidade poderia fazer parte de diferentes representações, estando ativada não só na presença do vermelho, mas também na presença do alaranjado.

Eysenck e Keane (1994), ao traçarem um paralelo entre os paradigmas simbólico e conexionista, apontam que este tem várias vantagens sobre aquele. É que, para eles, os esquemas conexionistas: a) representam informações sem recorrência a entidades simbólicas, como as proposições, representando a informação de modo subsimbólico em representações distribuídas; b) têm o potencial de modelar comportamentos complexos, sem necessariamente fazer uso de grandes conjuntos de regras proposicionais explícitas; c) possibilitam teorias da cognição que mapeiam diretamente detalhes do substrato neurofisiológico, por meio do uso de unidades de processamento semelhante a neurônios. Por outro lado, também são apontadas desvantagens para o modelo conexionista, tanto que Dias (2000:39) argumenta que, nesse modelo, *ainda não foram desenvolvidos formalismos que se prestem, eficientemente e em vários níveis, a algumas aplicações, como o tratamento de línguas naturais*. Ademais, o caráter extremamente abstrato dos modelos conexionistas representa, na visão da autora, sua maior desvantagem.

No que concerne, ainda, à relação entre os paradigmas simbólico e conexionista, há uma corrente que se posiciona a favor de que as representações simbólicas e as conexionistas sejam vistas como complementares, e não como antagônicas. Varela (1988:79), um dos partidários desse ponto de vista, argumenta, sem apresentar nenhum exemplo

concreto, que esses modelos constituem *dois enfoques, um ascendente e outro descendente, que se deveriam unir pragmaticamente de um modo misto, ou simplesmente deveriam ser usados em diferentes níveis ou etapas*⁸. Assim sendo, o autor afirma que a principal relação entre esses dois paradigmas é de “inclusão”, na qual considera os símbolos como *uma descrição de propriedades que, em última instância, estão encaixados dentro de um sistema distribuído subjacente*⁹ (Varela, 1988: 80).

Varela (1988) sugere então, como possibilidade concreta, uma aliança entre um cognitivismo menos ortodoxo e a visão conexionista, que considera as regularidades simbólicas como emergentes de processos distribuídos paralelos, pois, para ele, essa união produziria resultados visíveis, podendo converter-se numa tendência dominante nas Ciências Cognitivas, durante muitos anos. Contrário ao pensamento de Varela (1988), Teixeira (1998) advoga que o conexionismo instaura uma nova concepção do funcionamento mental, a qual difere da visão cartesiana, pressuposta pelo simbolismo, ou seja, uma dualidade entre *software* e *hardware* como metáfora na concepção das relações mente/cérebro. Para ele, embora os sistemas conexionistas possam também ser simulados em computadores digitais, existe uma dessemelhança paradigmática entre as concepções simbólica e conexionista: o conexionismo enfatiza a importância da arquitetura física (*hardware*) utilizada na simulação da atividade mental, ao passo que o simbolismo concebe a mente como *um enlace de representações que realiza um algoritmo e que pode ser instanciado em qualquer tipo de substrato físico, independente de sua arquitetura específica* (Teixeira, 1998:104). Além disso, o conexionismo, segundo o autor, representa uma aposta numa teoria materialista¹⁰ da mente, ao conceber os estados mentais como estados materiais que emergem da atividade das redes e suas conexões, ao contrário da visão funcionalista¹¹ tradicional, defendida pelo simbolismo, em que se faz a atribuição dos estados mentais a estados do *hardware*.

⁸ (...) que se trata de dos enfoques, uno ascendente y otro descendente, o que se deberían unir pragmáticamente, de um modo mixto, o que simplemente se deberían usar en diferentes niveles o etapas.

⁹ (...) una descripción más elevada de propiedades que en última instancia están encastradas en un sistema distribuido subyacente.

¹⁰ Segundo a visão materialista, tanto a mente quanto o corpo podem se explicados a partir de leis físicas.

¹¹ Segundo Teixeira (1998: 48-49), “o funcionalismo [...] sustenta que estados mentais são definidos e caracterizados pelo papel funcional que eles ocupam no caminho entre o *input* e o *output* de um organismo ou sistema. Este papel funcional caracteriza-se seja pela interação de um estado mental com outros que estejam presentes no organismo ou sistema, seja pela interação com a produção de determinados comportamentos. O funcionalismo consiste, assim, num nível de descrição no qual é possível abster-se ou suspender-se considerações acerca da natureza última do mental, isto é, se ele é ou não, em última análise, redutível a uma estrutura física específica.”

Conforme já foi dito, as Ciências Cognitivas constituem uma área de estudos em ebulição, de modo que o consenso entre uma possível fusão dos paradigmas simbólico e conexionista, como sugere Varela (1988), ainda se faz distante. Ademais, é o próprio Varela quem desencadeia uma nova polêmica acerca desses paradigmas, ao propor a orientação atuacionista, valendo-se do argumento de que tanto o simbolismo quanto o conexionismo são desprovidos de algumas dimensões essenciais à cognição. Ele mesmo aduz que *é preciso insistir em uma orientação totalmente distinta das Ciências e Tecnologias da Cognição (CTC), nascida de uma insatisfação mais profunda do que a busca do paralelismo distribuído, e mais relacionada com os próprios alicerces dos sistemas representacionais*¹² (Varela, 1998: 88).

1.1.3 O atuacionismo

O paradigma atuacionista, oriundo da Escola Chilena e representado, entre outros nomes, por Francisco Varela, Humberto Maturana e Eva Thompson, emerge de uma insatisfação profunda com alguns pressupostos até então defendidos pelo simbolismo e pelo conexionismo. Para Varela (1988), essa insatisfação diz respeito, sobretudo, à total ausência do senso comum que tem prevalecido na definição de cognição assumida por esses paradigmas. Assim, *ou se fala de elementos informativos a ser captados como traços do mundo (como as formas e as cores), ou bem se encara uma situação definida de resolução de problemas, que implica um mundo também definido*¹³ (Varela, 1988:89). É certo que, nos respectivos modelos, *a idéia de cognição continua envolvendo o conceito de representação de um mundo externo que já se encontra predefinido* (Teixeira, 1998:143). De certa forma, a referida idéia está atrelada à tradição filosófica ocidental que defende a compreensão do conhecimento como espelho da natureza, conforme trataremos posteriormente.

Para Varela (1988), esse enfoque de cognição, quando consideramos a forma como transcorre a nossa atividade cognitiva no cotidiano, é demasiadamente limitado.

Precisamente, a maior capacidade da cognição viva consiste, em grande medida, em colocar as questões relevantes que vão surgindo em cada momento de nossa vida. Essas questões não são predefinidas, mas atuadas: emergem a partir de um

¹² Es preciso insistir en una orientación totalmente distinta de las CTC, nacida de una insatisfacción más profunda que la búsqueda del paralelismo distribuido, y más relacionada con los cimientos mismos de los sistemas representacionales.

¹³ Se habla de elementos informativos a ser captados como rasgos del mundo (como las formas y colores), o bien se encara una definida situación de resolución de problemas que implica un mundo también definido.

*background de ação, e relevante é aquilo que o nosso senso comum julga como tal, sempre dentro de um contexto*¹⁴ (Varela, 1988:89).

Nesse sentido, o atuaçãoismo fundamenta-se na concepção da circularidade do conhecimento, na qual o ambiente e o sujeito são inseparáveis. A cognição não é tomada como a representação de um mundo pré-dado, realizada por uma mente também pré-dada. Entende-se que o conhecimento é proveniente do fato de o sujeito pertencer a um mundo inseparável de seu corpo, de sua linguagem e de sua história social. A cognição é vista como *ação efetiva: história do acoplamento estrutural que faz emergir um mundo*¹⁵ (Varela, 1988:109). Ou seja, é a ação dos agentes cognitivos que faz emergir o mundo, e essa ação, por sua vez, precede o surgimento da própria representação (Teixeira, 1998). Assim, para o atuaçãoismo, *se o mundo em que vivemos vai surgindo ou é modelado, em vez de ser predefinido, a noção de representação já não pode desempenhar um papel protagônico*¹⁶ (Varela, 1988:90), como ocorre nos paradigmas simbólico e conexionista.

Para Varela (1988), a linguagem é uma importante zona de influência da orientação atuaçãoista. A atividade de comunicação, nesse enfoque, não se configura como a transmissão de informação de um emissor a um receptor. Segundo ele, *a comunicação se converte na modelação mútua de um mundo comum através de uma ação conjunta: o ato social da linguagem dá existência a nosso mundo*¹⁷ (Varela, 1988:111-112).

Bonini (2002) afirma que um outro aspecto importante, em se tratando do modelo atuaçãoista, é que este se configura como uma abordagem mais promissora para o estudo da consciência, incidindo diretamente na questão da intencionalidade, ponto crítico dos modelos simbólico e conexionista. O conceito de inteligência, adotado por esse paradigma, também diverge da concepção dos demais paradigmas já apresentados. A inteligência *deixa de ser a capacidade de resolver um problema e passa a ser a capacidade de entrar em um mundo de significado compartilhado* (Varela, Thompson e Rosch, 2003:210-211).

No que diz respeito, ainda, à crítica que a Escola Chilena faz à noção de representação, Teixeira (1998:144) considera que essa objeção consta de dois enfoques: *uma*

¹⁴ Precisamente la maior capacidad de la cognición viviente consiste en gran medida en plantear las cuestiones relevantes que van surgiendo en cada momento de nuestra vida. Non son predefinidas sino enactuadas: se la hace emerger desde un trasfondo, y lo relevante es aquello que nuestro sentido común juzga como tal, siempre dentro de un contexto.

¹⁵ Acción efectiva: historia del acoplamiento estructural que enactúa (hace emerger) un mundo.

¹⁶ Si el mundo em que vivimos va surgiendo o es modelado en vez de ser predefinido, la noción de representación ya no puede desempeñar un papel protagónico.

¹⁷ La comunicación se convierte en la modelación mutua de un mundo común a través de una acción conjunta: el acto social del lenguaje da existencia a nuestro mundo.

crítica à arquitetura de sistemas baseados em representações e uma crítica filosófica à utilização da noção de representação como fundamento da cognição. Esses aspectos se vinculam, respectivamente, ao fato de que os sistemas representacionistas não são capazes de alcançar o senso comum, uma vez que partem da simulação de atividades cognitivas superiores (e.g., linguagem, raciocínio matemático), e ao fato de que as Ciências Cognitivas, ao tomarem como fundamento a noção de representação, caminharam em sentido contrário à Filosofia.

É fato inconteste que as Ciências Cognitivas herdaram os pressupostos da teoria clássica da representação¹⁸, que vê a mente como algo distinto e separado do mundo, sustentando a sua imaterialidade. Assim sendo, essa área de estudos desenvolveu uma concepção de cognição e de “modelo computacional da mente” como computações de representações simbólicas. No século passado, conforme diz Teixeira (1998:146), a própria Filosofia envidou esforços para *desmantelar a noção de representação e evitar o mentalismo*¹⁹ nas suas concepções sobre o conhecimento. Contudo, as Ciências Cognitivas ignoraram a evolução da disciplina que lhe serviria de fundamento, incorrendo *na ilusão ingênua de que a consolidação de uma disciplina como científica implica uma recusa positivista em discutir seus fundamentos filosóficos* (Teixeira, 1998:145-146). Tal postura, na visão de Teixeira (1998), pode custar caro às Ciências Cognitivas, a ponto de comprometer o seu futuro como programa de pesquisa.

Varela (1988), numa abordagem dos paradigmas descritos, argumenta que esses enfoques mantêm relações entre si por imbricações sucessivas, comparadas a caixas chinesas. Dessa forma, para ele, *assim como o connexionismo nasceu do cognitivismo inspirado em um contato mais estreito com o cérebro, a orientação atuacionista dá um passo mais adiante na mesma direção para abarcar também a temporalidade da vida, tratando de uma espécie (evolução), do indivíduo (ontogenia) ou da estrutura social (cultura)*²⁰ (Varela, 1988:110). Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que esses enfoques, vistos como níveis de descrição, têm utilidade dentro do seu próprio contexto. No entanto, na sua opinião, *se nossa tarefa consiste em compreender a origem da percepção e da cognição tal como as*

¹⁸ Abordaremos esse ponto, em maiores detalhes, no Capítulo 3.

¹⁹ A visão mentalista, segundo Teixeira (1998:46), *sustenta que a mente não é material, tampouco os objetos físicos com os quais ela interage no mundo. Objetos físicos nada mais são do que sensações produzidas pela mente.*

²⁰ [...] así como el connexionismo nació del cognitivismo inspirado por un contacto más estrecho con el cerebro, la orientación enactiva va un paso más allá en la misma dirección para abarcar también la temporalidad del vivir, trátase de una especie (evolución), del individuo (ontogenia) o de la estructura social (cultura).

*encontramos em nossa história de vida real*²¹ (Varela,1988:120), a orientação atuacionista mostra-se como a mais abrangente, o que permite inferir que é considerada, pelo autor, como a mais produtiva.

Controvérsias à parte, reconhecemos a importância dos três paradigmas cognitivos apresentados, cada um circunscrito ao seu universo. Entretanto, neste estudo, não nos parece viável uma opção fechada por nenhum deles. Preferimos, ao invés disso, considerar os aspectos evolutivos no tratamento da cognição, a partir dos estudos realizados sob o lastro desses paradigmas, particularmente no que diz respeito à evolução do conceito de mente desincorporada para o de mente incorporada, com o qual trabalharemos, o que não significa uma total recusa aos procedimentos e conceitos fundados pelos paradigmas simbólico e conexionista. Como veremos no Capítulo 4, a teoria da mesclagem conceitual, eleita como modelo de análise para este estudo, tem como um de seus princípios a concepção de mente incorporada, embora se utilize, na construção de seu modelo, de conceitos de base tanto simbólica quanto conexionista. E, o que parece mais interessante, dá um passo à frente, ao considerar que os seres humanos são mais do que máquinas, porque são dotados da faculdade da imaginação, que lhes confere um enorme poder de criatividade. Da mesma forma, a teoria da metáfora conceitual, outro componente da fundamentação teórica deste estudo, igualmente lida com uma concepção de mente incorporada, dentro de uma posição filosófica rotulada por seus autores como uma visão experiencialista da cognição humana, da qual trataremos posteriormente.

Feitas essas considerações, doravante o nosso interesse convergirá para o estudo de um processo cognitivo básico para o ser humano. Ou seja, a *atividade de categorização*, que concerne à habilidade humana de segmentar o infinito número de estímulos encontrados no mundo em categorias acessíveis e facilmente manipuláveis.

1.2 A categorização

Por intermédio da categorização, o indivíduo ordena o seu meio ambiente, tratando como equivalentes estímulos diferentes, mas que mantêm relações entre si. Assim sendo, a habilidade de categorização permite que o indivíduo interaja significativamente com um número diverso e infinito de situações e objetos a ele expostos, de modo que a vida se

²¹ [...] si nuestra tarea consiste em comprender el origen de la percepción y la cognición tal como las encontramos en nuestra historia vivida real ...

tornaria um caos se o homem não possuísse tal habilidade, uma vez que não se poderia aplicar o conhecimento apreendido para lidar com novas situações. Disso se infere que a habilidade de categorização é também cognitivamente econômica.

A concepção da atividade de categorização é, ainda, atravessada pelos conceitos de mente desincorporada e mente incorporada, ditados, nesse caso, pela visão de correntes filosóficas que congregam posicionamentos divergentes quanto à natureza da razão. Por oportuno, discutiremos apenas duas dessas correntes, que tomam a atividade de categorização como o principal meio utilizado para dar sentido à experiência, a saber, o objetivismo e o experiencialismo.

1.2.1 Filosofia e cognição: objetivismo e experiencialismo

A polêmica em torno da natureza do conhecimento é antiga, suscitando questões as mais diversas, cujas tradicionais respostas, durante um longo período da história, foram aceitas como verdades absolutas. Contudo, as pesquisas mais recentes, no âmbito das Ciências Cognitivas, contestam, como vimos na seção anterior, muitas das “verdades” já cristalizadas sobre a cognição, sugerindo um novo olhar sobre o tema.

Nesse sentido, Lakoff (1987) estabelece um marco divisor nos estudos sobre a cognição humana, separando a visão tradicional, a qual denomina de objetivista, da visão experiencialista, configurada pelos estudos mais recentes sobre a cognição. Para ele, a razão, de acordo com a visão objetivista, é abstrata e não necessariamente incorporada, sendo vista como, primariamente, literal, na forma de proposições objetivamente verdadeiras ou falsas. Assim, conforme a visão objetivista,

os conceitos significativos e a razão são ‘transcendentais’, no sentido de que eles transcendem, ou vão além de, as limitações físicas de qualquer organismo. Os conceitos significativos e a razão abstrata podem ser incorporados em seres humanos, ou em máquinas, ou em outros organismos – mas eles existem abstratamente, independente de qualquer encarnação em particular²² (Lakoff, 1987:xi).

Por outro lado, a visão experiencialista tem uma base corpórea, considerando também como centrais, no estudo da cognição humana, os aspectos imaginativos da razão (i.e, metáfora, metonímia e imagens mentais), ao invés de apenas periféricos. Nesse novo ponto de vista, o sentido é *uma questão do que é significativo para o pensamento e funcionamento dos*

²² Meaningful concepts and rationality are transcendental, in the sense that they transcend, or go beyond, the physical limitations of any organism. Meaningful and abstract reason may happen to be embodied in human beings, or in machines, or in other organisms- but they exist abstractly, independent of any particular embodiment.

*seres. A natureza do organismo que pensa e a forma como ele funciona em seu meio ambiente são de interesse central para o estudo da razão*²⁸ (Lakoff, 1987:xi). A respeito do experiencialismo, convém ainda ressaltar que Varela, Thompson e Rosch (2003:182), adeptos do modelo atuacionista, entendem que o tema central da abordagem experiencialista *parece compatível com a visão de cognição como atuação*, tese em prol da qual esses autores argumentam.

1.2.2 A categorização à luz do objetivismo

Na visão objetivista, a categorização vincula-se à teoria clássica, que define as categorias em termos de propriedades comuns compartilhadas por seus membros. Ademais, as categorias podem ainda ser vistas como tendo existência própria no mundo, sendo definidas somente pelas características de seus membros, não se levando em conta qualquer característica humana.

Para Lakoff (1987), um bom motivo para a visão objetivista fazer uso da teoria clássica das categorias diz respeito aos aspectos seguintes: a) os símbolos geralmente adquirem significado somente por meio de sua capacidade de manter correspondência com as coisas; da mesma forma, os símbolos de categorias têm o seu significado viabilizado na correspondência com as categorias do mundo; b) a relação de correspondência entre símbolo e objeto, definidora do significado, pode ser independente das peculiaridades do corpo e da mente, existindo ocorrência similar na relação de correspondência entre símbolo e categorias. Em suma, segundo o autor, a teoria clássica da categorização serve exatamente aos propósitos do objetivismo, *uma vez que define as categorias somente em termos de propriedades compartilhadas por seus membros e não em termos das peculiaridades do conhecimento humano*²³ (Lakoff, 1987:8).

Lakoff (1987) argumenta, ainda, que a teoria clássica não resultou de estudos empíricos, não tendo sido objeto de maior discussão, podendo ser vista mais como uma posição filosófica que, durante séculos, constituiu-se como ponto pacífico na maioria das disciplinas eruditas. *Na verdade, até muito recentemente, a teoria clássica das categorias não era nem mesmo imaginada como uma ‘teoria’. Na maioria das disciplinas, ela era*

²⁸ In the new view, meaning is a matter of what is meaningful to thinking, functioning beings. The nature of the thinking organism and the way it functions in its environment are central concern to the study of reason.

²³ ... since it defines categories only in terms of shared properties of the members and not in terms of peculiarities of human understanding

*configurada não como uma hipótese empírica, mas como uma verdade inquestionável e definitiva*²⁴ (Lakoff, 1987:6).

O autor pondera ainda que, mesmo num passado recente (último século findo), a razão continuou sendo compreendida, por muitos filósofos e psicólogos, como a manipulação mecânica de símbolos abstratos, os quais não detêm o significado em si próprios, mas o adquirem por meio da capacidade de manter correspondência com coisas dentro do mundo real ou em possíveis estados do mundo.

O questionamento da concepção clássica das categorias é fundamental dentro do ponto de vista experiencialista, implicando também um questionamento sobre a concepção da mente como metáfora computacional. Para o experiencialismo, a razão humana não pode ser restrita à manipulação de símbolos abstratos, embora não se negue que certos aspectos da razão possam ser artificialmente isolados e modelados pela manipulação de símbolos abstratos, assim como algumas partes da categorização humana se podem validar pela teoria clássica (Lakoff, 1987). Não obstante, uma teoria que contemple apenas subpartes da razão e da atividade de categorização não pode ser satisfatória, já que é necessária abordagem mais ampla, conforme propõe o experiencialismo, que abranja tanto a experiência quanto a imaginação humana.

1.2.3 A categorização à luz do experiencialismo

Segundo a visão experiencialista, os sistemas conceituais são organizados em termos de categorias, e grande parte — e por que não dizer todo o nosso pensamento — envolve essas categorias. Porém, os fundamentos dessas categorias conceituais diferem daqueles adotados pela visão objetivista, o que implica, também, uma percepção diferente da razão humana que, dentre outros aspectos e a partir de evidências provenientes dos estudos sobre a forma como as pessoas usam a atividade de categorização, passa a ser compreendida como incorporada e imaginativa. Nesse enfoque, a base de nossos sistemas conceituais está na percepção, no movimento corporal e na experiência realizada tanto no ambiente físico como no ambiente social. Os conceitos não fundamentados diretamente na experiência vinculam-se ao emprego da metáfora, da metonímia e das imagens mentais, indo além de uma representação especular da realidade externa, de forma que a capacidade imaginativa deve ser vista como indiretamente corporal, posto que as metáforas, as metonímias e as imagens mentais são também baseadas, freqüentemente, na experiência. Além disso, *é essa*

²⁴ In fact, until very recently, the classical theory of categories was not even thought of as a “theory”. It was taught in most disciplines not as an empirical hypothesis but as an unquestionable, definitional truth.

*capacidade imaginativa que leva em conta o pensamento ‘abstrato’ e conduz a mente além do que nós podemos ver e sentir*²⁵ (Lakoff, 1987:xiv). De uma maneira menos óbvia, o caráter imaginativo do pensamento emerge cada vez que categorizamos alguma coisa de uma forma que não espelha a natureza, utilizando capacidades humanas imaginativas gerais. Por isso, Lakoff (1987) defende que

*sem a habilidade de categorização, nós não poderíamos funcionar em plenitude, nem no mundo físico nem em nossa vida social e intelectual. O entendimento de como categorizamos é fundamental para o entendimento de como pensamos e como funcionamos, e portanto, fundamental para uma compreensão do que nos torna humanos*²⁶ (Lakoff, 1987:6).

Lakoff (1987) também chama a atenção para o fato de que a maior parte da atividade de categorização se processa de forma automática e inconsciente. Com efeito, categorizamos pessoas, animais e objetos físicos automaticamente, o que, na maioria das vezes, conduz à falsa impressão de que categorizamos as coisas justamente como elas são e de que nossas categorias mentais naturalmente se ajustam aos tipos de “coisas” que existem no mundo, numa perfeita relação de correspondência. A inconsistência desse pressuposto diz respeito à questão de que boa parte de nossas categorias simplesmente não são categorias de “coisas”, mas categorias que representam entidades abstratas, tais como eventos, ações, emoções, relações espaciais e sociais, bem como outras entidades abstratas de um enorme alcance. Nesses termos, segundo Lakoff (1987), qualquer descrição adequada do pensamento humano precisa propiciar uma teoria que englobe todas as categorias, tanto as concretas quanto as abstratas.

Outro aspecto importante na concepção das categorias, sob a ótica experiencialista, é que os conceitos possuem uma estrutura global, não sendo atomísticos, ou seja, tal estrutura vai além de um mero agrupamento de blocos conceituais por meio de regras gerais. Ademais, considerando que o pensamento também tem uma estrutura ecológica, a eficiência do processo cognitivo depende tanto da estrutura global do sistema conceitual quanto do significado dos conceitos, o que justifica a crítica de que o pensamento é muito mais do que a manipulação mecânica de símbolos abstratos.

Para Lakoff (1987), os estudos contemporâneos sobre a categorização (Rosch e colaboradores), conforme trataremos posteriormente, evidenciam que essa matéria é mais

²⁵ It is this imaginative capacity that allows for “abstract” thought and takes the mind beyond what we can see and feel.

²⁶ Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what make us human.

complexa do que sugere a visão clássica, urgindo a substituição desse ponto de vista por concepções que sejam não somente mais precisas, mas também mais humanas. Segundo o autor, esses estudos, tomados em conjunto, parecem prover evidências favoráveis à visão experiencialista, em contraposição à visão objetivista.

*Evidências de que a mente é mais do que um mero espelho da natureza ou um processador de símbolos, que não é acidental para a mente que nós temos corpos, e que a capacidade para a compreensão e significação de pensamentos vai além do que qualquer máquina pode fazer*²⁷ (Lakoff, 1987:xvii).

Entendemos que o processo de categorização não pode ficar restrito à visão objetivista, uma vez que essa vertente, do ponto de vista dos nossos objetivos, apresenta-se bastante limitada, ao tempo em que contraria o nosso princípio de trabalho com a concepção de cognição incorporada. De forma que seria pouco provável falar de (re)categorização metafórica, nosso objeto de estudo, seguindo tal linha de pensamento, que se molda numa visão especular da natureza da cognição. Assim, a visão experiencialista mostra-se mais propícia aos nossos objetivos, uma vez que trabalha a natureza do conhecimento numa perspectiva muito mais ampla, na qual prevalece o entendimento de que a razão humana é incorporada e imaginativa, compreendendo-se que a categorização não pode ser vista simplesmente como uma matéria do intelecto, pois *ela é parte daquilo que nossos corpos e cérebros estão constantemente envolvidos em fazer*²⁸ (Lakoff e Johnson, 1999:19). Abre-se espaço, então, para estudos do tipo deste, que agora empreendemos.

Como a atividade de categorização está diretamente vinculada à formação de conceitos, julgamos necessário apresentar as diferentes concepções sobre a natureza dos conceitos. Antes, porém, é importante definir esse termo. Para tanto, recorreremos a Lakoff e Johnson (1999), que definem os conceitos como *estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias e raciocinar sobre elas*²⁹ (Lakoff e Johnson, 1999:19).

1.2.4 Concepções sobre a natureza dos conceitos

Em se tratando do estudo sobre conceitos, Oliveira (1999), com base em Medin (1989), relata que a história das pesquisas sobre esse tema passa por três diferentes fases: a da

²⁷ Evidence that the mind is more than a mere mirror of nature or a processor of symbols, that is not incidental to the mind that we have bodies, and that the capacity for understanding and meaningful thought goes beyond what any machines can do.

²⁸ It is part of what our bodies and brains are constantly engaged in.

²⁹ What we call concepts are neural structures that allows us to mentally characterize our categories and reason about them.

concepção clássica, a da concepção prototípica e a da concepção teórica. Para a concepção clássica, os conceitos são unidades bem definidas, que podem caracterizar-se por um conjunto de “atributos de definição”. Segundo Eysenck e Keane (1994:226), essa concepção *prediz que os conceitos devem dividir os objetos individuais existentes no meio ambiente em classes distintas e que os limites entre as categorias devem ser bem definidos e rígidos*. Para uma melhor compreensão desse ponto de vista, tomemos, por exemplo, como atributos de definição do conceito “casado”, o conjunto {sexo masculino; não-solteiro; adulto}. Se quiséssemos determinar que José é uma instância do conceito “casado”, seria necessário que ele tivesse cada um dos atributos listados e suficiente que tivesse todos os três atributos, em conjunto. Melhor dizendo, para determinar se José é um membro da categoria “casado”, cada um dos atributos definidos é necessário individualmente, e todos eles são o suficiente em conjunto. Outra predição desse ponto de vista é a de que não há distinção entre os membros da categoria, já que todos eles são igualmente representativos. Assim, hipoteticamente, José não pode ser um exemplar melhor do conceito “casado” do que, por exemplo, Pedro, que também possui os mesmos atributos {sexo masculino; não-solteiro; adulto}.

Conforme visto na subseção 1.2.2, o ponto de vista clássico se insere numa teoria objetivista do significado, que concebe o mundo como composto por objetos com propriedades inerentes e relações fixas entre eles, em qualquer tempo. Aliás, Wittgenstein (*apud* Eysenck e Keane, 1994) fez relevante questionamento sobre a concepção clássica, no que se refere à existência de conceitos que parecem não ser definidos por nenhum atributo, como é o caso do conceito de jogo³⁰, que não se define por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, comprovando que nem todas as categorias têm contornos nítidos, conforme se apresenta na concepção clássica. Além disso, esse filósofo introduziu o conceito de “semelhança de família”³¹, que inspirou Eleanor Rosch a realizar estudos que culminaram com a teoria dos protótipos.

A concepção prototípica, fase seguinte, que prevaleceu até meados de 1985, surgiu na tentativa de explicar algumas das deficiências da concepção clássica. Eleanor Rosch, influenciada pelas idéias de Wittgenstein, propôs o conceito de tipicidade, segundo o

³⁰ *Existem constelações de atributos que caracterizam conjuntos de jogos (eles envolvem peças, bolas e um ou mais jogadores), mas quase nenhum atributo consegue abranger todos os membros do conceito. Membros da categoria jogo, como os rostos dos membros de uma família, trazem uma “semelhança familiar” uns com os outros, mas não compartilham de um conjunto distinto de atributos essenciais e auto-suficientes”* (EYSENCK, M., KEANE, M. *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 230).

³¹ Segundo Lakoff (1987:12), esse conceito diz respeito à idéia de que membros de uma categoria podem ser relacionados um ao outro sem que todos os membros tenham alguma propriedade em comum que defina a categoria. (The idea that members of a category may be related to one another without all members having any properties in common that define the category).

qual um conceito é aplicado a uma entidade “em um certo grau”, podendo haver casos mais típicos e casos menos típicos. Dessa forma, os conceitos têm uma estrutura de protótipos, que, segundo Rosch (1978:37), *aparecem como membros de categorias que melhor refletem a estrutura redundante da categoria como um todo*³².

Um ponto que merece destaque, nessa concepção, é a proposta de hierarquias conceituais, utilizadas pelas pessoas na representação mental das relações de inclusão de classe entre as categorias (e.g., a categoria de gato dentro da categoria de animais). Essas hierarquias conceituais são estruturadas em três níveis: o nível superordenado (e.g., mamífero), o nível básico (e.g., gato) e o nível subordinado, empregado para conceitos específicos (e.g., siamês). Para os adeptos dessa concepção, esses níveis se ajustam à forma ideal de organização de um conjunto de categorias.

Dentro dessa hierarquia conceitual, as categorias de nível básico são as mais salientes, possuindo um maior número de “atributos distintivos”, ou seja, não compartilhados com outros conceitos do mesmo nível. Pesquisas realizadas têm demonstrado que as categorias do nível básico são as primeiras a ser adquiridas pela criança, sugerindo que elas têm um processamento mais rápido do que as categorias dos demais níveis. Além disso, apontam evidências de que o nível básico é o que apresenta imagens mentais e estruturas de conhecimento mais ricas.

Não se pode negar a contribuição da concepção prototípica, que vem instigando uma série de pesquisas, em diversificadas áreas do campo científico. Não obstante, algumas críticas lhe são feitas, como, por exemplo, no que diz respeito à sua generalização, pois estudos já comprovam que nem todos os conceitos têm características de protótipos, assim como lhe falta explicação sobre a organização da coerência das categorias, que se restringe às noções de similitude.

Num paralelo entre as concepções clássica e prototípica, podemos constatar que ambas têm, como pontos de interseção, o fato de tratar os conceitos como um conjunto de propriedades, bem como a sua estruturação em taxionomias. No entanto, a concepção prototípica mostra-se como de um menor grau de determinismo quanto à pertença das categorias, ao assumir que os conceitos são de natureza gradual, o que significa que *para cada conceito existem representantes mais, ou menos típicos, e não é nítida a linha que separa os exemplares dos não-exemplares de um conceito; sempre podem existir casos limítrofes* (Oliveira, 1999:123).

³² (...) appear to be just those members of a category that most reflect te redundancy structure of the category as a whole.

A concepção teórica (Murphy e Medin, 1985), situada na fase mais recente das pesquisas sobre conceitos, considera que estes são constituídos não somente de propriedades, mas também de conjuntos de relações com outros conceitos, que são consideradas como teorias nas quais também estão presentes crenças do senso comum. Nessa concepção, o que permite a coerência conceitual são as teorias ingênuas (*naive theories*) que as pessoas têm a respeito do mundo, traduzidas como um tipo de senso comum. Assim, seus defensores consideram como insatisfatórias as abordagens clássica e prototípica, visto que as respectivas abordagens não são convincentes quanto à explicação da estrutura interna dos conceitos, bem como sobre as possíveis inter-relações.

Macedo (2002), tratando da categorização semântica, entende a concepção teórica como a que melhor explica a estruturação dos conceitos, tendo em vista que essa concepção *aponta não para a abstração de protótipos descontextualizados, mas para uma visão enciclopédica ditada pelas teorias ingênuas que as pessoas têm a respeito do mundo*. A nosso ver, a concepção teórica parece mostrar-se mais afinada com a visão experiencial da cognição, uma vez que trabalha não apenas com as propriedades dos conceitos, mas também com as relações que entre eles se estabelecem, introduzindo, em sua abordagem, o senso comum.

1.2.5 A instabilidade das categorias

Um outro ponto que merece destaque no estudo da categorização diz respeito à questão da instabilidade das categorias, forte argumento contrário à visão objetivista. Com efeito, segundo Eysenck e Keane (1994), diversos pesquisadores, dentre os quais se destaca Lawrence Barsalou, têm contestado que os conceitos são entidades estáticas e estáveis, conforme apresentados pela concepção clássica. Barsalou (*apud* Eysenck e Keane, 1994), por exemplo, tem encontrado, em seus estudos, uma série de evidências de instabilidade das categorias. Clássico, nesse sentido, é o exemplo do piano, que pode ser categorizado como um instrumento musical ou um móvel pesado, demonstrando isso que a forma como as pessoas representam um conceito altera-se em função do contexto em que é apresentado. Isso significa, segundo Eysenck e Keane (1994:258), que *os conceitos são instáveis na medida em que informações diferentes são incorporadas na representação de um conceito em diferentes situações*. Barsalou (*apud* Eysenck e Keane, 1994) diz também que a instabilidade se encontra presente até mesmo na estrutura hierárquica de exemplares de categoria da teoria de protótipos, que pode variar em função da população, do indivíduo ou de um contexto. Dessa forma, é mais freqüente que das conceituações surjam instabilidades, ao invés de estabilidades.

Mondada (1997), trazendo a discussão para o âmbito da Linguística Textual, argumenta que o componente discursivo não pode estar dissociado da atividade de categorização, existindo a necessidade de uma reorientação dos estudos já realizados. Sob essa ótica, Mondada e Dubois (1995:278)³³ assumem a fundamental instabilidade das configurações semânticas, postulando que as categorias utilizadas para descrever o mundo *são geralmente instáveis, variáveis e flexíveis*, passíveis de alterações sincrônicas e diacrônicas. Dessa forma, segundo as autoras, *as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos* (Mondada e Dubois, 1995:273). Ademais, nessa perspectiva, a atividade de categorização diz respeito, sobretudo, aos métodos utilizados pelos sujeitos para caracterizar, descrever, justificar e compreender os fenômenos da vida cotidiana.

A realidade da instabilidade das categorias pode, consoante Mondada e Dubois (1995), ser constatada tanto nos discursos comuns quanto nos discursos científicos, configurando o que elas chamam de “a instabilidade generalizada”. Registra-se, contudo, a existência de práticas que estabilizam as categorias, como a sedimentação em protótipos e estereótipos, as estratégias de fixação da referência no discurso e os recursos às técnicas de inscrição.

Embora em áreas de estudo diferentes, não é difícil se estabelecer uma ponte entre as idéias de Lakoff (1987) e de Mondada e Dubois (1995) quanto ao processo de categorização. É possível ver, dentro dos limites que se impõem a cada área, que a visão experiencialista da cognição, salvo algumas restrições motivadas pelo foco da abordagem de uma e outra área de estudo, encontra eco no posicionamento das autoras, uma vez que a postura por elas assumida implica uma concepção de categorias como produtos de interações entre os membros de uma coletividade, significando a passagem de uma cognição abstrata a uma cognição prática e contextualizada, ou seja, de uma concepção realista a uma concepção construtivista, que não tem realização presa somente a modelos, mas também a práticas linguísticas contextualizadas, ficando clara, assim, a rejeição aos pressupostos objetivistas. Apesar dessa ponte, ratificamos que os autores partem de pressupostos teóricos diferentes, pois enquanto Mondada e Dubois dão ênfase aos aspectos sociais da interação, tendendo para uma visão discursiva na construção dos sentidos, Lakoff se apega mais aos aspectos

³³ As traduções das citações do trabalho de Mondada e Dubois (1995), aqui apresentadas, são de responsabilidade da Prof^a Mônica Magalhães Cavalcante. A tradução integral do referido trabalho foi publicada recentemente em CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B., CIULLA, ALENA (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção clássicos da linguística).

cognitivos, aliando-se a uma visão voltada para um cognitivismo experiencialista, no qual o sentido emerge do sujeito, nas suas experiências com o mundo.

Neste capítulo, partimos da exposição dos paradigmas cognitivos, como forma de situar questões pertinentes a este estudo, particularmente no que se refere à visão de cognição adotada neste trabalho. Na seqüência, tratamos do processo de categorização, um dos eixos de nossa abordagem, enfatizando os principais pontos definidores dessa matéria e situando-a também quanto à visão de cognição adotada.

Considerando, no entanto, que o foco deste estudo são as (re)categorizações metafóricas, o próximo capítulo é dedicado à abordagem da metáfora, segundo os ditames da visão experiencialista da cognição.

2.1 Visão tradicional

Ortony (1980) argumenta que o fenômeno da metáfora revela-se de uma complexidade superior ao que aparenta ser. Para ele, a definição padrão de metáfora como o uso de uma palavra ou expressão que refere a um termo que normalmente não denota mostra-se insatisfatória.

É certo que várias teorias têm sido propostas, desde longas datas, a respeito da metáfora, cada uma delas a caracterizando de uma forma peculiar. Dentre essas teorias, destacam-se as seguintes: a) a da visão da substituição, segundo a qual uma palavra ou expressão metafórica substitui um termo literal; b) a da visão da comparação, que assume a metáfora como uma comparação implícita, sendo necessária uma perceptível similaridade entre os termos comparados; c) a da visão da interação, embasada no fato de que o conhecimento e os termos da metáfora (conteúdo e veículo) associados interagem para produzir um significado emergente. Segundo Ortony (1980), todas essas teorias são abordagens tradicionais no estudo da metáfora, constatando-se, nesses enfoques, uma certa supremacia da visão da comparação.

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que, nessas abordagens tradicionais, a metáfora é concebida como: a) uma estratégia da imaginação poética e uma figura de retórica; b) uma matéria da linguagem poética, ao invés da linguagem comum; c) uma matéria das palavras ao invés do pensamento ou ação. Assim sendo, a metáfora, na visão tradicional, fica restrita a uma característica da linguagem, o que gera a falsa impressão da dispensabilidade de seu uso.

Contrapondo o ponto de vista tradicional do estudo da metáfora, Lakoff e Johnson (1980) defendem que *nosso sistema conceitual comum, em termos do qual nós pensamos e*

*agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica*³⁴ (Lakoff e Johnson, 1980:3). Isso significa que a metáfora faz parte de nossa vida cotidiana, e não apenas da linguagem. Assim, a ocorrência de expressões lingüísticas metafóricas somente é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, já que a metáfora está presente, todos os dias, em nossos pensamentos e ações. Nesses termos, nossos conceitos não são apenas mentais, ou matérias do intelecto, mas também determinantes de nossas funções diárias, pois estruturam a nossa percepção, a nossa compreensão do mundo e a forma como relatamos os fatos para as outras pessoas.

Não obstante essa realidade, nem sempre o nosso sistema conceitual é ativado de forma consciente. Na verdade, pensamos e agimos de forma automática na realização de muitas de nossas ações cotidianas, ao longo de certas linhas de conduta, nem sempre muito claras. No entanto, para Lakoff e Johnson (1980), é justamente na linguagem que se encontram as evidências que permitem uma melhor identificação desse sistema. Foi, aliás, com base em evidências lingüísticas que eles constataram que grande parte de nosso sistema conceitual é de natureza metafórica, daí surgindo *a teoria da metáfora conceitual*, por eles proposta, sobre a qual discorreremos a seguir, fazendo uma abordagem de seus principais pressupostos.

2.2 Teoria da metáfora conceitual

Lakoff e Johnson lançaram, em 1980, a obra *Metaphors we live by*, erigindo muitos dos princípios e convenções da teoria hoje conhecida como teoria da metáfora conceitual. O lançamento dessa obra foi de grande importância por ter dado um novo impulso às pesquisas sobre metáfora, instigando uma revisão de dicotomias³⁵ já consagradas pelo objetivismo.

Os princípios básicos da teoria da metáfora conceitual repousam na asserção de que o nosso sistema conceitual é, em grande parte, metaforicamente estruturado e definido, o que significa que a metáfora não é apenas uma instância da linguagem, conforme preconiza a teoria clássica. Dessa forma, a teoria da metáfora conceitual tem como princípio geral a questão de que as metáforas conceituais são fundamentadas em correlações que ocorrem dentro da experiência.

³⁴ Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.

³⁵ À guisa de ilustração, podemos citar as dicotomias literal/metafórico e linguagem literária/linguagem cotidiana.

Lakoff (1993) aduz que os princípios gerais que regem as expressões poéticas metafóricas não estão na linguagem, mas no pensamento. Tais princípios podem ser definidos como mapeamentos gerais através de domínios conceituais, designados como domínio-alvo e domínio-fonte. Todavia, esses princípios, que dão conformação ao mapeamento conceitual, aplicam-se não somente a expressões poéticas, mas também à linguagem comum, usada no cotidiano, incluindo-se, nesse conjunto, entre outros, conceitos abstratos como “tempo”, “estado”, “mudança”, “causalidade” e “propósito”, que também podem ser usados metaforicamente. O autor argumenta, ainda, que *o lugar da metáfora não está na linguagem, mas na forma como conceituamos um domínio mental em termos de um outro*³⁶ (Lakoff, 1993:203). Sob essa ótica, a metáfora exerce um papel central na definição dos sentidos da linguagem usada no dia-a-dia, sendo *o estudo da metáfora literária considerado como uma extensão do estudo da metáfora do cotidiano*³⁷ (Lakoff, 1993:203).

Consoante a proposição da teoria da metáfora conceitual, Lakoff e Johnson (1999) defendem o argumento de que a nossa vida mental subjetiva tem um enorme alcance e riqueza, o que significa que somos capazes de realizar julgamentos subjetivos sobre coisas abstratas, assim como ter experiências também subjetivas. Quanto mais ricas forem essas experiências, maior será a probabilidade de que a forma como conceituamos, visualizamos e raciocinamos sobre essas experiências seja proveniente de outros domínios da experiência – os domínios sensório-motores. O mecanismo cognitivo utilizado em tais conceituações é exatamente o que os autores definem como metáfora conceitual, *a qual nos permite usar a lógica física da percepção de se agarrar um objeto para raciocinar sobre a compreensão*³⁸ (Lakoff e Johnson, 1999:45). Podemos assim, por meio da metáfora, ter uma imagem mental convencional proveniente de domínios sensório-motores, a ser usada por domínios da experiência subjetiva.

*Podemos formar uma imagem de alguma coisa passando por nós ou por sobre nossas cabeças (experiência sensório-motora) quando fracassamos na compreensão (experiência subjetiva). Um gesto sinalizando a trajetória de alguma coisa passando por nós ou por sobre nossas cabeças pode indicar claramente um fracasso na compreensão*³⁹ (Lakoff e Johnson, 1999:45).

³⁶ ... the locus of metaphor is not in language at all, but in the way we conceptualize one mental domain in terms of another.

³⁷ (...), and that the study of literary metaphor is an extension of the study of everyday metaphor.

³⁸ Which allows us to use the physical logic of grasping to reason about understanding.

³⁹ We may form an image of something going by us or over our heads (sensoriomotor experience) when we fail to understand (subjective experience). A gesture tracing the path of something going past us or over our heads can indicate vividly a failure to understand.

Esse exemplo é também demonstrativo de que nem todas as metáforas conceituais manifestam-se por meio de palavras. Algumas delas podem ser manifestadas na gramática ou por gestos, o que não impede que tais metáforas não-lingüísticas possam ser, secundariamente, expressas via linguagem ou outros meios simbólicos. É que, para Lakoff e Johnson (1999), o fato de que a metáfora conceitual é parte integrante tanto do pensamento quanto da linguagem faz com que seja difícil imaginar-se qualquer experiência subjetiva que não seja convencionalmente conceituada em termos de metáfora. Essa generalização não significa, no entanto, a inexistência de conceitos não-metafóricos: é possível distinguir um amplo sistema de conceitos literais como, por exemplo, os do nível básico e os de relações espaciais.

Na teoria da metáfora conceitual, conforme versão mais recente apresentada por Lakoff e Johnson (1999), da qual a hipótese da metáfora primária⁴⁰ (Grady, 1997) já é parte integrante, podemos diferenciar dois principais tipos de metáforas: as primárias e as complexas (ou compostas de primárias), sublinhando que, apesar da amplitude do tema, restringiremos a abordagem a uma definição sumária dos dois tipos apresentados. Segundo Lakoff e Johnson (1999:56), dentro de uma perspectiva neural, *as metáforas primárias são parte do inconsciente cognitivo*⁴¹. Isso significa que são adquiridas de forma automática e inconsciente, por meio do processo normal de aprendizagem neural, não existindo, portanto, escolha nesse processo. O fato é que há uma grande variedade de metáforas primárias na base de nosso sistema conceitual, as quais, em conjunto, propiciam experiências subjetivas ricas, *quando as redes de experiências subjetivas e sensório-motoras neuralmente conectadas a elas são coativadas*⁴² (Lakoff e Johnson, 1999:59). Já do ponto de vista conceitual, *metáforas primárias são mapeamentos de interdomínios, de um domínio fonte (o domínio sensório-motor) para um domínio alvo (o domínio da experiência subjetiva), preservando a inferência e algumas vezes a representação lexical*⁴³ (Lakoff e Johnson, 1999:58).

As metáforas complexas, que também fazem parte de nosso inconsciente cognitivo, são formadas pela combinação de metáforas primárias, integrando o nosso

⁴⁰ Grady (1997) trabalha com a hipótese de que há metáforas fundadas em correlações experienciais, as quais ele denomina de metáforas primárias, e de que essas metáforas têm uma base experiencial em algum tipo de cena primária. As cenas primárias, por sua vez, são definidas como *episódios mínimos (temporalmente delimitados) de experiência subjetiva, caracterizados pela estreita correlação entre circunstância física e resposta cognitiva* (Grady, 1997:24).

⁴¹ Primary metaphors are part of the cognitive unconscious.

⁴² (...) when the networks for subjective experience and the sensorimotor networks neurally connected to them are coactivated.

⁴³ Primary metaphors are cross-domain mappings, from a source domain (the sensorimotor domain) to a target domain (the domain of subjective experience), preserving inference and sometimes preserving lexical representation.

conhecimento comum, que inclui os modelos culturais, as teorias populares ou as crenças e conhecimentos amplamente aceitos numa determinada cultura. Lakoff e Johnson (1999) explicam a anatomia da metáfora complexa a partir da metáfora *A PURPOSEFUL LIFE IS A JOURNEY* (Uma vida resolvida é uma viagem). Essa metáfora é licenciada pela existência de um modelo cultural segundo o qual as pessoas devem ter um propósito na vida. A existência desse propósito determina que as pessoas estabeleçam objetivos a alcançar, impulsionando-as a encontrar meios de atingi-los, a ver outros objetivos intermediários, assim como perceber os obstáculos existentes no caminho e a forma de superá-los. Como resultado desse modelo, temos a metáfora referida, que atinge a todos nós: UMA VIDA RESOLVIDA É UMA VIAGEM. Essa metáfora é construída pela combinação de metáforas primárias, nos seguintes termos, conforme exposição adaptada de Lakoff e Johnson (1999:61-62):

- A metáfora origina-se da crença cultural que as pessoas devem ter propósitos na vida e devem agir de forma a realizar esses propósitos;
- As metáforas primárias são, então: Propósitos são Destinações e Ações são Movimentos;
- A versão metafórica da crença cultural resulta em que as pessoas supõem que têm finalidades na vida e que devem se mover para atingir essas finalidades.
- Essa versão se combina com um simples fato: Uma longa viagem para uma série de finalidades é uma jornada.
- A junção desses fatos acarreta um complexo mapeamento metafórico, da forma seguinte:
 - Uma vida de propósitos é uma viagem;
 - Uma pessoa viva é um viajante;
 - Objetivos de vida são finalidades;
 - Um plano de vida é um itinerário.

A respeito da metáfora complexa, é pertinente ainda o fato de que, embora não se constate uma base experiencial nela própria (e.g., não encontramos, nas experiências do cotidiano, correlação entre propósitos de vida e jornadas), esse tipo de metáfora não pode ser visto como desprovido dessa base experiencial. Ocorre que, sendo a metáfora complexa constituída de metáforas primárias que, por sua vez, têm uma base experiencial, essa base fica preservada quando da combinação das partes (metáforas primárias) para a formação do todo (metáfora complexa).

Lakoff e Johnson (1999) chamam a atenção para o fato de que as metáforas conceituais afetam a cultura material. A metáfora UMA VIDA RESOLUTA É UMA VIAGEM é, por exemplo, significativa na definição do *Curriculum Vitae*, importante documento cultural que indica o que a pessoa tem feito na jornada da vida e em que posição ela se encontra. É claro que as pessoas que estão à frente no curso da jornada causam melhor impressão do que aquelas do final da lista. Todavia, há culturas ao redor do mundo em que essa metáfora inexistente, não fazendo sentido para ninguém que as pessoas necessitem de seguir uma direção na vida, de modo que, os mapeamentos metafóricos podem variar universalmente. Aliás, Lakoff (1993: 245) afirma que *alguns parecem ser universais; outros são generalizados, e alguns parecem ser de cultura específica*⁴⁴.

Vale ressaltar que as categorias usadas nesses mapeamentos metafóricos são as do nível superordenado, em se tratando das metáforas complexas. Lakoff (1993) cita, como exemplo, o mapeamento O AMOR É UMA VIAGEM (*Love is a journey*). Neste, o relacionamento amoroso corresponde a um veículo que, por sua vez, constitui uma categoria do nível superordenado, que inclui categorias do nível básico, como carro, trem, barco, avião. Segundo Lakoff (1993:212), *o mapeamento no nível superordenado amplia as possibilidades para o mapeamento de ricas estruturas conceituais pertencentes ao domínio fonte no domínio alvo, visto que ele permite muitas instâncias do nível básico, cada uma delas rica em informações*⁴⁵. A evidência de os mapeamentos, de forma geral, ocorrerem no nível superordenado, explica a inexistência de mapeamentos do tipo UM RELACIONAMENTO AMOROSO É UM BARCO ou UM RELACIONAMENTO AMOROSO É UM AVIÃO.

Vimos inicialmente como a noção de semelhança está arraigada ao conceito de metáfora, principalmente em se tratando da visão tradicional, que perdurou durante séculos, mantendo o argumento de que a metáfora consiste, basicamente, numa expressão de similaridade entre dois conceitos. Aliás, Grady (1997:218) ilustra esse ponto de vista citando o exemplo de que *quando uma pessoa brava é referida como sendo um leão ou uma pessoa bonita é referida como uma obra de arte, essas metáforas são ditas por ser baseadas nas similaridades observadas entre os membros dos respectivos pares*⁴⁶. De forma contrária à visão tradicional, a teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 1980, 1999; Lakoff, 1993) argumenta em favor da correlação entre os conceitos, sendo que, para Grady (1997),

⁴⁴ Some seem to be universal, others are widespread, and some seem to be culture specific.

⁴⁵ A mapping at the superordinate level maximizes the possibilities for mapping rich conceptual structures in the source domain onto the target domain, since it permits many basic level instances, each of which is information rich.

⁴⁶ ... when a brave person is referred to as a lion or a beautiful person is referred to as a work of art, these metaphors are said to be based on the observed similarity between the members of the respective pairs.

há, além da correlação, um segundo tipo de relacionamento lógico entre os conceitos, que pode motivar a metáfora conceitual, isto é, a própria relação de similaridade.

2.2.1 Correlação e semelhança

Grady (1997) trabalha com a hipótese de que, além das metáforas correlacionais, isto é, as que são geradas com base na co-ocorrência de domínios conceituais de níveis distintos, há um outro tipo de metáfora, o qual ele designa como metáforas de semelhança. Tais metáforas distinguem-se das correlacionais pela característica de serem estruturadas por uma semelhança perceptível entre dois objetos. Essa similaridade origina-se do fato de que as ditas metáforas de semelhança são instâncias específicas de um conceito de mesmo nível genérico.

O autor parte da análise do exemplo “Aquiles é um leão”, classicamente citado como suporte da *teoria da similaridade*. Segundo ele, é evidente que esse caso não pode ser visto em termos de correlações dentro de cenas primárias, uma vez que o uso da expressão nem sempre está condicionado a uma experiência com leões, sendo, portanto, pouco aceitável a argumentação de que uma associação entre uma pessoa brava e um leão poderia ser baseada em experiências recorrentes ou, ainda, *que as poucas experiências que uma pessoa do ocidente moderno tivesse tido com leões poderiam constituir cenas primárias*⁴⁷ (Grady, 1997:219). Além disso, existe ainda a dificuldade de nomear conceitos correlatos nessa expressão, de forma a originar a metáfora conceitual. Para o autor, poderíamos pensar, por exemplo, na existência de uma correlação entre os conceitos coragem e *lionhood*⁴⁸. Feito isso, seria necessário definir a constituição do conceito de *lionhood*. Provavelmente, essa formação incluiria todas as informações do esquema compartilhado para leões (e.g., aparência, habitat, hábitos noturnos). Mesmo assim, consoante Grady (1997), o conjunto de fatores descritos não apresentaria relevância para a *leonização metafórica de Aquiles* ou de qualquer outra pessoa caracterizada como corajosa. É por isso que, para ele, se

não se menciona o fato de que a coragem é parte do próprio esquema de leão, é inconveniente falar de uma correlação entre coragem e lionhood, a qual poderia ser a motivação para a metáfora PESSOAS BRAVAS SÃO LEÕES. A coragem

⁴⁷ ... that the few experiences a modern Western person might have with lions could constitute primary scenes.

⁴⁸ Termo designativo da qualidade de ser ou agir como leão. Não encontramos um termo correspondente na língua portuguesa.

*não está correlacionada com nenhum dos detalhes dentro do esquema de leões*⁴⁹ (Grady, 1997:220).

Uma outra forma mais clara de ver que esta metáfora não é diretamente motivada pela correlação é, segundo Grady (1997), rever outras metáforas que se formam com base na correlação, como, por exemplo, PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES (*PURPOSES ARE DESTINATIONS*). Nesta, é possível perceber a ligação cognitiva entre dois conceitos distintos, *porque eles estão estreitamente correlacionados em certa recorrência a tipos de experiência*⁵⁰ (Grady, 1997:220). Ademais, *podemos experimentar um sentimento de prazer como consequência da chegada a uma localização espacial particular, mas a nossa maneira de determinar a localização e nossa capacidade emocional para sentir prazer são também distintas*⁵¹ (Grady, 1997:220).

Um outro ponto abordado por Grady (1997) é a questão da direcionalidade. O autor, com base em estudo realizado por Lakoff e Turner (1989) sobre a metáfora “Aquiles é um leão”, afirma que *a coragem de um leão é, em si mesma, uma projeção metafórica de uma característica humana tratada por um aspecto do comportamento instintivo do leão*⁵² (Grady, 1997:221). O problema quanto à existência dessa projeção é que, à primeira vista, ela contraria o princípio da unidirecionalidade da teoria da metáfora conceitual, segundo o qual o mapeamento deve ser feito de um domínio fonte para um domínio alvo, mas não o inverso. Assim, *o mapeamento de coragem para leões e então de volta para pessoa é uma aparente exceção*⁵³ (Grady, 1997:221).

No decorrer de sua exposição sobre a direcionalidade, Grady (1997) dá notícia de outros casos em que os dois domínios (fonte e alvo) servem ambos como fontes e alvos um do outro. É o caso, por exemplo, dos domínios MÁQUINAS E PESSOAS, que podem licenciar expressões do tipo *esta máquina é teimosa e esta pessoa está enferrujada*.

Em pares como esses, no entanto, o material conceitual que é mapeado em uma direção nunca é, do mesmo modo, o material que é mapeado na outra direção. Quando conceituamos máquinas como pessoas, nós damos personalidades humanas a elas, enquanto que quando pessoas são representadas como máquinas, elas são descritas em termos de operações físicas de máquinas. As

⁴⁹ ..., not to mention the fact that courageousness is part of the lionhood schema itself, it is awkward to speak of a correlation between courage and lionhood which could be the motivation for the metaphor BRAVE PEOPLE ARE LIONS . nor is courage correlated with any of the particulars in the schema for lions.

⁵⁰ ... because they are tightly correlated in certain recurring types of experience.

⁵¹ We often experience a sense of gratification as a consequence of arriving at a particular spatial location, but our means of determining location and our emotional capacity for feeling gratification are distinct, too.

⁵² The courage of a lion is itself a metaphorical projection from a human character trait onto an aspect of the lion's instinctive behavior.

⁵³ The mapping of courage onto lions and then back onto people is an apparent exception.

*duas metáforas envolvem mapeamentos distintos, e não exatamente direcionalidade revertida*⁵⁴ Grady (1997:221).

Trata-se, assim, de uma análise diferente, a de Grady (1997), daquela inicialmente apresentada para a metáfora “Aquiles é um leão”. Com efeito, o autor chama a atenção para a essência da proposta de análise de Lakoff e Turner (1989) para essa metáfora. Por ela, quando se utilizam expressões do tipo “pessoas são leões”, o que ocorre, de fato, é o mapeamento para pessoas da natureza instintiva do leão em suas ações, natureza essa vista como rígida e plena. Assim sendo, é possível a construção do significado de Aquiles como uma pessoa instintiva e plenamente corajosa. Grady (1997:221) acrescenta, ainda, que *a antropomorfização de leões como pessoas bravas, por outro lado, envolve a atribuição de intenção e personalidade aos leões*⁵⁵. Considerando o conjunto de fatos apresentados, o autor fecha a questão da direcionalidade da metáfora em discussão, com base nos argumentos de Lakoff e Turner já apresentados, afirmando que *há realmente uma diferença na qualidade do que é mapeado de pessoas para leões e a qualidade do que é mapeado de leões para pessoas*⁵⁶ (Grady, 1997:221). De forma que, em sendo assim, não haveria, nesse caso, violação do princípio da direcionalidade da metáfora conceitual.

Isso posto, Grady (1997), ainda dentro do contexto abordado e configurando a hipótese da metáfora de semelhança, argumenta que o mapeamento da bravura humana para aspectos do comportamento instintivo do leão, assim como o processo inverso, é assim possível porque

*percebemos alguma coisa em comum entre o comportamento de certos leões e o comportamento de pessoas corajosas (ou alguma pessoa influente o fez uma vez, e criou uma imagem estereotípica do comportamento leonino, o qual ainda molda nossos esquemas ingênuos). Leões e pessoas corajosas (parecem) confrontar oponentes perigosos sem medo*⁵⁷ (Grady, 1997:222).

Para Grady (1997), a sua proposta não significa um alinhamento com a teoria da similaridade, ou seja, não implica o reconhecimento de qualquer semelhança literal entre os

⁵⁴ When we conceptualize machines as people we bestow human personalities on them, whereas when people are cast as machines they are describes in terms of the physical operation of machines. The two metaphors involve distinct mappings, and not just reversed directionality.

⁵⁵ The anthropomorphization of lions as brave people, on the other hand, involves the attribution of intension and personality.

⁵⁶ There truly is a difference in the quality that is mapped from people onto lions and the quality that is mapped from lions onto people.

⁵⁷ We do perceive something in common between the behavior of certain lions and the behavior of courageous people (or some influential person once did, and created a stereotypic image of leonine behavior which still shapes our naive schemas of lions). Lions and courageous people both (appear to) confront dangerous opponents without fear.

domínios leões e pessoas corajosas. O objetivo é mostrar que *a associação metafórica entre eles – envolvendo projeções em qualquer direção – é muito provavelmente baseada na percepção de aspectos comuns em seus comportamentos*⁵⁸ (Grady, 1997:222).

Na literatura da metáfora conceitual, Grady (1997) encontra estudos precedentes que apontam para um possível tipo de associação metafórica com base na percepção de traços compartilhados. É o caso do fenômeno das *metáforas de imagem* (ver Lakoff e Turner, 1989), em que não se registra o mapeamento da estrutura conceitual de um domínio em outro. O que ocorre nesses casos é o compartilhamento de alguns traços do domínio fonte e do domínio alvo num único domínio perceptual, como, por exemplo, cor e forma. A título de ilustração desse tipo de metáfora, podemos citar o mapeamento de *cintura de mulher para pilão*, que se realiza por existir uma forma comum entre os dois domínios.

Apesar dessa caracterização das metáforas de imagem, Grady (1997) pondera que não se pode conceber “Aquiles é um leão” como uma metáfora de imagem, uma vez que não há, nessa metáfora, nenhuma alusão à forma física de Aquiles. Não se pode dizer, por exemplo, que exista algo físico numa pessoa brava que possa corresponder à cor do pêlo do leão ou ao seu hábito de dormir durante o dia.

De forma mais objetiva, diz o autor que, se as metáforas correlacionais envolvem somente a co-ocorrência de domínios conceituais, e se é possível constatar a existência de metáforas que têm como base a percepção de traços compartilhados, como as do tipo “Aquiles é um leão”, há razão para se considerar esse tipo de metáfora (i.e., metáforas de semelhança) como distinto das metáforas correlacionais, já ditas como derivadas de cenas primárias.

Como forma de fundamentar melhor ainda a hipótese da metáfora de semelhança, Grady (1997) apresenta os diagramas seguintes, ilustrando, pelas representações, que há diferenças entre uma rede esquemática para metáforas baseadas na correlação e para as metáforas não-correlacionais. As representações propostas pelo autor partem da concepção de metáforas como modelos de associação dentro de redes ativadas, de modo que *as metáforas primárias poderiam ser caracterizadas como conexões entre conceitos distintos, talvez baseados nas numerosas experiências onde os conceitos estão estreitamente relacionados, e são, por isso, simultaneamente ativados*⁵⁹ (Grady, 1997:224). Vejamos essas representações nas figuras 1 e 2.

⁵⁸ ... the metaphorical association between them – involving projection in whichever direction – is most likely based on the perception of common aspects in their behavior.

⁵⁹ ... primary metaphors could be characterized as links between distinct concepts, perhaps based on numerous experiences where the concepts are tightly correlated, and are therefore simultaneously activated.

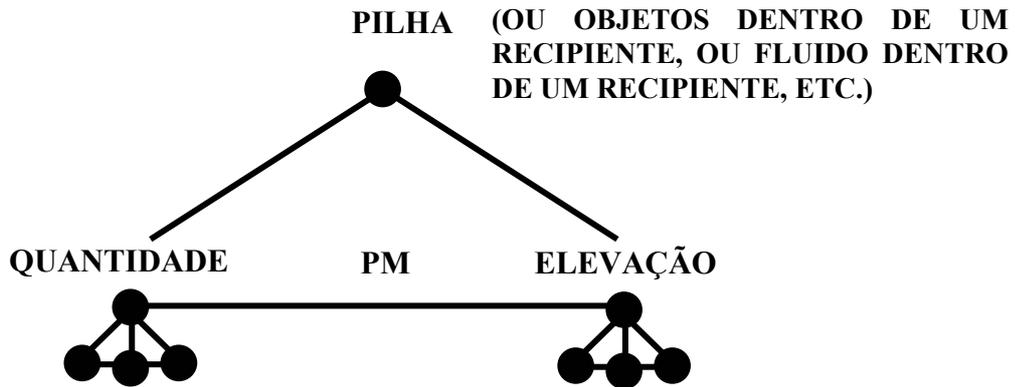


Figura 1: Representação de rede esquemática de metáfora baseada em correlação
(Grady, 1997:224)

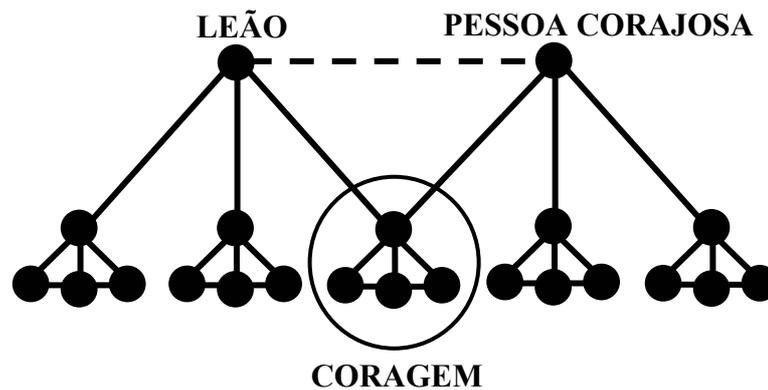


Figura 2: Representação esquemática de uma metáfora simples não correlacional
(Grady, 1997:225)

Na figura 1, é feita a representação da metáfora MAIS É PARA CIMA. Para tanto, o autor utiliza os conceitos de “pilha”, “quantidade” e “elevação”. Nessa representação, o nó no topo da figura representa o conceito de uma pilha – uma conceitualização na qual quantidade e dimensão vertical são correlacionadas. A conexão rotulada PM (para metáfora primária) representa a associação que forma a base da metáfora MAIS É PARA CIMA⁶⁰ (Grady, 1997:224).

⁶⁰ The node at the top of the figure represents the concept of a pile – a conceptualization in which quantity and vertical dimension are correlated. The link labeled PM (for primary metaphor) represents the association which is the basis of the metaphor MORE IS UP.

A figura 2 é uma representação de metáforas do tipo “Aquiles é um leão”. Grady (1997) explica que *a seção circulada representa a ativação sobreposta – nesse caso, ativação da noção de coragem. A linha pontilhada representa a associação entre leões e pessoas corajosas, com base no traço que eles (aparentemente) compartilham*⁶¹ (Grady, 1997:224-225).

O autor afirma que as representações gráficas das duas metáforas, embora sejam representações não-refinadas, podem ser ilustrativas da distinção entre os dois tipos de metáforas analisados (i.e., correlacionais e de semelhança). Tendo em vista que cada uma das configurações apresentadas pode representar um dos tipos de metáfora, mas não o outro, é esse mais um fato sugestivo de que *há uma substantiva diferença entre os dois tipos de metáfora*⁶² (Grady, 1997:225).

Além das relações de correlação e de semelhança, Grady (1997) apresenta um terceiro tipo de relação possível entre conceitos, capaz de motivar uma associação metafórica entre eles. Segundo o autor, esse terceiro tipo de relação diz respeito a situações *onde o conceito fonte parece ser uma instância específica de um conceito alvo mais genérico, e.g., ARRISCAR É JOGAR ou ATIVIDADE COOPERATIVA É HARMONIZAÇÃO MUSICAL. Há um relacionamento lógico claro entre conceitos desse tipo, e isso poderia ser a base plausível para formar uma associação entre eles*⁶³ (Grady, 1997:225-226).

Esses casos se enquadram como metáforas convencionalmente chamadas GENÉRICO É ESPECÍFICO (Lakoff e Turner, 1989). Nesse tipo, ocorre o mapeamento de um único esquema de nível específico para um grande número de esquemas paralelos, também de nível específico, constituídos pela mesma estrutura de nível genérico, da mesma forma que o esquema do domínio fonte (Lakoff e Turner, 1989). Grady (1997) ilustra essa metáfora com o provérbio asiático “O cego acusa o buraco” (*Blind blames the ditch*). Com base em análise feita por Lakoff e Turner (1989), diz o autor que tal provérbio

descreve uma instanciação específica de um esquema mais geral, no qual uma pessoa culpa seus próprios erros em circunstâncias que ela teria previsto. Nós compreendemos o sentido do provérbio pelo reconhecimento de que ele se refere

⁶¹ ... the circled section represents overlapping activation – in this case, activation of the notion of courage. The broken line represents the association between lions and brave people, based on the feature (apparently) share.

⁶² There is a substantive difference between the two metaphor types.

⁶³ ... where the source concept appears to be a specific instance of the more generic target concept, e.g., RISK-TAKING IS GAMBLING or COOPERATIVE ACTIVITY IS MUSICAL HARMONIZING. There is a clear logical relationship between concepts of this kind, and this would appear to be a plausible basis for forming an association between them.

*a um esquema mais geral, o qual é aplicado a muitas situações*⁶⁴ (Grady, 1997:226).

Em Lakoff (1993), encontramos uma explicitação do referido exemplo que ajuda a melhor compreender a estruturação da metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO. Segundo o autor, esse provérbio poderia ser aplicado a uma situação em que um candidato a presidente da república cometesse algum ato impróprio e, conseqüentemente, tivesse a candidatura prejudicada pela publicidade do ato. Nesse caso, ele acusaria a imprensa pela publicação do ato (responsável pela destruição de sua candidatura), ao invés de acusar a si mesmo pela ação imprópria cometida, conduzindo-nos ao julgamento de sua incapacidade de prever as conseqüências do ato realizado, assim expresso pelo provérbio “O cego acusa o buraco”. Lakoff (1993) chama a atenção para o fato de que a estrutura de conhecimento usada para a compreensão desse caso está, em certa maneira, relacionada à estrutura de conhecimento utilizada na interpretação literal do provérbio, assim descrita:

Existe uma pessoa com uma incapacidade, isto é, a cegueira.

Ela encontra uma situação, a saber, um buraco, na qual sua incapacidade, ou seja, sua inabilidade para ver o buraco, resulta numa conseqüência negativa, isto é, sua queda dentro do buraco.

Ela acusa a situação, ao invés de sua própria incapacidade.

*Ela poderia ter chamado a responsabilidade a si mesma, não a situação*⁶⁵ (Lakoff, 1993:223).

Os fatos, assim postos, permitem o entendimento de que *esse esquema de conhecimento específico sobre o homem cego e o buraco é uma instância de um esquema de conhecimento geral, na qual informações específicas sobre a cegueira e o buraco estão ausentes*⁶⁶ (Lakoff, 1993:233). Tal esquema de conhecimento geral é designado como “esquema de nível genérico”, o qual, no caso, responde pela estruturação de nosso conhecimento sobre o provérbio citado. De forma sucinta, esse esquema de nível genérico consiste na existência de uma pessoa com uma dificuldade, a qual se depara com uma situação em que a sua incapacidade resulta numa conseqüência negativa. Tal pessoa, por sua vez, acusa a situação, ao invés de sua própria incapacidade, quando deveria reconhecer-se,

⁶⁴ ... describe a specific instantiation of a more general schema, in which a person blames his own mistakes on circumstances he should have foreseen. We understand the meaning of the proverb by recognizing that it refers to this more general schema, which applies to many situations.

⁶⁵ There is a person with an incapacity, namely, blindness. He encounters a situation, namely a ditch, in which his incapacity, namely his inability to see the ditch, results in a negative consequence, namely, his falling into the ditch. He blames the situation, rather than his own incapacity. He should have held himself responsible, not the situation.

⁶⁶ This specific knowledge schema about the blind man and the ditch is an instance of a general knowledge schema, in which specific information about the blindness and ditch are absent.

ela própria, como responsável (Lakoff, 1993). O certo é que este é um esquema muito geral, podendo ser aplicado a uma categoria aberta de situações, a exemplo da situação inicialmente descrita, apresentada em Lakoff (1993).

Grady (1997), embora admita a existência do tipo de estrutura metafórica GENÉRICO É ESPECÍFICO, não vê em sua formação elementos que possam caracterizá-la como uma terceira classe de metáforas na classificação por ele proposta para as metáforas conceituais, tendo em vista que seria difícil uma distinção, em termos de princípios, entre esse tipo de metáfora e as metáforas de semelhança. Para o autor, *em ambos os tipos (os quais podem, de fato, ser um único tipo) uma imagem particular é usada para fazer referência a uma outra imagem com a qual ela compartilha traços salientes de natureza perceptual, e por isso, uma representação idêntica num nível mais alto de generalidade*⁶⁷ (Grady, 1997:227).

Assim sendo, o autor mantém, em sua proposta de uma tipologia de motivação para a metáfora conceitual, apenas duas distintas classes: a) metáforas de semelhança, incluindo a metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO; b) metáforas baseadas na correlação. As palavras de Grady (1999) ratificam a diferença entre as duas classes de metáforas por ele sugeridas, ao dizer que

*em resumo, “GENÉRICO É ESPECÍFICO” e “semelhança” parecem ser maneiras alternativas de construir o que é essencialmente o mesmo relacionamento conceitual, diferenciado um do outro somente com respeito a que ligação é descrita, tomando por empréstimo um termo da Gramática Cognitiva. Metáforas correlacionais, por outro lado, envolvem relacionamentos salientes entre aspectos de conceitos individuais, de um tipo não evidente na outra classe de metáfora. Esses relacionamentos derivam de correlações em tipos de experiência recorrente que dão conteúdo àqueles conceitos*⁶⁸ (Grady, 1999:95).

Além dessas características, Grady (1999) reconhece a existência de outros aspectos significativos, que podem servir como pontos distintos entre as duas classes de metáforas, como: direcionalidade, ontologia e convencionalidade. Na tabela seguinte, fazemos uma síntese, adaptada de Grady (1999), da relação desses aspectos com as classes de metáforas que constituem a proposta do autor.

⁶⁷ In both these types (which may in fact be a single type) a particular image is used to refer to another image with which it shares salient perceived features, and therefore, an identical representation at a higher level of generality.

⁶⁸ In sum, “GENERIC-IS-ESPECÍFIC” and “resemblance” do appear to be alternative ways of construing what is essentially the same conceptual relationship, differentiated from each other only with respect to which link is profiled, to borrow a term from Cognitive Grammar. Correlation metaphors, on the other hand, involve salient relationships between aspects of single concepts, of a kind not evident in the other sorts of metaphor. These relationships derive from correlations within the recurring experience types that give content to those concepts.

CLASSES	ASPECTOS		
	DIRECIONALIDADE	ONTOLOGIA	CONVENCIONALIDADE
1. Metáforas de Semelhança	<ul style="list-style-type: none"> • Simétrica: violação do princípio da unidirecionalidade, tipicamente atribuído às metáforas correlacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Correspondências entre conceitos do mesmo tipo; envolvimento de objetos de tipos idênticos ou quase idênticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza relativamente não-delimitada; • Habilidade para perceber semelhanças é compelida pelos mecanismos cognitivos da percepção, provavelmente incluindo o papel estrutural dos esquemas de imagem; • Essa restrição conduz a abertura de uma variedade infinita de pares potenciais de conceitos e imagens.
2. Metáforas Correlacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Assimétrica: unidirecional 	<ul style="list-style-type: none"> • Ligações entre conceitos de diferentes tipos; • Conceitos fontes envolvem conteúdo sensorial e conceitos alvos envolvem respostas cognitivas ao input sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza muito mais limitada; • Reflexão de tipos específicos de experiências recorrentes; • Motivação experiencial direta.

Tabela 1: Quadro comparativo entre metáforas de semelhança e metáforas correlacionais

Grady (1997) encerra a sua argumentação em favor de uma tipologia de motivação para a metáfora conceitual, afirmando que, aceita a hipótese da semelhança, muitas das metáforas que aparecem em discussões filosóficas tradicionais (e.g., Aquiles é um leão) poderiam encaixar-se na classe de metáforas de semelhança, sob a perspectiva de que *são baseadas num paralelismo perceptível entre seus conceitos fonte e alvo – ou colocando de outra forma, a percepção de que há uma categoria superordenada, a qual inclui ambos os conceitos*⁶⁹ (Grady, 1997:232). Da mesma forma, a lista finita de associações metafóricas conceituais, proposta por Lakoff e Johnson (1980), poderia ser associada à classe de metáforas correlacionais.

Esta argumentação de Grady (1997) em favor de uma classificação das metáforas conceituais em dois tipos distintos (i.e., correlacionais e de semelhanças) é, a nosso ver,

⁶⁹ ... are based on perceived parallelism between their source and target concepts – or put in another way, the perception that there is a superordinate category which includes both concepts.

convicente, uma vez que amplia o universo da teoria da metáfora conceitual, nos moldes concebidos por Lakoff e Johnson (1980), sem, no entanto, abrir mão dos princípios fundamentais defendidos pela teoria da metáfora conceitual, que contrariam, entre outros pontos, a similaridade objetiva, defendida pela visão tradicional de metáfora. Apesar de essa classificação ainda não estar fechada, julgamos que ela apresenta fundamentos suficientes que permitem dela fazer uso em nossa análise, no momento da identificação das (re)categorizações metafóricas nos textos humorísticos, objeto da investigação procedida neste estudo.

Aproximando-nos mais do nosso objeto de estudo, o próximo capítulo é dedicado ao estudo da referenciação. Nele, particularmente, destacaremos um dos processos de referenciação, ou seja, a (re)categorização, lembrando que, até então, trabalhamos na perspectiva de abordar a dimensão cognitiva desse processo, restrito, em nosso estudo, ao tipo metafórico. No capítulo seguinte, a ênfase será para a dimensão lingüística, uma vez que trataremos o processo no interior das práticas discursivas.

PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

3.1 Concepções de linguagem

A noção de referência se encontra, em certa medida, intimamente ligada à concepção de linguagem que se adota. Koch (1992) afirma que, apesar das várias formas como se tem concebido a linguagem humana ao longo da História, é possível sintetizar essas diferentes concepções em três grupos, que, por sua vez, focalizam a linguagem sob os seguintes aspectos: a) representação do mundo e do pensamento; b) instrumento de comunicação; c) lugar de ação ou interação. A primeira dessas concepções, também a mais antiga, pressupõe que *o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar (= refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo* (Koch, 1992:9). A segunda vê a língua como um código por meio do qual um emissor envia uma mensagem a um receptor, sendo a principal função da linguagem, nessa concepção, a transmissão de informações. A terceira concepção, segundo Koch (2001:9-10), toma a linguagem como

atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

Ora, a primeira concepção defende pressupostos que não estão em consonância com os objetivos desse trabalho, conforme já se deixou transparecer em outros momentos. Já a segunda, mesmo avançando em relação à primeira, reduz o papel da linguagem a um instrumento de comunicação, deixando margem ao entendimento de que há, no processo de comunicação, uma relação de passividade entre emissor e receptor. Assim sendo, adotaremos, neste trabalho, a concepção de linguagem como lugar de “ação ou interação”, por compreender que se mostra mais abrangente, ao contemplar a linguagem como ação

“intersubjetiva”. Ademais, erige-se, nessa concepção, a noção de sujeito como entidade psicossocial, o qual, segundo Koch (2002), tem caráter ativo na produção do social e da interação, de forma que prevalece o entendimento de que *os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir* (Koch, 2002:15).

3.2 Da noção de referência ao processo de referenciação

A visão tradicional sobre a natureza dos conceitos sustenta, conforme já explicitamos, a hipótese de que estes são dados *a priori*, numa relação direta de correspondência com o mundo real. A metáfora do espelho representa bem esse ponto de vista, que ancora uma visão de língua como sistema de etiquetas, traduzindo-se como uma representação adequada da realidade. Subjacente a esta, encontra-se a clássica concepção de referência, que pode ser definida como *simples representação extensional de referentes do mundo extramental* (Koch, 2002:79). Consoante Mondada e Dubois (1995:275), *este ponto de vista pressupõe que um mundo autônomo já discretizado em objetos ou ‘entidades’ existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações lingüísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo*.

Modernamente, a visão clássica de referência vem sendo questionada por estudiosos da área, no que diz respeito às restrições por ela impostas, como, dentre outras, o papel do sujeito e o contexto da enunciação. Tendo em vista a relevância desses dois elementos numa situação discursiva, impõe-se, conseqüentemente, um alargamento da perspectiva clássica, restrita a uma concepção representacionista da língua. Assim, abraçando a concepção de linguagem como ação intersubjetiva, abordaremos a referência numa perspectiva não-extensional, que considera os referentes ou objetos de discurso não dados *a priori*, mas construídos no discurso. Dessa forma, o termo referência será substituído pela expressão *referenciação* (Mondada e Dubois, 1995), uma vez que adotaremos a visão processual da significação, defendida, entre outros, por Mondada e Dubois (1995) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), conforme aprofundaremos a seguir.

Como foi visto no Capítulo 1, Mondada e Dubois (1995) advogam a instabilidade das categorias. Esse deslocamento teórico incide diretamente na abordagem de referência proposta pelas autoras, ou seja, na concepção de referência não-extensional, que se formula, claramente, no trecho seguinte:

Não se pode mais, a partir de agora, considerar nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida a priori no 'mundo', anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra ou a categoria adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das seqüências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto (Mondada e Dubois, 1995: 287).

As autoras adotam a concepção de que os sujeitos constroem versões públicas do mundo, através de práticas discursivas e cognitivas ancoradas social e culturalmente (cf. Mondada e Dubois, 1995:273). É sob esse enfoque que Mondada e Dubois vêem a questão da referência, que elas passam a tratar usando o termo *referenciação*. Da mesma forma, os referentes passam a ser tratados como objetos de discurso. Mudando o foco da referência para os processos de *referenciação*, a abordagem defendida pelas autoras volta-se para a investigação de *como as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo* (Mondada e Dubois, 1995:276), ou seja, questionam-se os processos de discretização e estabilização das categorias.

Nessa perspectiva, os processos de categorização e de referenciação são considerados como processos dinâmicos, daí a existência da possibilidade real de recategorização. Aliás, a construção desses processos põe em relevo não somente um sujeito real, mas, sobretudo, um sujeito sócio-cognitivo, que *constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias— notadamente às categorias manifestadas no discurso* (Mondada e Dubois, 1995:276).

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995:229)⁷⁰ também argumentam em favor de uma concepção construtivista da referência, adotando o posicionamento segundo o qual *os objetos do discurso não preexistem 'naturalmente' à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos—fundamentalmente culturais— desta atividade*, o que implica que a língua não deve ser concebida como um mero decalque do mundo. Esses autores, ao levar em conta o caráter polissêmico do léxico das línguas naturais, postulam que, na atividade discursiva, o falante pode, para designar um dado objeto, lançar mão de uma série de expressões lingüísticas aberta. Estas expressões podem ser utilizadas em condições referenciais iguais, cabendo ao locutor a escolha da expressão mais

⁷⁰ As traduções das citações do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), aqui utilizadas, são de responsabilidade da Prof^a Mônica Magalhães Cavalcante, como parte das atividades do grupo de pesquisas Protexto/UFC.

adequada aos seus propósitos comunicativos (cf. Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995:242). Além disso, *não apenas este locutor tem o direito de selecionar aquilo que acha mais apto a permitir a identificação do referente, mas ele pode, por recategorizações, por acréscimo ou supressão de expansões, etc., modular a expressão referencial em função das intenções do momento* (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995:242). É o que ocorre no exemplo seguinte, em que o termo “o tagarela”, além de representar a referência propriamente dita, recategoriza o objeto de discurso inicialmente introduzido (um rapaz), fornecendo uma informação nova, investida do julgamento do interlocutor acerca do ato cometido.

- (1) *Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias atrás pela polícia de Paris. Ele havia "utilizado" a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50000 francos. O tagarela....* (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995:262).

Na verdade, segundo a perspectiva adotada pelos autores, os referentes, tomados como objetos de discurso, são, por natureza, evolutivos, de modo que os usuários da língua, considerados como centro das atividades de designação, podem lançar mão de vários recursos para elaborar e fazer evoluir esses referentes. Os objetos de discurso, por seu turno, constituem-se por um conjunto de informações inclusas no saber compartilhado pelos interlocutores.

Outro ponto importante, na concepção dos autores, concerne ao fato de que as operações de identificação e de categorização dos referentes dependem muito mais do contexto interacional do que de uma apreensão cognitiva da realidade. É que a categorização espontânea dos objetos do mundo é feita em função das intenções do interlocutor, recebendo a influência do contexto (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995).

Koch (2002), compartilhando dos argumentos de Mondada e Dubois e de Apothéloz e Reichler-Béguelin acerca do processo de referenciação, também advoga que a referência é uma atividade discursiva. Em sua abordagem, considera que *a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural* (Koch, 2002:79).

Para a autora, cujo foco de atenção é o processamento textual, a discursivização do mundo, por meio da linguagem, consiste numa (re)construção do real, e não apenas num processo de elaboração de informação. Adepta da concepção interacional da língua, Koch vê

os sujeitos como “atores/construtores” sociais, considerando ainda que a referência se relaciona às operações realizadas por estes sujeitos à proporção que o discurso se desenvolve. Essa postura implica uma visão estratégica do processamento textual, uma vez que este se realiza por sujeitos ativos, capazes de fazer escolhas significativas, dentre as inúmeras possibilidades oferecidas pela língua, e de manipular a estrutura da realidade. Nessa abordagem, fica evidente a questão da dinamicidade dos objetos de discurso.

No Capítulo 1, ao discorrermos sobre os modelos cognitivos, apresentamos como conflituosa, no percurso das Ciências Cognitivas, a relação entre representação e conhecimento, e tratamos de alguns pontos-chave dessa questão, dentre eles as correntes filosóficas. No presente capítulo, retomamos esse ponto, de forma mais específica, mostrando a evolução do conceito de referência, que traz subjacente a questão relatada. Nesse embate, a posição seguinte, assumida por Marcuschi e Koch (2002), apresenta-se, a nosso ver, como mais conciliatória e coerente. Os autores propõem um meio-termo no tratamento da questão, de forma que se não põem a representação como protagonista da cognição, também não lhe negam a existência. A inserção do componente discursivo, porém, faz a diferença, em se tratando da apreensão e uso da linguagem.

*Não negamos a existência da realidade extra-mente, nem estabelecemos a subjetividade como parâmetro do real, nem damos à linguagem um poder criador de realidades. Simplesmente postulamos a necessidade de uma ontologia não-ingênua e não-realista. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Nosso cérebro não é uma “polaroid semântica”. O cérebro é um aparato que **reelabora** os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. Nossa tese é a de que essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual, em que cada qual pode fazer o que quiser. A reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (Marcuschi e Koch, 2002:37)*

A tese de Marcuschi e Koch (2002) tem respaldo em posições já erigidas por outros autores, como Mondada e Dubois (1995) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que apresentam uma nova face do papel da referência na construção do conhecimento, conforme explanação realizada. Como antecipamos, é o enfoque de referência proposto por esses autores, designado por Mondada e Dubois (1995) como *referenciação*, o adotado neste trabalho.

3.3 As (re)categorizações no processo de referenciação

A partir da concepção de que o léxico de uma língua natural representa não um estoque de etiquetas prontas para rotular a realidade do mundo, mas um conjunto de recursos utilizados pelos sujeitos nas operações de designação, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) definem a recategorização lexical como o processo pelo qual os falantes designam os referentes, durante a construção do discurso, selecionando a expressão referencial mais adequada a seus propósitos. Dessa forma, o falante dispõe de uma série aberta de expressões para nomear um referente, mas estas expressões sofrem constantes reformulações, de acordo com as diferentes condições enunciativas. É o que ocorre no exemplo abaixo, apresentado pelos autores, em que o termo “este recidivista”, além de representar a referência propriamente dita, fornece uma informação nova, investida de uma função explicativa, através da recategorização lexical do objeto do discurso.

(2) *[artigo relatando o julgamento de um automobilista responsável por um acidente.] Ele reconhece ter rodado bêbado (...) O Tribunal de correção infligiu ontem uma pena fechada a **este recidivista**. (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995: 247)*

Nesse sentido, na designação de um referente qualquer, o falante pode deixar de lado a denominação-padrão correspondente ao nível básico da categorização do conceito e fazer as devidas adaptações à expressão, atendendo aos seus objetivos comunicacionais e operando, assim, um processo de recategorização lexical. Esse processo também pode ser visto como uma reapresentação de um objeto de discurso de um modo novo, a partir da qual se pode fazer uma nova predicação de atributo.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) propõem uma classificação para as recategorizações lexicais a partir do tipo de manifestação das expressões anafóricas no discurso. É evidente que os autores trabalham com um conceito de anáfora que se enquadra numa visão não-extensional da referência⁷¹. Para eles, as expressões anafóricas não têm valor apenas referencial, segundo os ditames da concepção clássica de referência, que restringem esse fenômeno às situações de correferencialidade. Ou seja, as expressões anafóricas não são usadas somente para apontar para um objeto de discurso, mas podem ser usadas, também, para modificá-lo. Em outros termos, essas expressões podem sofrer constantes (re)categorizações.

⁷¹ O conceito de anáfora redimensionado, dentro de uma visão não-extensional da referência, compreende o entendimento de que *uma expressão referencial pode introduzir ou manter um referente, que pode ser localizado, ou no próprio texto, ou no conhecimento compartilhado pelos falantes, ou em algum outro elemento da situação extralingüística (Ciulla, 2002:11).*

Na proposta de classificação das (re)categorizações lexicais, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) determinam três níveis de ocorrência do processo: a) quando a transformação é operada pelo próprio anafórico; b) quando o anafórico não leva em conta os atributos do referente; c) quando o anafórico leva em conta os atributos do referente e os homóloga. Por economia, não faremos uma descrição minuciosa desses níveis, mas nos interessa situar, dentro dessa proposta⁷², para posterior análise, o tipo de ocorrência de (re)categorizações que pretendemos examinar no escopo desta pesquisa, ou seja, as (re)categorizações metafóricas.

Nessa linha, esclarecemos que os autores situam as (re)categorizações metafóricas no nível de ocorrência das transformações operadas pelo próprio anafórico. As transformações do objeto operadas pelo anafórico consistem, então, principalmente em: a) recategorizações lexicais explícitas; b) recategorizações lexicais implícitas e c) modificações da extensão do objeto ou de seu estatuto lógico. A recategorização lexical explícita consiste, basicamente, numa predicação de atributo sobre um objeto de discurso. O exemplo (2), já apresentado, relata um caso típico de recategorização lexical explícita. É no grupo das recategorizações lexicais explícitas que os autores inserem as (re)categorizações metafóricas.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) classificam, ainda, subtipos de recategorizações lexicais explícitas, que denotam os objetivos a que estão associados. São eles: argumentação, denominação reportada, aspectualização e sobremarcação da estrutura discursiva. De forma mais precisa, as (re)categorizações metafóricas estão alocadas no subtipo argumentação, definido pelos autores como uma recategorização com um propósito argumentativo, em que a expressão pode tomar a forma de uma metáfora e/ou de um lexema axiologicamente marcado, isto é, aquela que acrescenta um ponto de vista de forma avaliativa, conforme ilustra o exemplo (3), em que “franglês” é recategorizado como “esta nova anglicização da língua”.

(3) *O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo Parlamento francês da lei Toubon contra o “franglês” é um exemplo bastante ridículo. **Esta nova anglicização da língua...** (Apothéloz, Reichler-Béguelin, 1995:248).*

A classificação proposta por Apothéloz, Reichler- Béguelin (1995) para as recategorizações, sobre a qual discorremos em parte, tem servido de base para vários estudos. No entanto, não está isenta de críticas, considerando-se, dentre outros aspectos, a pouca

⁷² Cumpre observar que, até onde temos conhecimento, Apothéloz e Reichler-Béguelin continuam como os únicos a apresentar uma proposta sistemática de classificação das (re)categorizações lexicais.

clareza dos critérios adotados e, a nosso ver, uma certa economia na descrição da tipologia proposta, que dificulta uma melhor apreensão do conteúdo. À guisa de ilustração, podemos observar que muitas das subdivisões das recategorizações decorrentes das transformações operadas pelo anafórico, conforme propõem os autores, são ora de natureza discursiva, ora de natureza gramatical, ora de natureza cognitivo-referencial. Nas recategorizações lexicais explícitas, o subtipo *argumentação*, já definido anteriormente, tem natureza discursiva. Já o subtipo *motivação de gênero gramatical*, que se insere nas recategorizações lexicais implícitas, caso da chamada silepse de gênero, possui natureza gramatical. Nas modificações de extensão do objeto ou de seu estatuto lógico, o subtipo *fusão de objeto de discurso*, que consiste na reunião de dois objetos de partida distintos sob uma só expressão referencial, e, eventualmente, sob uma única denominação, pode ser tido como de natureza cognitivo-referencial. Para uma melhor compreensão, vejamos um exemplo dos dois últimos subtipos:

(4) *(Depois de uma informação sobre a hospitalização de Madre Teresa) O prêmio Nobel da paz deverá voltar para a casa dela este fim de semana. (Apothéloz, Reichler- Béguelin, 1995:254)*

(5) *Uma certa noite ele [o sobrinho] conheceu em Genebra uma cabeleireira que se tornara prostituta. O sobrinho a persuade a parar com suas atividades lucrativas. O casal... (Apothéloz, Reichler- Béguelin, 1995:261).*

Em (4), temos um exemplo do subtipo *motivação do gênero gramatical*. Note-se que na recategorização lexical implícita da expressão *O prêmio Nobel da paz*, marcada, nesse caso, pelo pronome *ela* (*dela*), o gênero gramatical é evitado para não causar estranheza, dada a não-correspondência entre o gênero gramatical e o gênero natural. No exemplo (5), que ilustra o subtipo *fusão de objeto de discurso ou de seu estatuto lógico*, a recategorização manifesta-se na expressão *o casal*, que funde os dois objetos de discurso, *o sobrinho* e *uma cabeleireira*, introduzidos inicialmente.

Julgamos, assim, que a falta de critérios mais uniformes restrinja, em parte, o alcance da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), dentro do universo de possibilidades de ocorrência do processo de recategorização. Mas nos interessa, de forma particular, nesse universo, chamar a atenção para as (re)categorizações metafóricas.

3.3.1 Uma proposta de classificação para as (re)categorizações metafóricas

A classificação de Apothéloz, Reichler-Béguelin (1995) insere a metáfora dentro da *argumentação*, um dos subtipos das recategorizações lexicais explícitas. Ou seja, ao se

realizar uma recategorização com um propósito argumentativo, a expressão recategorizadora pode ser licenciada por uma metáfora. Tal fato apresenta-se como perfeitamente corriqueiro na língua, no que concordamos plenamente. Entretanto, parece-nos que faltou aos autores a percepção de que essas (re)categorizações metafóricas podem ocorrer também de forma implícita, para não fugir, inicialmente, à nomenclatura por eles utilizada. Isso não significa que os autores não reconheçam a possibilidade de recategorizações lexicais implícitas, uma vez que, na classificação por eles proposta, esse tipo de recategorização se faz presente. No entanto, esclarecemos que os casos ficam restritos a recategorizações seguidas de pronominalização, os conhecidos casos de silepse.

Ora, a proposta de Apothéloz, Reichler- Béguelin (1995) aponta, indiretamente, para uma generalização quanto à ocorrência das (re)categorizações metafóricas, ponto do qual discordamos. É que, conforme está implícito na proposta dos autores, as (re)categorizações metafóricas se realizam sempre no nível lingüístico-cognitivo, podendo ser rotuladas como recategorizações lexicais explícitas, não constituindo esse fato nenhuma novidade. O que nos parece novo são as evidências, que aparecem no *corpus*, consoante veremos na análise, de que tais (re)categorizações podem ocorrer, muitas vezes, apenas no nível cognitivo, de forma que é possível encontrar casos de (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente, com realização no nível lingüístico-cognitivo, que casam perfeitamente com a classificação de recategorização lexical explícita de Apothéloz, Reichler-Béguelin (1995), especificamente com o subtipo *argumentativo*. Mas, por outro lado, podemos também registrar a ocorrência de (re)categorizações metafóricas que se processam unicamente no nível cognitivo, não deixando nenhuma marca lexical explícita na superfície do texto.

Da forma como os fatos se apresentam, julgamos necessário configurar uma proposta de classificação para as (re)categorizações metafóricas que atenda às peculiaridades desse processo. Para tanto, é preciso, inicialmente, redimensionar o conceito de recategorização até então apresentado. Nesse âmbito, a definição de Marcuschi e Koch (2002:46), para o processo de recategorização, aparece como sugestiva.

A recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma idéia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação.

A definição dos autores parece abrir, mesmo que indiretamente, o leque de possibilidades de ocorrência de recategorizações, quando não restringe as remissões a itens lexicais. Ademais, duas outras posições dos autores merecem atenção. Com efeito, eles assumem que *a característica mais saliente de todas as remissões referenciais que envolvem*

recategorização é a não-cosignificatividade (Marcuschi e Koch (2002:46). Ao mesmo tempo, admitem que *a recategorização não envolve necessariamente correferencialidade, isto é, nem sempre designa o mesmo indivíduo referido pelo item que opera como antecedente* (Marcuschi e Koch, 2002:46). Os autores, nessa última assertiva, fazem alusão à anáfora indireta, da qual trataremos mais adiante.

Assim, para cumprir o objetivo de formular uma proposta de classificação para as (re)categorizações metafóricas, precisamos nos fixar na definição de critérios uniformes, que possibilitem abranger esse fenômeno em todas as suas manifestações, em se tratando de sua aplicação ao texto humorístico. Nesse sentido, vamos partir da classificação das expressões referenciais anafóricas proposta por Cavalcante (2003), que aponta algumas direções rumo ao nosso objetivo.

A autora subdivide as anáforas em duas grandes classes, designadas como anáforas com retomada (total ou parcial) e anáforas sem retomada. Na primeira, estão inseridas as anáforas correferenciais recategorizadoras, em que também podemos encaixar as (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente, a exemplo da classificação de Apothéloz, Reichler-Béguelin (1995). A segunda classe é constituída pelas chamadas anáforas indiretas, definidas pela autora como *continuidades referenciais sem retomada, apenas com remissão a uma âncora no co(n)texto* (Cavalcante, 2003:113). Esclarecemos que a abordagem de Cavalcante (2003) se insere numa visão mais estendida da anáfora indireta, seguindo outros autores que trabalham sob essa perspectiva, como Apothéloz, Reichler-Béguelin, Marcuschi e Koch. Marcuschi (2000:1), aliás, oferece uma definição mais detalhada dessa visão de anáfora indireta.

*Neste estudo, proponho-me investigar alguns aspectos da hoje denominada **anáfora indireta (AI)**, geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de **ativação** de referentes novos e não de uma **reativação** de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita (Marcuschi, 2000:1).*

Dessa forma, Cavalcante (2003) define, em sua classificação, três tipos de anáfora indireta: a) anáfora indireta com categorização de um novo referente; b) anáfora indireta com recategorização lexical implícita; c) anáfora indireta com recategorização lexical. A autora entende que, *em geral, as anáforas indiretas, por introduzirem uma entidade nova no discurso, categorizam novos referentes, mas a recategorização lexical também é possível quando ela se realiza implicitamente* (Cavalcante, 2003:114). Na descrição dessa tipologia, a

autora segue o rastro da proposta de Apothéloz, Reichler-Béguelin (1995), no que se refere às anáforas indiretas com recategorização lexical implícita, ou seja, aquelas em que as transformações dos objetos de discurso são necessariamente marcadas por um pronome. Vejamos como Cavalcante (2003) analisa um exemplo típico desse caso, apresentado por Marcuschi (1998).

(6) 17- *A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo eles, o paciente não corre risco de vida.*

Cavalcante (2003:114), em face disso, assim se posiciona:

Acreditamos que de fato se dê, em (17), uma recategorização lexical que transforma a 'equipe médica' em 'os médicos', e esta modificação é empreendida implicitamente. Em seguida, verifica-se um processo de pronominalização de 'os médicos' em eles, explícito na superfície textual.

O que chama a atenção, nesse tipo de análise, é o fato de que se admite uma recategorização lexical implícita antes da pronominalização marcada na superfície textual, confirmando-se a existência de uma recategorização lexical estritamente cognitiva, cujo processo muito bem se assemelha aos casos que estamos postulando como (re)categorizações lexicais não manifestadas lexicalmente. No entanto, como Cavalcante (2003) atrela o processo de recategorização a correferencialidade e a aspectos lexicais, não há como legitimar, na proposta da autora, a situação apresentada, o que só seria possível mediante a inserção de um outro critério classificatório, concernente ao aspecto cognitivo.

Feita essa conjectura, voltemos às (re)categorizações metafóricas. Postulamos, na verdade, por dois tipos de (re)categorizações metafóricas, aos quais denominamos de (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente. O primeiro tipo não apresenta maiores dificuldades em termos de ajuste às propostas classificatórias reconhecidas (Apothéloz, Reichler-Béguelin, 1995, e Cavalcante, 2003). Mas a legitimação do segundo tipo depende da inclusão de um critério cognitivo pelo qual as expressões referenciais metafóricas poderiam ser classificadas como categorizadoras ou recategorizadoras.

Lakoff e Johnson (1980:124) afirmam que *as definições metafóricas permitem-nos lidar com os seres e as experiências que já categorizamos ou elas podem nos levar a uma recategorização*⁷³. Certamente que só essa afirmação não é suficiente para sustentar a nossa proposta, mas é um indicativo não desprezível. Pela abordagem dos autores, é muito

⁷³ Metaphorical definitions can give us a handle on things and experiences we have already categorized, or they may lead to a recategorization.

provável que estejam tratando de uma recategorização cognitiva que, a nosso ver, poderia ser ou não manifestada verbalmente, dependendo dos propósitos comunicativos dos sujeitos. Seguindo esse raciocínio, inferiríamos que, *a priori*, toda (re)categorização metafórica é cognitiva, não sendo difícil conceber-se a existência de (re)categorizações metafóricas que se realizam apenas no nível cognitivo, exatamente as que estamos chamando de (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente.

Embora as propostas de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e de Cavalcante (2003) não abranjam o tipo de recategorização de que estamos tratando, em todas as suas possíveis manifestações, conforme apresentamos anteriormente, entendemos que as referidas propostas possam fornecer elementos subsidiários para a classificação que objetivamos formular, razão pela qual lançaremos mão, em parte, da terminologia e concepções já adotadas por esses autores na descrição dessa matéria. Assim sendo, propomos, para a análise das expressões referenciais (re)categorizadoras por metáforas, a utilização dos quatro critérios seguintes, assim distribuídos para efeito didático:

- Critério de Retomada: retomada de referentes ou não (anáfora direta (AD) ou anáfora indireta (AI))
- Critério Cognitivo: expressão categorizadora ou recategorizadora
- Critério de Significado (ou léxico-semântico): expressão recategorizadora lexical ou expressão co-significativa
- Critério de Explicitude: expressão explícita ou implícita

Temos ciência de que a explicitação do critério cognitivo estabelece o diferencial em relação às propostas de classificação já analisadas. Julgamos ainda desnecessário incluir, em nossa proposta, um critério referente às funções discursivas, posto que a nossa análise se circunscreve ao texto humorístico. Na análise que empreenderemos, vamos tratar separadamente os dois tipos de (re)categorizações metafóricas postulados, estando porém atenta aos possíveis desdobramentos de um ou outro tipo.

Uma vez delineada uma proposta de classificação das (re)categorizações metafóricas, cumprindo um de nossos objetivos, passaremos a tratar, no capítulo seguinte, da teoria da mesclagem conceitual, que nos dará suporte para explicar como se dá o fenômeno do humor desencadeado por intermédio dessas (re)categorizações. Ou seja, a explicação dos mecanismos cognitivos que operam na subjacência do processo de (re)categorização metafórica, propiciando a construção da comicidade.

TEORIA DA MESCLAGEM CONCEITUAL

4.1 Contextualização

Segundo Fauconnier (2001), as pesquisas realizadas nos últimos vinte e cinco anos, no campo das Ciências Cognitivas, têm fornecido fortes evidências de que a razão é incorporada. Para o autor, isso significa que *as arquiteturas neurais que evoluíram para produzir percepção, sensação e movimento corporal estão no centro do que nós experienciamos como inferência racional, conceitualização e construção do sentido*⁷⁴ (Fauconnier, 2001:1). A teoria da mesclagem conceitual, proposta por Fauconnier e Turner, insere-se nessa linha de pesquisas, exercendo papel relevante, por fazer a contraposição com concepções abstratas, algorítmicas e desincorporadas, predominantes em modelos formais de estudo da língua (e.g., estruturalismo, gerativismo).

De fato, a teoria da mesclagem conceitual concentra-se, exatamente, nos aspectos criativos da mente humana, embora se utilize, na descrição e operacionalização de seu modelo, de conceitos fundados em paradigmas de base formal (i.e., simbolismo e conexãoismo), como, por exemplo, os conceitos de *frame*, esquema, mapeamento e *input*, entre outros. No entanto, apesar desses empréstimos terminológicos, veremos que, no todo, o enfoque dado à cognição, nessa teoria, é muito mais abrangente, não somente por considerar os aspectos criativos da mente humana na construção do conhecimento, mas também por tomar a cognição como uma atividade incorporada, ou seja, uma atividade que emerge a partir da interação mente-corpo-mundo, conforme já explicitado no Capítulo 1, quando discorreremos sobre o paradigma atencionista e sobre o experiencialismo. Ademais, há que se considerar que essa teoria, cuja motivação advém da Semântica Cognitiva, tem emergido, rapidamente e com grande expressividade, no interior das Ciências Cognitivas, enfocando, dentre outros

⁷⁴ The neural architectures that evolved to produce perception, sensation, and bodily movement are at the heart of what we experience as rational inference, conceptualization, and meaning construction.

aspectos, as representações mentais *on-line* presentes, por exemplo, em analogias, metáforas, metonímias, combinações de conceitos e no processamento natural da linguagem.

4.2 Princípios constitutivos

Fauconnier e Turner (2002:255) apresentam a teoria da mesclagem conceitual como *uma operação mental básica sobre espaços mentais*⁷⁵, os quais são definidos como *pequenos pacotes conceituais construídos à medida que nós pensamos e falamos, para efeito da compreensão e da ação locais* (Fauconnier e Turner, 2002:40)⁷⁶. Tal teoria pode ser vista, basicamente, como um conjunto de processos criativos que se desenvolvem para a combinação de informações em redes de espaços mentais. Esses espaços, por sua vez, contêm informações ou elementos sobre um domínio particular e apresentam estrutura típica de *frames*⁷⁷. Coulson (2002:1) ajuda a melhor compreender os conceitos de espaço mental e de *frame*:

*Espaços mentais podem ser imaginados como um recipiente temporário para informações relevantes sobre um domínio em particular. Um espaço mental contém uma representação parcial de entidades e relações de um cenário particular conforme entendido por um falante. Os espaços são estruturados por elementos os quais representam cada uma das entidades do discurso, e por frames simples para representar as relações que existem entre eles. Frames são pares de valor-atributo estruturados hierarquicamente que podem ser integrados com informações perceptuais, ou usados para ativar o conhecimento genérico sobre pessoas e objetos assumidos por default*⁷⁸.

Em geral, o uso dos espaços mentais diz respeito à modelagem de mapeamentos dinâmicos incidentes no pensamento e na linguagem. Esses mapeamentos são constituídos por correspondências abstratas que se realizam entre elementos e relações em diferentes espaços mentais. Além disso, os espaços mentais *são interconectados, e podem ser modificados à medida que o pensamento e o discurso evoluem*⁷⁹ (Fauconnier e Turner, 2002:40). Um exemplo apresentado, por Fauconnier e Turner (2002:102), é um espaço mental formado pela

⁷⁵ Conceptual Integration is a basic mental operation over mental spaces.

⁷⁶ Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action.

⁷⁷ Fauconnier e Turner (2002) definem os *frames* como conhecimentos esquemáticos, presentes na memória de longo prazo.

⁷⁸ Mental spaces (Fauconnier, 1994) can be thought of as temporary containers for relevant information about a particular domain. A mental space contains a partial representation of the entities and relations of a particular scenario as construed by a speaker. Spaces are structured by elements which represent each of discourse entities, and simple frames to represent the relationships that exist between them. Frames are hierarchically structured attribute-value pairs that can either be integrated with perceptual information, or used to activate generic knowledge about people and objects assumed by default.

⁷⁹ They are interconnected, and can be modified as thought and discourse unfold.

cena “Julie compra café no *Peet’s coffee*”. Os elementos estruturais que formam o referido espaço são organizados pelo *frame* “transação comercial”, assim como pelo subframe “comprando café no *Peet’s*”, relevante para *Julie*.

Um outro ponto importante sobre os espaços mentais se refere ao fato de que eles podem ser construídos a partir de diversificadas fontes, entre elas, o conjunto de domínios conceituais com o qual operamos e a experiência imediata. No exemplo anterior, o conjunto de domínios conceituais é formado pelos conceitos “comer e beber”, “comprar e vender” e “conversa social em lugares públicos”. Além disso, nesse caso, outros espaços mentais podem ser construídos a partir da experiência imediata: assim, por exemplo, no momento em que alguém vê a pessoa *Julie* comprando café no *Peet’s* constrói, então, um espaço mental de *Julie* no *Peet’s coffee*, ou, ainda, quando alguém diz que *Julie* foi ao *Peet’s* para um café pela primeira vez, naquela manhã. De forma que outros espaços mentais continuariam a ser elaborados se essa conversa prosseguisse, pois *no desdobramento de um discurso inteiro, uma rica exibição de espaços mentais é tipicamente erigida com mútuas conexões e mudanças de ponto de vista e de foco de um espaço para outro*⁸⁰ (Fauconnier e Turner, 2002:103).

É pertinente, ainda, a questão de que os espaços mentais, apesar de construídos dinamicamente na memória de trabalho, podem também ficar estabelecidos na memória de longo prazo, sendo que os próprios *frames* constituem espaços mentais que podem ser ativados de forma repentina. Um exemplo de espaço mental radicado na memória de longo-prazo é Jesus na Cruz. É interessante notar que esse espaço mental evoca outros *frames*, como a crucificação romana, Jesus, o filho de Deus, Maria e as mulheres puras ao pé da cruz, entre outros. Tal ocorrência justifica-se pelo fato de que, tipicamente, um espaço mental radicado tem a ele vinculado outros espaços mentais que emergem com a sua ativação (Fauconnier e Turner, 2002).

Fauconnier e Turner têm utilizado diagramas para falar sobre espaços mentais e mesclagem conceitual. Nesses diagramas, os círculos representam os espaços mentais, os pontos, dentro dos círculos, os elementos, e as linhas representam os mapeamentos entre os elementos nos distintos espaços. As linhas sólidas indicam o mapeamento entre os espaços de entrada e as linhas pontilhadas os mapeamentos entre os espaços de entrada, o espaço genérico e o espaço mesclado, dos quais trataremos adiante. Os autores explicitam que, numa interpretação neural dos processos cognitivos em que se inserem os espaços mentais, estes são vistos como *conjuntos de organizações neuronais ativadas, e as linhas entre os elementos*

⁸⁰ In the unfolding of a full discourse, a rich array of mental spaces is typically set up with mutual connection and shifts of viewpoint and focus from one space to another.

correspondem à co-ativação de ligações de um certo tipo⁸¹ (Fauconnier e Turner 2002:40), chamando a atenção, ainda, para a conveniência de uma ilustração estática (diagrama) na explicação dos aspectos concernentes à teoria. No entanto, para eles, *um diagrama é realmente apenas uma fotografia de um complicado processo imaginativo que pode envolver desativação de conexões prévias, reconstrução de espaços prévios e outras ações*⁸² (Fauconnier e Turner, 2002: 46).

O diagrama seguinte é uma ilustração da rede operada pelo modelo.

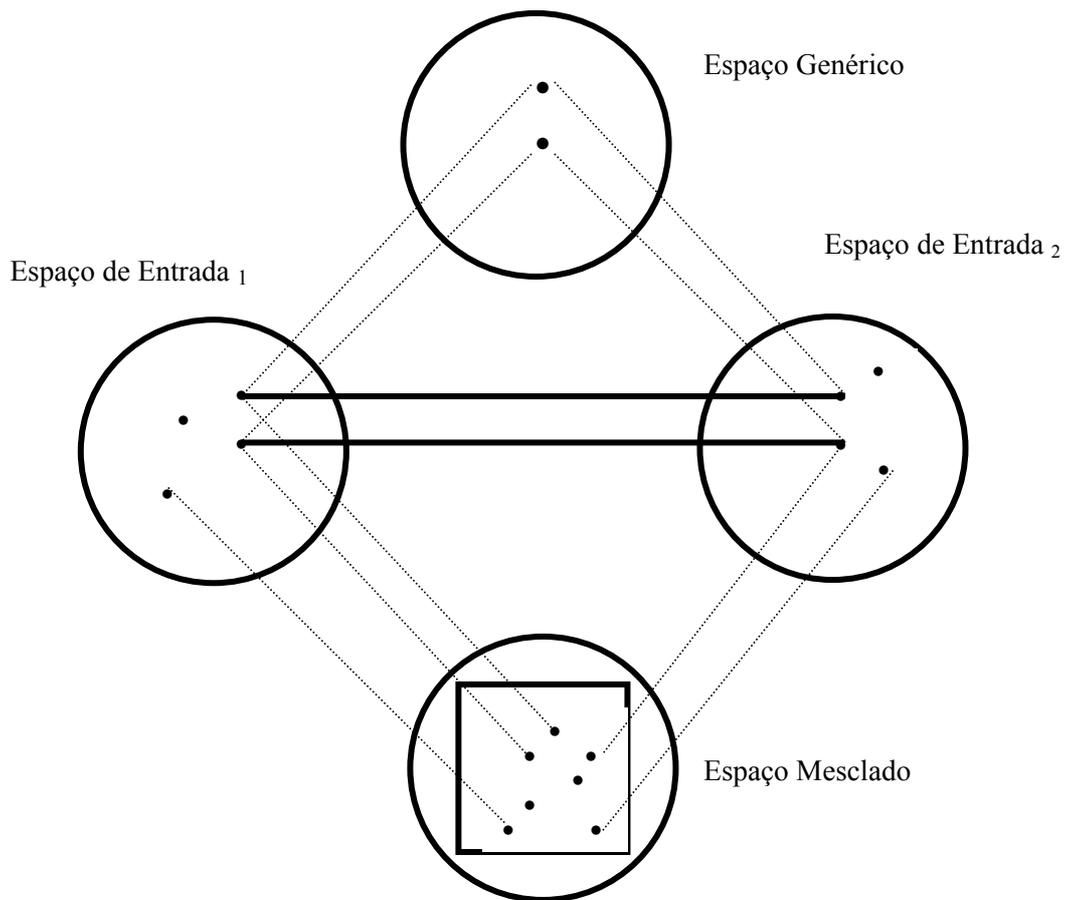


Figura 3: Diagrama Básico (Fauconnier e Turner, 2002:46)

Conforme se apresenta no diagrama (figura 3), a estrutura mínima do modelo da teoria da mesclagem conceitual apresenta quatro espaços mentais: dois espaços de entrada, o espaço genérico e o espaço mesclado.

No modelo descrito, ocorre uma correspondência parcial entre espaços de entrada, o que pode produzir conexões de contraparte de vários tipos, como conexões entre *frames*,

⁸¹ ... sets of activated neuronal assemblies, and the lines between elements correspond to coactivation-bindings of a certain kind.

⁸² ... a diagram is really just a snapshot of an imaginative and complicated process that can involve deactivating previous connections, reframing previous spaces, and other actions.

conexões analógicas e conexões metafóricas, entre outras. As correspondências criadas entre dois espaços constituem o que Fauconnier e Turner (2002) designam como *mapeamentos interespaços*.

O espaço genérico contém as estruturas conceituais que os espaços de entrada têm em comum. Usualmente, esse espaço é construído no momento em que a estrutura compartilhada pelos espaços de entrada é capturada, fazendo este, por sua vez, o mapeamento para cada um dos espaços de entrada. Quando a estrutura dos espaços mentais de entrada é projetada seletivamente para um novo espaço, forma-se o espaço mesclado, o qual também mantém relações com o espaço genérico, uma vez que contém, além de outras estruturas específicas, a estrutura genérica proveniente desse espaço. É, na verdade, no espaço mesclado onde se processa a combinação e a interação dos elementos provenientes dos espaços de entrada.

A estrutura emergente, representada no diagrama pelo único quadrado, surge dentro do espaço mesclado. Ela pode ser gerada de três maneiras: por composição de projeções dos espaços de entrada; por complementação baseada em *frames* e cenários arrolados independentemente; e por elaboração. Grady, Oakley e Coulson (1999) descrevem, de forma resumida, esses três processos, revelando que a composição *refere-se à projeção de conteúdos de cada um dos espaços de entrada dentro do espaço mesclado*⁸³, podendo envolver, algumas vezes, a fusão de elementos dos espaços de entrada. Além disso, segundo os autores, as representações que resultam desse processo não são necessariamente realistas. O processo de complementação é, por sua vez, definido pelos autores como *o preenchimento de um modelo no espaço mesclado evocado quando a estrutura projetada dos espaços de entrada corresponde a informações na memória de longo prazo*⁸⁴. Por último, o processo de elaboração é tido como *a representação mental simulada de eventos no espaço mesclado, a qual podemos continuar elaborando indefinidamente*⁸⁵ (Grady, Oakley e Coulson, 1999:107).

Fauconnier e Turner (2002:49) acrescentam, ainda, que *as possibilidades criativas da mesclagem conceitual provêm da natureza irrestrita da composição e da elaboração. Elas recrutam e desenvolvem novas estruturas em modos que são fundamentados, mas efetivamente ilimitados*⁸⁶. É pertinente também a questão de que em cada um desses

⁸³ Composition refers to the projection of content from each of the inputs into the blended space.

⁸⁴ Completion is the filling out of a pattern in the blend, evoked when structure projected from the input spaces matches information in long-term memory.

⁸⁵ Elaboration is the simulated mental performance of the event in the blend, which we may continue indefinitely.

⁸⁶ The creative possibilities of blending stem from the open-ended nature of completion and elaboration. They recruit and develop new structure for the blend in ways that are principled but effectively unlimited.

processos existe um potencial para o surgimento de novas estruturas, não passíveis de ser obtidas diretamente dos espaços de entrada.

Para uma melhor compreensão dos princípios constitutivos do modelo teórico apresentado, vejamos um exemplo relatado por Fauconnier e Turner (2002), que focaliza uma situação enigmática apresentada por Arthur Koestler em *The Act of Creation* (O Ato da Criação). O enigma é construído a partir da história de um monge budista que, num certo amanhecer, sobe uma montanha, alcança-lhe o topo ao pôr-do-sol e permanece lá, em meditação, por vários dias, até que chega um outro amanhecer em que ele resolve retomar o caminho de volta ao sopé, o qual alcança ao pôr-do-sol. Sem que se construa nenhuma suposição sobre a partida ou chegada do monge, ou sobre seu ritmo durante as viagens, pergunta-se: Existe, nos dois percursos realizados, um lugar no caminho onde o monge passa a mesma hora do dia?

Fauconnier e Turner (2002) argumentam que a solução desse enigma pode ser viabilizada por intermédio do modelo por eles configurado. Assim, na proposta de análise do enigma, dizem que:

ao invés de visualizar o monge budista subindo a montanha um dia e descendo vários dias depois, imagine que ele está fazendo ambos os percursos no mesmo dia. Deve existir um lugar onde ele se encontra consigo mesmo, e esse lugar é o que estamos procurando. Sua existência soluciona o enigma. Nós não sabemos onde é esse lugar, mas sabemos que, seja qual for sua localização, o monge esteve lá, a mesma hora do dia, nas duas viagens distintas⁸⁷ (Fauconnier e Turner, 2002:39).

Embora a solução possa ser vista por algumas pessoas como forçada, os autores ponderam que a resolução desse pequeno enigma traz à tona uma questão científica maior, que concerne ao fato de como eles são capazes de encontrar a solução apresentada e por que estão convencidos de que esta é a solução correta, tendo em vista que, tecnicamente, é impossível para o monge fazer as duas viagens ao mesmo tempo e encontrar-se consigo mesmo. Para os autores, contudo, é essa “impossível” criação imaginativa que dá acesso à verdade procurada, sendo evidentemente irrelevante para o seu raciocínio a preocupação com a realização ou não dos fatos sugeridos. Importa que o *frame* do encontro de duas pessoas é perfeitamente possível e corriqueiro. É a ativação desse *frame* de um encontro que viabiliza o entendimento da solução apresentada para o enigma, mesmo que não corresponda exatamente

⁸⁷ Rather than envisioning the Buddhist Monk strolling up one day and strolling down several days later, imagine that he is taking both walks on the same day. There must be a place where he meets himself, and that place is the one we are looking for. Its existence solves the riddle. We don't know where this place is, but we do know that, whatever its location, the monk must be there at the same time of day on his two separate journeys.

ao *frame* do enigma original, formado apenas por uma pessoa que executa diferentes tarefas (i.e., subir e descer a montanha) em períodos também distintos. Na visão dos autores, *a concepção imaginativa do encontro do monge consigo mesmo mescla as jornadas de subida e de descida da montanha, e ela tem a estrutura emergente de ‘um encontro’, o qual não é um aspecto das jornadas em separado. Essa estrutura emergente cria a solução aparente*⁸⁸ (Fauconnier e Turner, 2002:40).

Os princípios constitutivos da teoria da integração conceitual podem ser ilustrados no exemplo relatado, de modo a tornar mais claros os pressupostos defendidos pelos autores. Assim sendo, podemos visualizar, no referido exemplo, dois espaços mentais, que correspondem à subida e à descida da montanha. Estes, por seu turno, estabelecem conexões com *frames* e outros conhecimentos específicos da memória de longo prazo. Especificamente, no caso apreciado, pode ser ativado o *frame* de um “andarilho ao longo de um caminho”, bem como a lembrança de uma época em que alguém escalou uma montanha. Nesse exemplo, a rede operada pelo modelo pode ser esquematizada da forma seguinte, numa adaptação de Fauconnier e Turner (2002:41-42), apresentando-se, mais claramente, os princípios constitutivos da teoria:

- ESPAÇOS DE ENTRADA

- Espaço 1: estrutura parcial da jornada ascendente do monge, incluindo o dia da jornada inicial (d_1) e a subida do monge à montanha (a_1);
- Espaço 2: estrutura parcial da jornada descendente, incluindo o dia da jornada final (d_2) e a descida do monge da montanha (a_2);

- MAPEAMENTO INTERESPAÇOS: mapeamento parcial que conecta contrapartes nos espaços mentais de entrada, como montanha, movimento do monge, dia da jornada e movimento do monge no espaço mental em direção da montanha;
- ESPAÇO GENÉRICO: contém elementos comuns aos espaços de entrada, como o movimento do monge e sua posição, um caminho ligando a base e o topo da montanha, o dia da viagem e movimentos em direções não específicas;
- MESCLA: projeção da inclinação da montanha (aclive ou declive) própria de cada um dos espaços mentais para uma mesma e única inclinação no espaço

⁸⁸ The imaginative conception of the monk’s meeting himself blends the journey to the the summit and the journey back down, and it has the emergent structure of an “encounter”, which is not an aspect of the separate journeys. This emergent structure makes the solution apparent.

integrado; mapeamento dos dois dias de jornada (d_1 e d_2) para um único dia (d'), ocorrendo uma fusão de d_1 e d_2 ; mapeamento dos movimentos do monge e suas posições, de acordo com o período do dia – a direção dos movimentos (ascendente e descendente), que não pode ser fundida, é preservada, bem como o tempo;

- ESPAÇO MESCLADO: possui tempo (t) e dia (d') e é formado pela contraparte de (a_1) na posição ocupada por (a_1) no tempo t do dia (d_1) e pela contraparte de (a_2) na posição ocupada por (a_2) no tempo t do dia (d_2);
- ESTRUTURA EMERGENTE:
 1. por composição: elementos provenientes dos espaços de entrada possibilitam relações acessíveis no espaço mesclado – duas pessoas caminhando em direções opostas; comparação das posições dessas pessoas, em qualquer tempo do percurso, a partir do pressuposto de que caminham no mesmo dia (d');
 2. por complementação: recrutamento de uma estrutura adicional para o espaço mesclado – a estrutura de duas pessoas caminhando – vista como parte saliente da formação do *frame* familiar de duas pessoas iniciando uma viagem, ao mesmo tempo, de pontos opostos de um caminho;
 3. por elaboração: o *frame* ativado na fase de complementação permite, dinamicamente, o processamento do cenário de duas pessoas se movimentando ao longo de um caminho, que modifica o espaço mesclado de forma imaginativa, criando um encontro real de duas pessoas, estrutura nova não presente em nenhum dos espaços de entrada; as duas pessoas e o local do encontro são projetados de volta do espaço mesclado, respectivamente, para o mesmo monge e para a mesma localização do caminho de cada um dos espaços de entrada.

A explicação de como acontece o processamento do espaço mesclado, conforme o apresentado, pode dar margem, segundo os autores, a questões sobre o suposto argumento de que o significado é apreendido de forma consciente, embora este seja construído de forma inconsciente, assim como a respeito do momento em que os aspectos inconscientes aparecem na superfície do espaço mesclado, tornando-se visíveis para a consciência. Fauconnier e Turner (2002), em resposta a esses questionamentos, argumentam que o primeiro traz

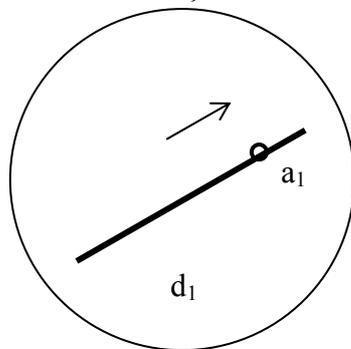
subjacente a suposição de que a apreensão consciente precisa ser produto de um processo consciente. Os autores, contudo, são contrários a esse ponto de vista:

No caso da mesclagem conceitual, os efeitos do trabalho inconsciente imaginativo são apreendidos na consciência, mas não as operações por ele produzidas. No caso do Monge Budista, o significado último surge quando percebemos que o encontro inevitável no espaço mesclado produz a solução para o problema inicial. A dinâmica rede de ligações entre espaço mesclado e espaços de entrada permanece inconsciente. O que é registrado conscientemente é o encontro nesse espaço e o conseqüente “alinhamento” entre os dois espaços de entrada⁸⁹ (Fauconnier e Turner, 2002:57).

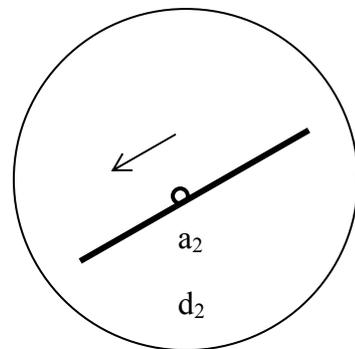
Em relação ao segundo ponto, os autores afirmam que o momento concreto da compreensão global ocorre quando a rede é elaborada de forma a conter uma solução, a qual é remetida para a consciência.

Nos diagramas abaixo, podemos visualizar a formação dos quatro espaços mentais que fazem parte da estrutura do modelo de Fauconnier e Turner, assim como o mapeamento de volta para os espaços de entrada, conforme aplicação feita ao exemplo do Monge Budista, explicitado nessa seção.

- ESPAÇOS MENTAIS DE ENTRADA



Espaço de Entrada 1



Espaço de Entrada 2

Figura 4: Espaços mentais de entrada (Fauconnier e Turner, 2002:41)

⁸⁹ In the case of blending, the effects of the unconscious imaginative work are apprehended in consciousness, but not the operation that produce it. In the case of the Buddhist Monk, the ultimate meaning pops out when we realize that the inevitable encounter in the blend yields the solution to the initial problem. The dynamic web of links between blend and inputs remains unconscious. What is registered consciously is the encounter in the blend and the “consequent” alignment between the two inputs.

- ESPAÇO GENÉRICO

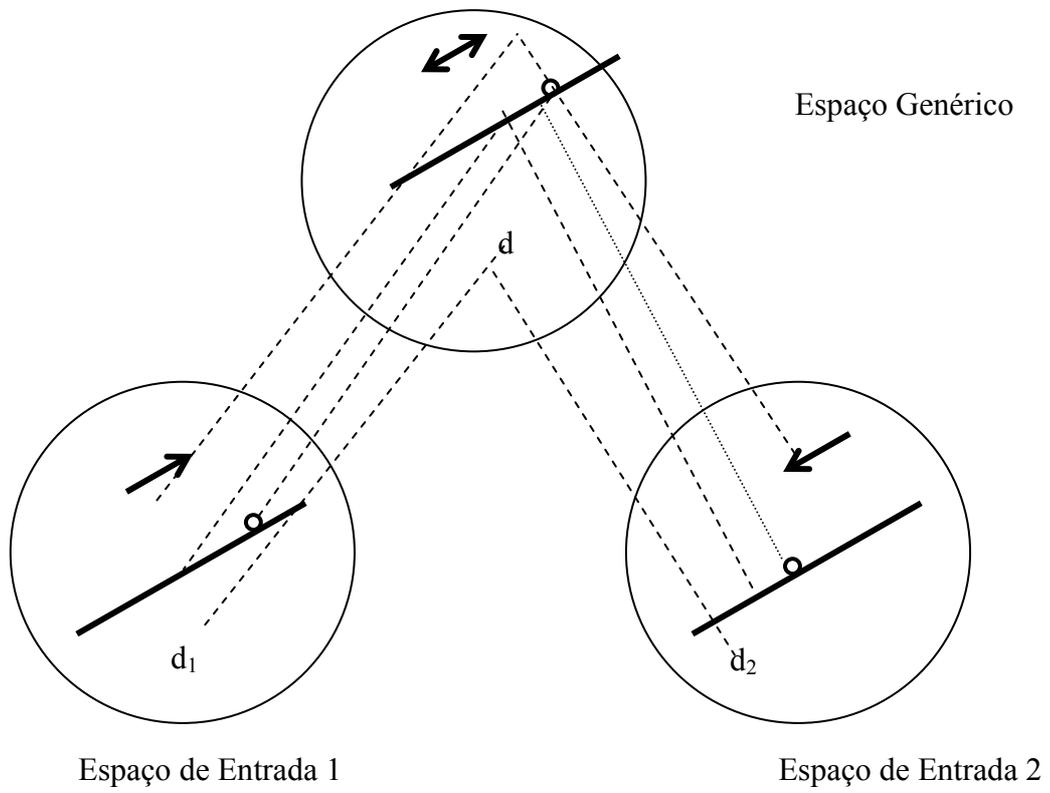


Figura 5: Espaço Genérico (Fauconnier e Turner, 2002:42)

- ESPAÇO MESCLADO

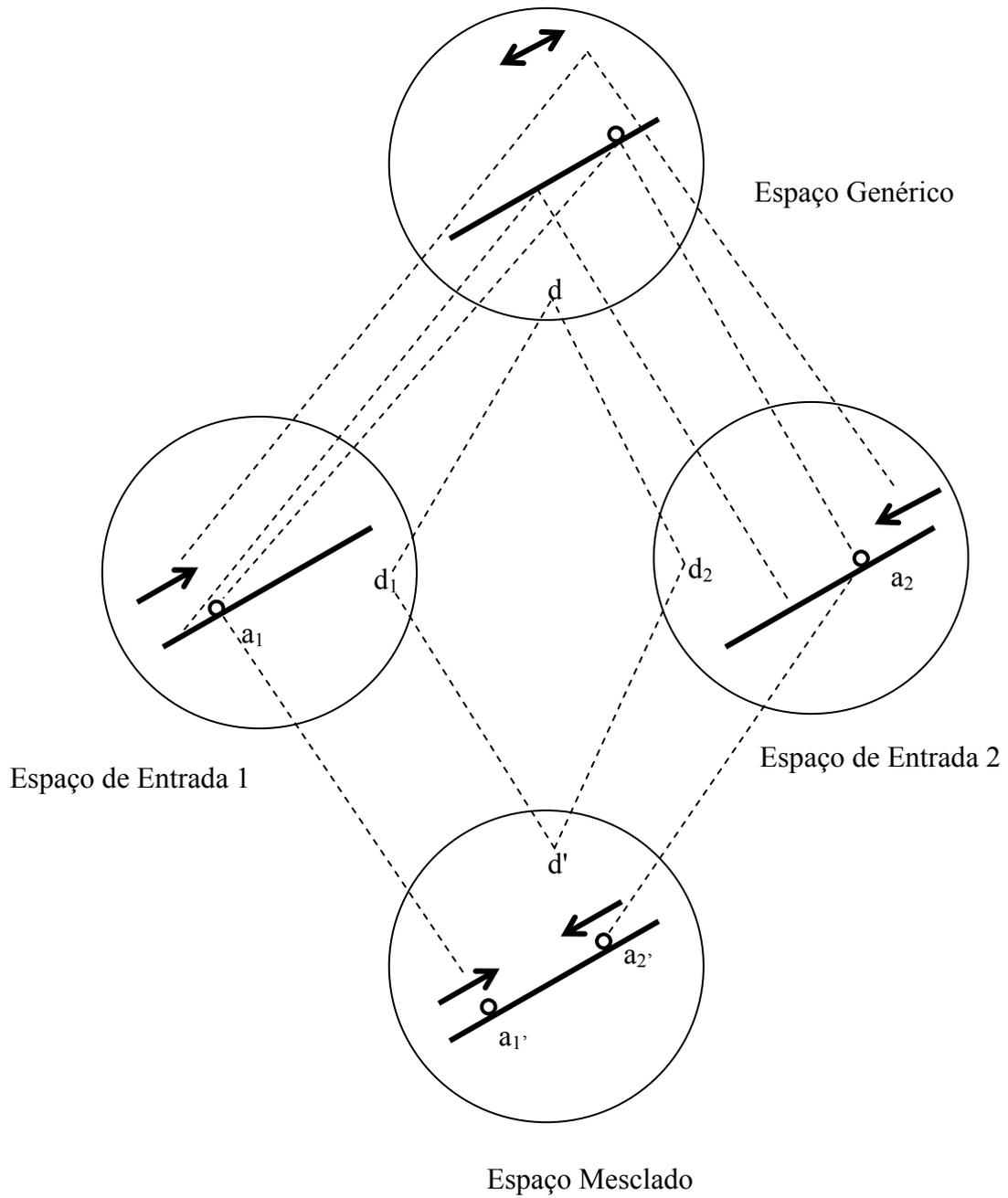


Figura 6: Espaço Mesclado (Fauconnier e Turner, 2002:43)

- MAPEAMENTO DE VOLTA PARA OS ESPAÇOS DE ENTRADA

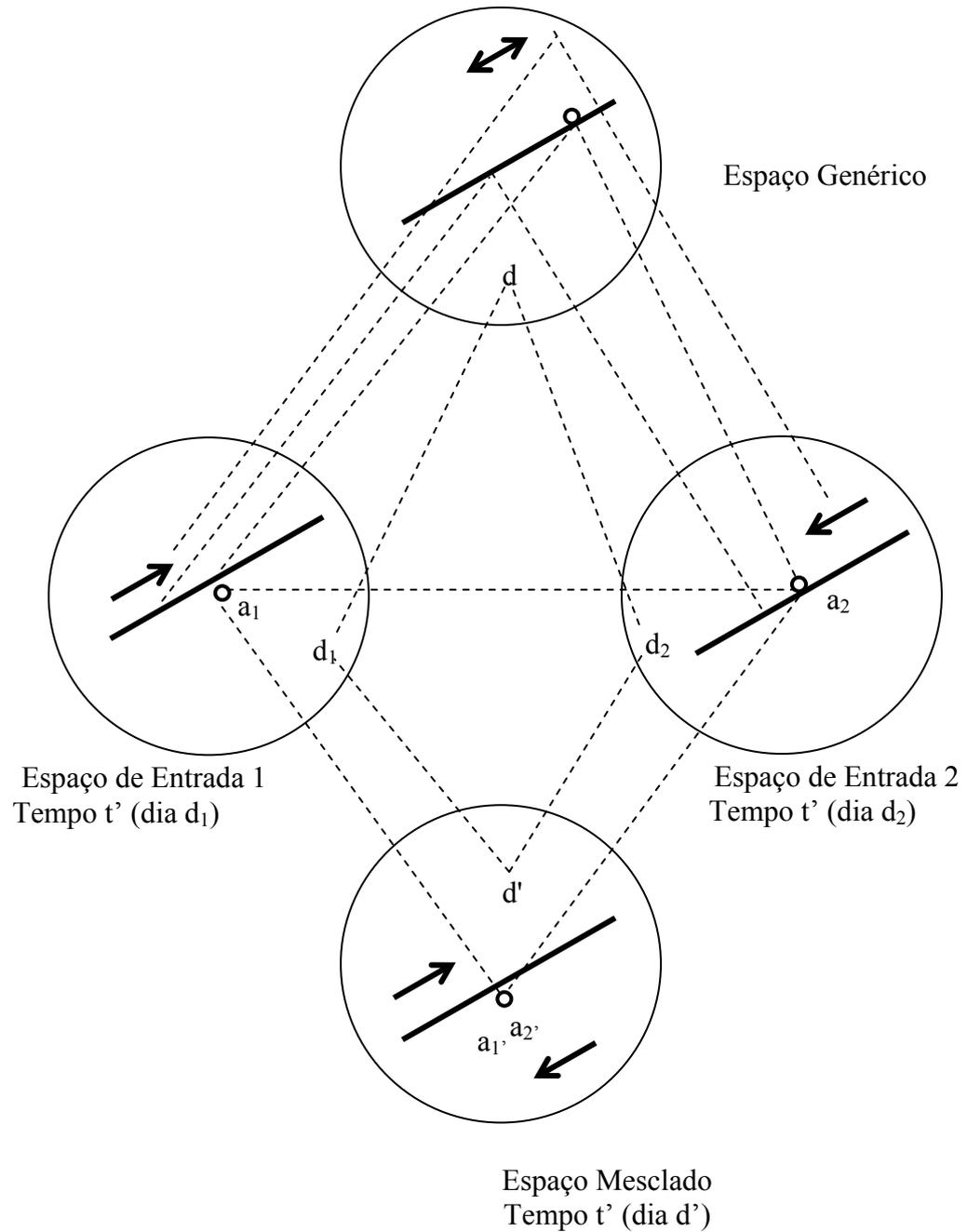


Figura 7: Mapeamento de volta para os espaços de entrada (Fauconnier e Turner, 2002:45)

4.3 Relações vitais

Fauconnier e Turner (2002) designam as relações conceituais comprimidas no espaço mesclado como Relações Vitais. É necessário, portanto, olhar mais de perto essas relações, uma vez que exercem papel fundamental no processamento desse espaço e, conseqüentemente, na construção do significado que dele emerge. Os autores apontam como

mais freqüentes as seguintes relações vitais: mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, função, analogia, desanalogia, propriedade, similaridade, categoria, intencionalidade e singularidade.

A princípio, para uma melhor compreensão desse tópico, vejamos como se dá o estabelecimento de algumas das relações vitais enumeradas no exemplo “Ponte de Safena” (*The Bypass*), citado por Fauconnier e Turner (2002:67). O referido exemplo mostra um anúncio publicitário (ver figura 8) cujo objetivo é convencer os leitores a entrar na briga pelo aumento do nível de qualidade das escolas americanas. O anúncio é assim descrito pelos autores:

Ele mostra três médicos numa sala de operação que parecem estar olhando na direção da pessoa que está lendo o anúncio. A manchete é uma voz apresentando os médicos ao leitor, que é também o paciente. Ela diz: “Joey, Katie e Todd estarão realizando sua cirurgia de ponte de safena”. A única coisa estranha sobre essa cena é que Joey, Katie, e Todd têm cerca de sete anos de idade. O corpo do anúncio explica que fazer alguma coisa refinada, como a prática da medicina, requer um saber refinado, mas que crianças americanas estão recebendo currículos inadequados. Eles não compreenderão química ou refração laser ou imunologia, assim eles não serão bons médicos, e o público, personificado por esse leitor, estará em risco. Especificamente, Joey, Katie e Todd operarão você, e você provavelmente morrerá. No entanto, você poderá nos ajudar a melhorar os padrões⁹⁰ (Fauconnier e Turner, 2002:65-66).

⁹⁰ It shows three doctors in an operating room, who seem to be looking in the direction of the person reading the ad. The headline is a voice introducing the doctors to the reader, who is also the patient. It says, “Joey, Katie and Todd will be performing your bypass”. The only odd thing about this scene is that Joey, Katie, and Todd are about seven years old. The body of the ad explains that doing anything sophisticated, like practicing medicine, requires sophisticated learning, but that America’s kids are getting dumbed-down curricula. They won’t understand chemistry or laser refraction or immunology, so they won’t be good doctors, and the public, personified by the reader, will be at risk. Specifically, Joey, Katie, and Todd will operate on you, and you will probably die. Therefore, you should help get standards raised.



**Joey, Katie and Todd
will be performing your bypass.**

Before you know it, these kids will be doctors, nurses and medical technicians, possibly yours. They'll need an excellent grasp of laser technology, advanced computing and molecular genetics. Unfortunately, very few American children are being prepared to master such sophisticated subjects.

If we want children who can handle tomorrow's good jobs, more kids need to take more challenging academic courses.

To find out how you can help the effort to raise standards in America's schools, please call 1-800-96-PROMISE.

If we make changes now, we can prevent a lot of pain later on.

The Business Roundtable
U.S. Department of Education
National Governors' Association
American Federation of Teachers
The National Alliance of Business

Ad
Center

EDUCATION EXCELLENCE PARTNERSHIP

Figura 8: A ponte de safena (Fauconnier e Turner, 2002:67)

Nesse exemplo, aplicando-se o modelo da teoria da integração conceitual, podemos visualizar a existência de dois espaços mentais de entrada. O primeiro é constituído pelas crianças *Joey, Katie e Todd*. O segundo, pelos médicos, que já passaram pela educação formal. Através do mapeamento interespaços é feita a ligação de criança para adulto. Esses dois elementos são parcialmente projetados para o espaço mesclado, onde são fundidos. O *frame* de cirurgião, proveniente do segundo espaço de entrada, também é projetado para o espaço mesclado. Assim, nesse espaço, os cirurgiões têm apenas sete anos de idade. Para os autores, esse cenário mostra-se aterrorizador, uma vez que se espera que os cirurgiões sejam mais competentes que crianças de sete anos de idade. É esse ponto que remete à questão crucial de como transformar as crianças em adultos competentes.

O anúncio, em suma, adverte o leitor de que, se ele não tomar uma atitude, essas crianças serão formadas dentro de um sistema educacional que não lhes ensinará aquilo que é necessário aprender para se tornar médicos. Aliás, pode ser visto, no espaço mesclado, que a aparência dos médicos com corpos infantis corresponde a sua incompetência. Ao mesmo tempo, no espaço de entrada, constituído por médicos adultos, mesmo que eles tenham corpos adultos, fica a interrogação sobre o tipo de competência que possuem. Assim, a inferência que se faz dessa cena é que, se nada for feito, o resultado será a formação de médicos adultos com baixa competência. Por isso, somente com o aperfeiçoamento da educação nas escolas americanas será possível mudar esse quadro, permitindo que os médicos adultos tenham uma alta competência. O fecho do anúncio ratifica esse posicionamento: *Se fizermos mudanças agora, poderemos prevenir muitas dores posteriormente*⁹¹ (Fauconnier e Turner, 2002:67).

Na opinião de Fauconnier e Turner (2002), esse anúncio tem grande poder, porque faz, de forma brilhante, uso da mesclagem conceitual para

*apresentar simultaneamente as crianças como elas são agora com os frames que elas ocuparão muito mais tarde. O leitor é também projetado para o espaço mesclado, como o paciente. Isso faz com que uma urgente situação distante seja trazida para dentro de um presente imediato. Nos espaços de entrada, as consequências letais da educação pobre das crianças emergem somente mais tarde, quando você está velho e precisa de uma ponte de safena nas artérias coronárias. No espaço mesclado, você precisa de uma ponte de safena agora e a operação está quase para ser executada*⁹² (Fauconnier e Turner, 2002:66).

⁹¹ If we make changes now, we can prevent a lot of pain later on.

⁹² ... to bring together children as they are now with the frames they will inhabit much later on. The reader is also projected into the blend, as the patient. This makes a distant situation urgent by bringing it into the immediate present. In the inputs, the lethal consequences of the children's poor education emerge only much later, when you are old and need a coronary artery bypass. In the blend, you need a bypass now and the operation is just about to be performed.

Ademais, os autores chamam atenção para o fato de que uma pessoa pode até ser indiferente aos acontecimentos daqui a vinte anos, ou quanto à educação das crianças alheias. Contudo, dificilmente essa mesma pessoa ficará alheia à incompetência dos médicos que estão prestes a abrir o próprio tórax dela.

Após a análise da estrutura do exemplo “A ponte de safena”, passamos a explorar, nessa situação, os tipos de ligações entre os espaços de entrada para, então, chegar às relações vitais, que surgem na compressão dessas ligações no espaço mesclado. Fauconnier e Turner (2002) reconhecem que há, nesse anúncio, ligações de causa-efeito, de tempo, de espaço, de identidade e de transformação. No esquema abaixo, podemos melhor visualizar essas ligações:

- CAUSA-EFEITO: o espaço de entrada 1, constituído pelas crianças na escola e pela qualidade da educação dessas crianças, é causativo do espaço de entrada 2, que contém médicos com um certo nível de competência;
- TEMPO: existência de um intervalo de duas décadas entre as crianças (espaço de entrada 1) e os médicos (espaço de entrada 2);
- ESPAÇO: existência de um deslocamento entre o espaço físico da sala de aula (espaço de entrada 1) e o espaço físico da sala de operação (espaço de entrada 2);
- IDENTIDADE: existência de ligação de contraparte entre as crianças numa etapa da vida (espaço de entrada 1) e os médicos mais tarde (espaço de entrada 2);
- MUDANÇA: transformação das crianças (espaço de entrada 1) em médicos (espaço de entrada 2).

As ligações entre os espaços mentais de entrada, tais como as descritas acima, são designadas por Fauconnier e Turner (2002) como relações de espaço externo. Essas relações, por sua vez, podem comprimir-se no espaço mesclado em relações designadas como espaço interno. No espaço mesclado do exemplo em análise, é possível, segundo Fauconnier e Turner (2002:92), constatar que *cada uma dessas ligações de espaço externo entre os espaços de entrada para a rede de integração conceitual tem uma contraparte comprimida dentro do espaço mesclado*⁹³. Assim sendo, ocorre, no referido espaço, uma compressão de ligações de espaço externo em relações de espaço interno, ou seja, o que chamamos de relações vitais. No

⁹³ Every one of these “outer-space” links between the inputs to the conceptual integration network has a compressed counterpart in the blend!

exemplo “A ponte de safena”, é possível a identificação das seguintes relações vitais: Causa-Efeito, Tempo, Espaço, Identidade, Mudança e Singularidade. Essas relações podem ser assim exemplificadas, sendo necessário, para uma melhor compreensão, que se retome o esquema anterior sobre as ligações de espaço externo:

- CAUSA-EFEITO: as crianças têm a necessidade de aprender tudo de uma vez, tendo em vista que, no espaço mesclado, já se apresentam como cirurgiões;
- TEMPO: o intervalo entre o momento presente e os cirurgiões é comprimido de vinte anos para poucos minutos no espaço mesclado, quando as crianças já são vistas como médicos;
- ESPAÇO: no espaço mesclado, a sala de aula é a sala de operação;
- IDENTIDADE E MUDANÇA SÃO COMPRIMIDAS (DE FORMA SINGULAR): transformação dos mais jovens em trabalhadores adultos; as crianças são os médicos.

No que diz respeito ainda ao tratamento das relações vitais, Fauconnier e Turner (2002) advertem sobre a existência de padrões canônicos de compressão sobre essas relações, que podem ser comumente encontrados, tais como os seguintes: a) graduação das relações de Tempo, Espaço, Causa-Efeito e Intencionalidade; b) compressão de Analogia em Identidade ou Singularidade; c) compressão de Causa-Efeito em Parte-Todo; d) compressão de Identidade em Singularidade. Existem, ainda, segundo os autores, padrões canônicos de proliferação dessas relações como, por exemplo, a adição de Causa-Efeito à Analogia, a adição de Intencionalidade e de Representação à Causa-Efeito, e a ocorrência da relação Mudança, usualmente, ao lado das relações Singularidade ou Identidade. Na progressão desse trabalho, continuaremos a exemplificar as relações vitais enumeradas, embora, por economia, não consigamos abranger o todo do conjunto apresentado.

4.4 Princípios reguladores

Segundo Fauconnier e Turner (2002), há, em adição aos princípios constitutivos que fundamentam o modelo de rede de integração conceitual, princípios reguladores que limitam muito mais seu campo de ação. Os princípios reguladores caracterizam as estratégias para otimização da estrutura emergente do espaço mesclado e, com certa frequência, são competitivos entre si, o que traz, como consequência, o fato de que esses princípios somente são satisfeitos em um certo grau. Os autores dividem os princípios reguladores em duas

classes: a) princípios reguladores para compressão de relações; b) outros princípios reguladores.

Antes, porém, de caracterizarmos os princípios reguladores propriamente ditos, discorreremos sobre a proposição dos autores de que a realização da escala humana é o objetivo maior que dirige tanto os princípios constitutivos quanto os princípios reguladores da teoria. Nesse sentido, Fauconnier e Turner (2002:312) argumentam que

os princípios constitutivos e reguladores têm o efeito de criar espaços mesclados na escala humana. As situações da escala humana mais óbvias têm percepção e ação direta em frames familiares que são facilmente apreendidos pelos seres humanos: um objeto cai, alguém levanta o objeto, duas pessoas conversam, uma pessoa vai a algum lugar. Elas tipicamente têm pouquíssimos participantes, intencionalidade direta e efeito físico imediato e são prontamente apreendidas como coerentes⁹⁴.

É pertinente, ainda, segundo os autores, o fato de que a realização de mesclagens conceituais na escala humana demanda a ocorrência de transformações de elementos e estrutura dentro de uma rede de integração, da forma como são projetados para o espaço mesclado. Ao lado do objetivo maior já explicitado, concorrem os seguintes: a) *comprimir o que é difuso*; b) *obter insight global*; c) *fortalecer relações vitais*; d) *surgir com uma história*; e) *vir de muitos para um* (Fauconnier e Turner, 2002:312).

Para Fauconnier e Turner (2002) não existe uma independência entre esses objetivos e o objetivo maior – realização da escala humana. Assim sendo, destacam os seguintes pontos, que ajudam a explicitar os objetivos últimos citados:

- A escala humana pode ser realizada por meio da compressão;
- O fortalecimento de relações vitais faz parte da realização da escala humana num cenário que normalmente envolve uma história simples;
- A escala humana é considerada como o nível em que há a impressão de que se tem um entendimento satisfatório, fidedigno e direto;
- A realização de mesclagem conceitual na escala humana provoca a impressão de um insight global;

⁹⁴ The constitutive and governing principles have the effect of creating blended spaces at human scale. The most obvious human-scale situations have direct perception and action in familiar frames that are easily apprehended by human beings: An object falls, someone lifts an object, two people converse, one person goes somewhere. They typically have very few participants, direct intentionality, and immediate bodily effect and are immediately apprehended as coherent.

- O espaço mesclado torna-se mais tratável e manipulável, cognitivamente, por meio da compressão e da escala, posto que este está ligado a uma rede complexa;
- A manipulação do espaço mesclado possibilita o controle total de uma rede difusa, a qual, por sua vez, gera a impressão de um controle conceitual global e, ainda, insight;
- Muitos elementos dos espaços de entrada são, na formação da rede, projetados como um ou poucos no espaço mesclado, propiciando, também, a realização da escala humana.

4.4.1 Princípios reguladores da compressão

No ponto a que chegamos, já é possível a inferência de que *a mesclagem conceitual é uma ferramenta de compressão por excelência*⁹⁵ (Fauconnier e Turner, 2002: 312) e, conforme veremos, essa ferramenta opera nos mais diversos tipos de rede, criando espaços mesclados comprimidos. Lembramos que as versões comprimidas dos espaços mesclados podem ser provenientes tanto das relações de espaço externo quanto das relações de espaço interno. Os princípios reguladores da compressão são apresentados, por Fauconnier e Turner (2002:324-325), como condutores da compressão de relações vitais da forma como elas são projetadas para o espaço mesclado. Esses princípios, em número de sete, são sumariamente definidos pelos autores:

- ***Empréstimos para compressão:*** *quando um espaço de entrada tem grande coerência com o existente na escala humana mas o outro não tem, a grande coerência com a escala humana pode ser projetada para o espaço mesclado, com o efeito da compressão do outro espaço quando é projetado para o espaço mesclado*⁹⁶;
- ***Compressão de uma relação por escala:*** *algumas relações vitais de espaço interno ou de espaço externo podem ser transformadas em escala para uma versão mais comprimida da mesma relação vital no espaço mesclado*⁹⁷;

⁹⁵ ... conceptual integration is a compression tool par excellence.

⁹⁶ When one input has an existing tight coherence at human scale but the other one does not, the tight human scale coherence can be projected to the blend with the effect that the other input is compressed as it is projected to the blend.

⁹⁷ Some inner-space or outer-space vital relation can be scales to a more compressed version of the same vital relation in the blend.

- **Compressão de uma relação por síncope:** a estrutura difusa de um espaço de entrada ou interespaços pode ser comprimida quando é projetada para o espaço mesclado, deixando não todos, mas apenas poucos elementos chaves⁹⁸;
- **Compressão de uma relação vital em outra:** uma relação de um tipo pode ser comprimida em uma relação de um tipo diferente⁹⁹;
- **Escalamento:** o objetivo maior da compressão é alcançar a escala humana num único espaço mental¹⁰⁰;
- **Criação por compressão:** adicionar novas relações vitais a um espaço pode ajudá-lo a alcançar a escala humana. A compressão pode criar uma relação vital para o espaço mesclado que não se encontra nos espaços de entrada¹⁰¹;
- **Compressão de elementos destacados:** os elementos distribuídos em uma história mais abrangente podem ser comprimidos em combinações simultâneas no espaço mesclado por instrumentos tais como compressão para Categoria, compressão para Propriedade e Síncope sobre detalhe¹⁰².

4.4.2 Outros princípios reguladores

Além dos princípios reguladores para compressão, Fauconnier e Turner (2002) listam, ainda, mais oito princípios reguladores distintos, sobre os quais discorreremos de maneira breve, a partir da caracterização desses princípios, apresentada pelos autores. Os princípios são os seguintes:

- Princípio da Topologia: no espaço mesclado, a topologia dos espaços de entrada e suas relações de espaço externo são refletidas pelas relações de espaço interno;
- Princípio da Complementação do Modelo: recrutamento de um *frame* integrado para o espaço mesclado, com o objetivo de concretizar a integração desse espaço;

⁹⁸ Diffuse structure in an input or across inputs can be compressed as it is projected to the blend by dropping out all but a few key elements.

⁹⁹ A relation of one type can be compressed into a relation of a different type.

¹⁰⁰ The overreaching goal of compression is to achieve human scale in a single mental space.

¹⁰¹ Adding new vital relations to a space can help it achieve human scale. Compression can create a vital relation for the blend that is not in the inputs.

¹⁰² Distributed elements in an overreaching story can be compressed into a simultaneous arrangement in the blend by such instruments as compression to Category, compression to Property, and syncopation over detail.

- Princípio da Integração: a cognição humana tem como princípio fundamental realizar integrações de conceitos, que permite que o espaço mesclado seja manipulado como uma unidade;
- Princípio da Maximização das Relações Vitais: as relações vitais, no espaço mesclado, podem ser maximizadas, refletindo nas relações vitais de espaço externo, como forma de intensificar a estrutura do espaço mesclado e as conexões entre os espaços de entrada;
- Princípio da Intensificação das Relações Vitais: a estrutura do espaço mesclado e a conexão global entre os espaços de entrada podem ser intensificadas por meio do processo de maximização das relações vitais no espaço mesclado, assim como pelo reflexo dessas relações em relações vitais de espaço externo;
- Princípio da Rede: a manipulação do espaço mesclado como uma unidade possibilita a manutenção de uma rede de conexões apropriadas para os espaços de entrada;
- Princípio da Descompactação (*unpacking*): o espaço mesclado tem o poder de carregar em si mesmo o núcleo da rede inteira;
- Princípio da Relevância: dentro do espaço mesclado um elemento pode ter relevância para estabelecer ligações para outros espaços e para o processamento da mesclagem conceitual.

4.5 Redes de integração conceitual

Fauconnier e Turner (2002) afirmam que *integração e compressão e desintegração e descompressão* constituem lados opostos de uma mesma moeda. Nesse sentido, é fato que, na formação de uma rede de integração conceitual, o espaço mesclado não é capaz de, sozinho, prover a compressão apropriada dele próprio. Para tanto, é necessária a sua conexão com os outros componentes da rede, podendo ocorrer situações em que elementos comprimidos no espaço mesclado sejam descomprimidos e mantidos em separado nos espaços de entrada desintegrados. Retomando o exemplo do Monge Budista, podemos melhor entender esses pressupostos apresentados por Fauconnier e Turner (2002:119).

O espaço mesclado não soluciona o enigma sem sua conexão para os espaços de entrada desintegrados. Por si mesmo, a descoberta de que dois monges viajando em direções opostas no mesmo caminho encontram-se um com o outro não provê nenhum insight. É somente quando este encontro é projetado de volta para o

espaço de entrada da viagem ascendente, mantida em separado do espaço da viagem descendente, que alcançamos um insight global do enigma. Quando estamos trabalhando com todas as compressões e descompressões da rede inteira, o encontro no espaço mesclado automaticamente conecta-se dentro de um alinhamento interespaços, e é, especificamente, esse alinhamento das duas viagens que é a solução do enigma. A compreensão, no entanto, é fundamentalmente uma questão de ativação e conexão de compressões e descompressões, simultaneamente, em toda a rede¹⁰³.

Assim, em se tratando das redes de integração conceitual, é evidente que elas contêm suas compressões e descompressões. Em alguns casos, a principal via de construção de uma rede pode ser um ou outro desses dois mecanismos, de forma que eles sempre estarão presentes. Aliás, são exatamente *as múltiplas possibilidades de compressão e descompressão, de topologia dos espaços mentais, os tipos de conexões entre eles, os tipos de projeção e emergência e a riqueza do mundo¹⁰⁴* que, segundo Fauconnier e Turner (2002:119), podem produzir uma variedade de tipos de rede de integração conceitual.

No meio dessa diversidade, os autores distinguem quatro tipos de redes de integração conceitual, os quais eles designam como *simples, espelho, escopo único e escopo duplo*. Para eles, como essa classificação não é exaustiva, uma vez que a variedade de redes de integração conceitual é muito ampla, os tipos apresentados devem ser tomados como pontos proeminentes dentro de um *continuum*, ocorrendo ao longo de gradientes de complexidade. Lembramos, por oportuno, que *uma rede de integração conceitual é construída dinamicamente sobre um período do tempo, o qual pode ser muito curto (como na compreensão de uma piada) ou muito longo (como na emergência de um novo conceito científico, como números complexos, ao longo de vários séculos)¹⁰⁵* (Fauconnier e Turner, 1998:280). Antes, porém, da caracterização dos tipos de rede apontados, vamos aprofundar um pouco mais o estudo dos espaços mentais, enfocando pontos relevantes para um melhor entendimento dos tipos de redes de integração conceitual.

¹⁰³ The blend does not solve the riddle without its connection to the disintegrated input spaces. By itself, discovering that two monks traveling in opposite directions on the same path meet each other provides no insight. It is only when that encounter has projections back to the input spaces of the ascent held separate from the descend that we gain global insight into the riddle. When we are working with all descompression and compressions of the full network, the encounter in the blended space automatically connects into an alignment across the input spaces, and it is specifically this alignment of the two journeys that is the solution to the riddle. The understanding, therefore, is crucially a matter of activating and connecting compressions and decompressions simultaneously in the entire network.

¹⁰⁴ The multiple possibilities for compression and decompression, for the topology of mental spaces, the kinds of connections among them, the kinds of projection and emergence, and the richness of the world ...

¹⁰⁵ A conceptual integration network is constructed dynamically over a period of time, which may be very short (as in the understanding of a joke) or very long (as in the emergence of a new scientific concept, like complex numbers, over several centuries).

Em se tratando dos espaços mentais de entrada, Fauconnier e Turner (2002) postulam que podem ser construídos dentro dos mais variados níveis de especificidade. Tomemos, por exemplo, o seguinte espaço mental, extremamente específico: *O casamento de Allison e Chip em Annapolis, no mês de abril do ano 2000* (Fauconnier e Turner, 2002:103). Numa ordem decrescente do nível de especificidade, podemos formar a cadeia Allison – filha – mulher – ser humano – objeto físico. Qualquer um desses níveis de especificidade pode servir como base para a construção de um espaço mental de entrada.

Além disso, o grau em que o espaço mental é estruturado pode atuar como marco diferencial entre os espaços de entrada. Assim, podemos ter os seguintes casos: a) espaços com uma estrutura mínima de dois elementos abstratos não relacionados entre si (e.g., espaço com dois nomes de pessoas não relacionados, como *Paul e Elizabeth*); b) espaços com uma estrutura mínima e elementos que carecem de especificidade (i.e., isso causa aquilo); c) espaços com uma estrutura mais desenvolvida, constituídos de elementos que correspondem a papéis mas não têm valores específicos (e.g., o *frame* de papéis de parentesco ligado a uma pessoa: pai, mãe, tio, etc.).

O conceito de *frame* de organização para um espaço mental também se faz importante no presente contexto. Para Fauconnier e Turner (2002:104), um *frame* de organização é um *frame que especifica a natureza da atividade relevante, eventos e participantes*¹⁰⁶, de modo que citam *Pugilismo* como um *frame* de organização, pois ele especifica uma atividade, com eventos, seqüências e participantes. Contudo, é preciso deixar claro que um espaço de entrada não precisa, necessariamente, ter um *frame* de organização.

Na caracterização dos espaços de entrada, os autores elegem como pontos relevantes o seu grau de familiaridade, de radicação e de conexão às experiências episódicas. É que pode haver casos em que uma pessoa ative um *frame* bem conhecido por ela e o utilize na organização do espaço como um todo, assim como pode haver também outras situações em que haja necessidade de se desenvolver e modificar um *frame*.

Para tratar mais especificamente da topologia de um espaço mental, podemos explorar o exemplo do cenário de uma competição particular de boxe (Fauconnier e Turner, 2002:104-105), em que o *frame* conceitual *competição de boxe* é o responsável pela organização desse cenário. Frequentemente, esse *frame* inclui escalas (e.g., o tamanho da audiência, a quantidade de dinheiro recebida pelos boxeadores), estrutura de força dinâmica (e.g., um braço detém um soco, um punho golpeia o maxilar abruptamente) e esquemas de

¹⁰⁶ ... is one that specifies the nature of the relevant activity, events, and participants.

imagens (e.g., o formato do ringue de boxe é quadrado, constituindo um contêiner). Fauconnier e Turner (2002:104) acrescentam que *há uma grande mobilidade entre escalas, padrões de força dinâmica, esquemas de imagem e relações vitais, as quais estão todas disponíveis, de forma onipresente, dentro da estrutura conceitual e da cognição humana*¹⁰⁷.

Nesse exemplo, podemos destacar, ainda, os seguintes traços: a duração da partida de boxe depende da relação vital de Tempo, dentro de uma escala de duração; a compreensão do evento dá-se pela estruturação do espaço mental correspondente em termos das relações vitais de Papel (pugilista e árbitro), Identidade (nomes dos pugilistas), Mudança (lesões no corpo do pugilista), Intencionalidade (objetivo do golpe), Espaço (a arena do boxe), Tempo (intervalo entre os assaltos da luta, marcado pela campainha) e Singularidade.

É também pertinente, consoante os autores, que esse espaço mental, organizado pelo *frame* específico *boxe*, poderia ser organizado por um *frame* mais genérico, como *luta*, ou por outro mais genérico ainda, como *competição*. No entanto, haverá sempre, em qualquer um desses níveis de especificidade, a ocorrência de escalas, esquemas de imagem, padrões de força dinâmica e relações vitais. Ademais, na estruturação de um espaço mental pode-se utilizar uma topologia mais fina, situada abaixo do nível do *frame* de organização desse espaço, a qual poderia incluir, por exemplo, no *frame* de organização do espaço *competição de boxe*, o tamanho dos sapatos dos pugilistas, o peso de suas luvas e se eles estão usando protetores na cabeça.

O mapeamento de espaços é, especificamente, uma peça fundamental na construção imaginativa de uma rede, mas não deve ser visto como uma correspondência óbvia, realizada, de forma imediata pelos próprios espaços. Ao contrário, tanto a construção de espaços mentais quanto as conexões que entre eles se estabelecem devem ser tidas como atos de extrema criatividade (Fauconnier e Turner, 2002).

Via de regra, as várias possibilidades de correspondência interespaços advém das diferentes propriedades topológicas dos espaços individualmente. No entanto, é possível também a construção dessas correspondências com base em topologias similares (e.g., mapeamento de uma escala linear de um espaço para uma escala linear em outro espaço). Nesse caso, as relações vitais de Identidade ou Analogia aplicam-se à topologia de escalas de um e outro espaço, bem como a outras topologias que sirvam como base para outras correspondências interespaços.

¹⁰⁷ There is massive interplay among scales, force-dynamic patterns, image-schemas, and vital relations, all of which are ubiquitously available in human conceptual structure and cognition.

Por fim, uma outra possibilidade de mapeamento interespaço se pode dar no nível das relações vitais internas desses espaços. As relações de Tempo, Parte-Todo ou Causa-Efeito de um determinado espaço mental podem, por exemplo, ser mapeadas para Tempo, Parte-Todo ou Causa-Efeito, em outro espaço mental. Vejamos, então, como se caracterizam os quatro tipos de rede de integração conceitual, apontados por Fauconnier e Turner (2002).

4.5.1 Rede simples

Uma rede simples se estrutura a partir de um *frame*, proveniente da história biológica e cultural do homem, que se aplica a certos tipos de elementos, como valores. Um exemplo típico, citado por Fauconnier e Turner (2002), é o do *frame* de família, no que estão inclusos, entre outros, papéis diversos como pai, mãe, criança, filho. É que, numa rede simples,

*a parte relevante de um frame dentro de um espaço é projetada com seus papéis, e os elementos são projetados para o outro espaço como valores daqueles papéis dentro do espaço mesclado. O espaço mesclado integraliza o frame e os valores da mais simples forma. O frame de um dos espaços é compatível com os elementos do outro. Não existe nenhuma concorrência entre os espaços, tais como competição de frames ou incompatibilidade de elementos de contraparte*¹⁰⁸ (Fauconnier e Turner, 2002:120).

Da forma como se apresenta, uma rede simples pode não parecer, no todo, como uma mesclagem, mas, para os autores, esse é um tipo de rede perfeitamente regular, cuja ocorrência é possível dentro dos princípios teóricos da mesclagem conceitual. Uma rede simples, a partir do *frame* família, pode assim ser exemplificada, tomando-se por empréstimo a situação descrita por Fauconnier e Turner (2002:120), que segue os seguintes passos:

- 1º - Apresentação de uma suposta rede de integração, contendo um espaço de entrada apenas com o *frame* família e outro com dois seres humanos, *Paul* e *Sally*;
- 2º - Criação de um espaço mesclado, no momento em que, hipoteticamente, concebe-se *Paul* como pai de *Sally*, realizando-se uma mesclagem entre alguma estrutura do *frame* família e os elementos *Paul* e *Sally*;
- 3º - Apresentação, no espaço mesclado, de *Paul* como pai de *Sally*.

¹⁰⁸ ..., the relevant part of the frame in one input is projected with its roles, and the elements are projected from the other input as values of those roles within the blend. The blend integrates the frame and the values in the simplest way. The frame in one input is compatible with the elements in the other. There is no clash between the inputs, such as competing frames or incompatible counterpart elements.

O exemplo exposto diz da simplicidade desse tipo de rede, cujo mapeamento interespaços é feito de um *frame* para a conexão de valores, ou seja, os papéis de pai e filha são conectados, respectivamente, aos valores *Paul* e *Sally*. Assim, estabelece-se que as compressões de papéis são indispensáveis nas redes simples, considerando que, conforme o já dito, inexistente qualquer concorrência entre a estrutura de organização dos espaços de entrada, devido ao fato de que o espaço de entrada que contém os valores (e.g., *Paul* e *Sally*) não possui nenhuma estrutura de organização que possa competir com a estrutura de organização propiciada pelo outro espaço de entrada (e.g., pai-ego). Apesar da pouca complexidade, podemos distinguir, nessa rede, todos os elementos da mesclagem conceitual, conforme se vê no diagrama seguinte:

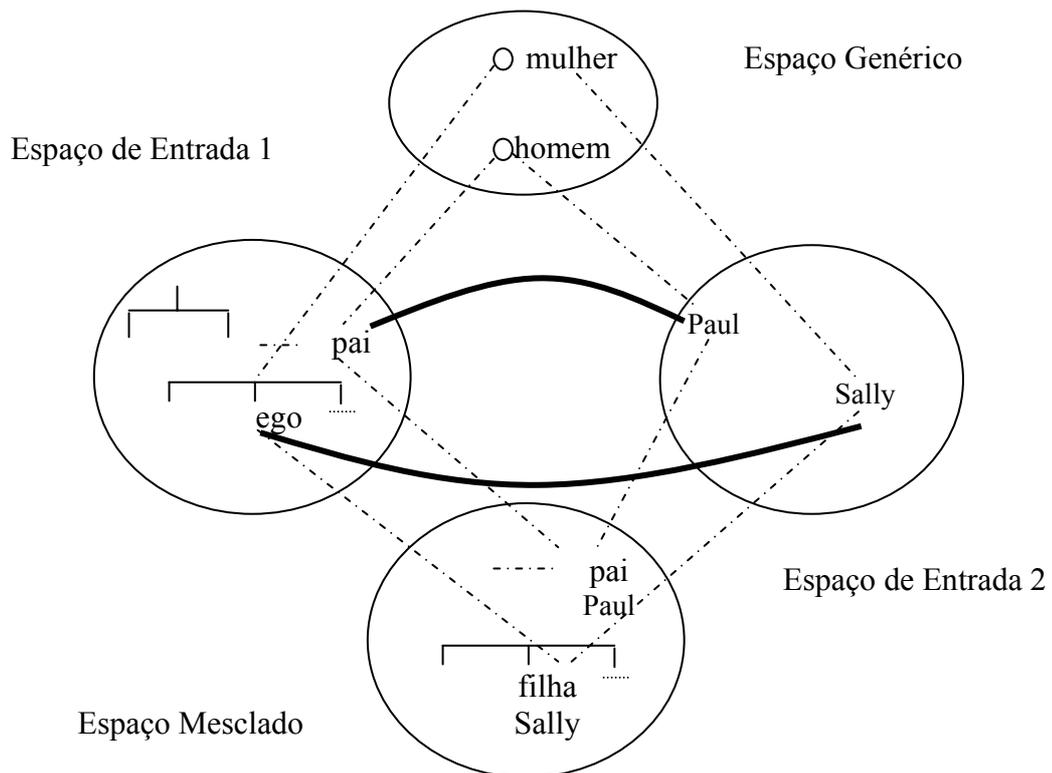


Figura 9: Rede Simples (Fauconnier e Turner, 2002:121)

Na explicitação do diagrama acima, lembramos que Papel-Valor é uma relação vital essencial, que pode ser comprimida pela mesclagem conceitual. Ademais, nas redes simples a conexão entre os espaços de entrada é feita de um frame para organizações de valores. O processo de compressão que ocorre na rede exemplificada é assim descrito:

A conexão entre pai e Paul está em um espaço externo da conexão Papel-Valor entre os espaços de entrada, assim como está a conexão entre ego e Sally. Mas, sob a mesclagem, a relação do espaço interno pai-ego dentro de um dos espaços de entrada é comprimida com a conexão Papel-Valor externa entre ego e Sally para criar um único e novo papel interno comprimido: pai de Sally. Na totalidade da mesclagem, esse papel é adicionalmente comprimido com seu único valor, Paul¹⁰⁹ (Fauconnier e Turner, 2002:122).

Assim, estabelece-se a indispensabilidade das compressões de papéis nas redes simples, considerando que, conforme o já dito, inexistente qualquer concorrência entre a estrutura de organização dos espaços de entrada, devido ao fato de que o espaço de entrada que contém os valores (e.g., Paul e Sally) não possui nenhuma estrutura de organização que possa competir com a estrutura de organização propiciada pelo outro espaço de entrada (e.g., pai-ego).

4.5.2 Rede espelho

Fauconnier e Turner (2002:122) definem uma rede espelho como *uma rede de integração na qual todos os espaços – entrada, genérico e mesclado – compartilham uma estrutura de organização¹¹⁰*. Lembramos, por oportuno, que essa estrutura de organização tem o papel de especificar a natureza relevante de atividades, eventos e participantes. O exemplo do Monge Budista, já analisado, serve como ilustração de uma rede espelho.

Nesse tipo de rede, os espaços de entrada refletem-se mutuamente, porque têm a mesma estrutura de organização, assim como o espaço genérico. O espaço mesclado também possui essa mesma estrutura, mas, freqüentemente, a estrutura comum de organização da rede, nesse espaço, se insere numa estrutura mais rica, que apenas nele se apresenta. Assim, no caso do exemplo do Monge Budista, *a estrutura de organização compartilhada “homem caminhando ao longo de um caminho numa montanha” é parte de uma estrutura mais elaborada no espaço mesclado do encontro de dois homens no caminho de uma montanha¹¹¹* (Fauconnier e Turner, 2002: 123).

A estrutura de organização compartilhada pelos tipos de espaços enfocados fornece também uma topologia para o espaço por ela organizado, que se realiza por meio de

¹⁰⁹ The connection between father and Paul is an outer-space Role-value connection between the inputs, as is the connection between ego and Sally. But under blending, the inner-space father-ego relationship inside one input is compressed with the outer-space Role-Value connection between ego and Sally to create a single compressed new inner-space role: father of Sally. In the overall blend, this role is additionally compressed with its unique value, Paul.

¹¹⁰ A mirror network is an integration network in which all spaces – inputs, generic, and blend – share an organizing frame.

¹¹¹ ... the shared organizing frame “man walking along a mountain path” inheres in the more elaborate frame in the blend of two men meeting on a mountain path.

um conjunto de relações arranjadas entre os elementos do espaço. De forma que dois espaços que compartilham a mesma estrutura de organização também compartilham a topologia que a eles corresponde, razão pela qual podem ser facilmente colocados em correspondência. Apesar de os espaços, no nível da estrutura de organização, compartilharem a mesma topologia, pode ocorrer também que eles diverjam num nível mais específico.

A exemplo das redes simples, as redes espelhos também não apresentam, no nível da estrutura de organização, qualquer concorrência entre os espaços de entrada, devido à semelhança entre as estruturas. Não obstante, pode haver concorrência em níveis mais específicos, que se situam abaixo do nível de estrutura. É o que acontece com a concorrência entre direções e períodos da viagem nos dois espaços de entrada do Monge Budista.

Uma outra característica das redes espelhos é a realização de compressões que ocorrem sobre as relações vitais de Tempo, Espaço, Identidade, Papel, Causa-Efeito, Mudança, Intencionalidade e Representação. No exemplo do Monge Budista, podemos observar que isso acontece com a compressão do tempo. Lá, os dois espaços, separados pela relação vital de Tempo, tornam-se simultâneos dentro do espaço mesclado. É essa simultaneidade que provê a estrutura usada no espaço mesclado de que um encontro requer a aproximação de duas pessoas ao mesmo tempo. Ademais, essas compressões de relações vitais são reguladas pela estrutura compartilhada da rede que, de forma automática, providencia a ligação dos papéis (Fauconnier e Turner, 2002).

4.5.3 Rede de escopo único

Uma rede é do tipo escopo único quando possui *dois espaços de entrada com diferentes estruturas de organização, um dos quais é projetado para organizar o espaço mesclado*¹¹² (Fauconnier e Turner, 2002:126). Assim sendo, uma rede de escopo único tem como propriedade de definição o fato de que *a estrutura de organização do espaço mesclado é uma extensão da estrutura de organização de um dos espaços de entrada, mas não do outro*¹¹³ (Fauconnier e Turner, 2002: 126).

Como ilustração de uma rede de escopo único, Fauconnier e Turner (2002) apresentam um caso em que dois homens de negócio são retratados como pugilistas, conformando-se o entendimento da estrutura de uma competição de negócios. Nesse caso, eles explicam que há duas diferentes estruturas de organização nos espaços de entrada, ou

¹¹² ...two input spaces with different organizing frames, one of which is projected to organize the blend.

¹¹³ ... the organizing frame of the blend is an extension of the organizing frame of one of the inputs not the other.

seja, pugilismo e negócio. Entretanto, o espaço mesclado herda apenas uma delas, a de pugilismo.

Os casos de rede de escopo único são rotulados por Fauconnier e Turner (2002) como protótipos de metáforas convencionais que se estruturam em termos de domínios conceituais (i.e., domínio fonte e domínio alvo), conforme vimos no Capítulo 2. Assim, os espaços de entrada podem, nas redes de escopo único, ser associados aos domínios fonte e alvo da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 1980). Nesse sentido, o espaço fonte (pugilismo) é o que provê a estrutura de organização para o espaço mesclado e o espaço alvo é o foco da compreensão (negócio). Ademais, nesse tipo de rede,

*a projeção dos espaços para o espaço mesclado é altamente assimétrica: um dos espaços e não o outro fornece a estrutura de organização e, por conseguinte, a estrutura topológica. É por isso que parece apropriado chamar este espaço de espaço fonte*¹¹⁴ (Fauconnier e Turner, 1998:277).

Fauconnier e Turner (2002) distinguem, ainda, dois tipos de rede de escopo único. No primeiro tipo, os espaços de entrada não estão inclusos numa história mais ampla, caso do exemplo do Pugilismo, que não leva a pensar que os pugilistas e os chefes fazem parte de uma narrativa unificada. A respeito desse exemplo, os autores explicam que

*não há conexões históricas entre o espaço pugilista e o espaço de negócio. Os chefes de negócio não são antigos companheiros de pugilismo, seus negócios não são subsidiários do pugilismo e o que eles vendem não é uma notável transformação de luvas de pugilismo*¹¹⁵ (Fauconnier e Turner, 2002:127).

De forma geral, é evidente, ainda, nesse subtipo de rede de escopo único, a inexistência de quaisquer relações vitais de Tempo, Espaço, Mudança, Causa, Efeito e Intencionalidade, que possam conectar diretamente os espaços de entrada, assim como a inexistência de conexões de Identidade de espaço externo entre os papéis ou elementos da estrutura de organização, situadas abaixo do nível de topologia, nos dois diferentes espaços. Assim sendo, voltando ao exemplo citado, podemos dizer que o pugilista e o papel pugilista do espaço de entrada não são diretamente idênticos, respectivamente, ao chefe e ao papel chefe no espaço de entrada foco.

¹¹⁴ ... projection from inputs to blend is highly asymmetric: one of the inputs but not the other supplies the organizing frame and therefore frame-topology. This is why it seems appropriate to call that input the source input.

¹¹⁵ There are no historical connections between the input of boxing and the input of business. The CEOs are not former sparring partners, their businesses are not subsidiaries of the boxing business, and what they sell is not some transformation of boxing gloves.

No segundo subtipo de rede de escopo único, divergente do primeiro, os espaços de entrada estão contidos em uma história mais ampla. Fauconnier e Turner (2002) ilustram-no com uma história em que, supostamente, um homem fala para sua irmã mais velha sobre suas dificuldades do presente e obtém, como resposta, o que segue:

“Você lembra que quando era pequeno você era tão compenetrado em esconder seus tesouros que os escondia tão bem que mesmo você não conseguia encontrá-los novamente? Você lembra que escondeu sua moeda quando tinha quatro anos e nós nunca a encontramos? Isso é justamente o que você tem feito com Ângela. Você tem falado por duas horas sobre todos os seus problemas, mas eles resumem-se a que você tem escondido seu amor por ela tão profundamente que você não pode vê-lo. Uma vez mais, você tem escondido sua moeda, mesmo de si mesmo”¹¹⁶ (Fauconnier e Turner, 2002:127).

No exemplo, o espaço fonte é Esconder a Moeda e o espaço foco é Vida Problemática. Obviamente, é a estrutura de um dos espaços (Esconder a Moeda) que, para efeito de compreensão, é explorada no espaço mesclado. Segundo os autores, existe aí uma relação vital entre os dois espaços de entrada, de modo que

o resultado da rede vai além da analogia. Ela adiciona um abrangente padrão de causalidade à conexão temporal da história como um todo. O que aconteceu uma vez acontecerá novamente em uma outra situação. “Esconder a Moeda” revela o princípio mais profundo de ações e caráter psicológicos que é também responsável pelo espaço posterior. Essa rede de escopo único revela algo da essência psicológica mais profunda do irmão¹¹⁷ (Fauconnier e Turner, 2002: 128-129).

Outro ponto relevante quanto às redes de escopo único é que elas também apresentam um tipo de concorrência conceitual visível, haja vista que os espaços de entrada são formados por estruturas diferentes. Ademais, *a principal tarefa de tais redes é projetar a estrutura difusa do espaço em foco para as relações de espaço interno já comprimidas, que foram projetadas para o espaço mesclado, provenientes do espaço de entrada estrutural¹¹⁸* (Fauconnier e Turner, 2002:129). À guisa de ilustração, no exemplo do Pugilismo,

¹¹⁶ “Do you remember how when you were little you were so intent upon hiding your treasure that you hid them so well even you could not find them again? Do you remember that you hid your new penny when you were four and we never found it? That’s just what you have done with Angela. You’ve been talking for two hours about all your troubles, but what they boil down to is that you have hidden away your love for her so deeply that you can’t see it. Once again, you’ve hidden your penny, even from yourself”.

¹¹⁷ ... the effect of the network goes far beyond analogy. It adds to the temporal connection in the overall history a comprehensive pattern of causality. What has happened once will happen again in another guise. “Hiding the Penny” reveals a deeper principle of psychological character and action that is responsible for the later input as well. This single-scope network reveals some thing of the brother’s deeper psychological essence.

¹¹⁸ A principal job of such networks is to project diffuse structure from the focus input into the already-compressed inner-space relations that have been projected to the blend from the framing input.

individualmente as identidades, os eventos, o tempo, o espaço, as relações de papel-valor e causalidade contidas no espaço de entrada Pugilismo têm uma firme compressão, assim como é também comprimido o pacote de relações que lhes dão estrutura. Assim, temos dois indivíduos pugilistas, num ringue de boxe, fazendo arremesso de socos durante meia hora ou mais, com os golpes chegando a provocar a queda de um deles. Já os mesmos elementos citados aparecem como difusos no espaço de entrada foco, como podemos constatar nos fatos seguintes: a) os chefes de negócio são parte integrante de uma organização maior de agentes; b) os negócios comandados pelos chefes relacionam-se com outras instituições e com eventos financeiros externos; c) as ações relevantes podem ter lugar em variados espaços, envolvendo muitos representantes, num longo período de tempo.

A respeito dos pontos abordados, julgamos relevantes as seguintes colocações de Fauconnier e Turner (2002:130-131):

*Apesar dessas concorrências manifestadas entre o espaço de entrada estrutural e o espaço de entrada foco, as topologias desses dois espaços são preservadas no mapeamento interespaço: relações de causa-efeito, relações de agente-ação, e ordenamento temporal são alinhados nos dois espaços. Por essa razão crucial, a projeção da estrutura de negócio como valores dentro do frame pugilismo (e.g., cada chefe é um pugilista) deixa aquele frame preservado*¹¹⁹.

Além disso, os autores consideram que esse tipo de projeção, isto é, a projeção da estrutura de negócio como valor dentro do *frame* pugilismo, é uma façanha da imaginação. A tarefa de descobrir uma maneira para projetar o espaço foco, que deixa o *frame* não distorcido no espaço mesclado é, por vezes, árdua.

4.5.4 Rede de escopo duplo

Uma rede é considerada de escopo duplo quando *os espaços de entrada são organizados por diferentes estruturas, mas alguma topologia é projetada de ambas as estruturas para a estrutura de organização do espaço mesclado*¹²⁰ (Fauconnier e Turner, 1998:277). Assim sendo, nesse tipo de rede as duas estruturas distintas dos espaços de entrada contribuem para a formação do espaço mesclado, oferecendo possibilidades de ricas concorrências para a construção da rede, de forma que todo o processo resulta na criação de espaços mesclados, com elevado grau de criatividade (Fauconnier e Turner, 2002).

¹¹⁹ Despite these manifest clashes between the framing input and the focus input, the topologies of the two spaces are preserved in the cross-space mapping: Cause-effect relations, and temporal ordering are aligned in the two spaces. For this crucial reason, projecting the business structure as values into the boxing frame (e.g., each CEO is a boxer) leaves that frame undamaged.

¹²⁰ ... the inputs are organized by different frames but some topology is projected from both frames to the organizing frame of the blend.

A estrutura “casamento de mesmo sexo” (*same-sex marriage*) é, por exemplo, apontada por Fauconnier e Turner (2002) como um caso de rede de escopo duplo.

Os espaços de entrada são o cenário tradicional de um casamento, por um lado, e, por outro lado, um cenário doméstico alternativo envolvendo duas pessoas do mesmo sexo. O mapeamento interespaço pode ligar elementos prototípicos tais como cônjuges, residências comuns, compromisso e amor. A projeção seletiva toma a estrutura do frame de cada espaço. Ela toma o reconhecimento social, cerimônias de casamento, e o modo de taxaço do primeiro espaço “casamento tradicional”, e, do segundo espaço, sexo idêntico, ausência de crianças comuns biologicamente, e o papel dos cônjuges definidos culturalmente. Propriedades emergentes caracterizarão essa nova estrutura social refletida pelo espaço mesclado¹²¹ (Fauconnier e Turner, 2002:134).

De forma mais detalhada, vejamos um outro exemplo de rede de escopo duplo, relatado por Fauconnier e Turner (2002). Trata-se da metáfora “cavando sua própria sepultura” (*Digging Your Own Grave*), tipicamente usada como uma advertência a pessoas que estejam fazendo coisas erradas que possam gerar experiências desagradáveis. Essa metáfora é uma advertência porque a pessoa, normalmente, não tem consciência dessa relação de causa-efeito.

Nessa rede, os espaços de entrada são, respectivamente, “cavando a sepultura” (espaço fonte) e “fracasso inconsciente” (espaço alvo). Segundo os autores, *em “cavando sua própria sepultura”, o espaço mesclado herda a estrutura concreta de sepulturas, do ato de cavar, e funeral, do espaço de entrada “cavando a sepultura”. Mas ele herda causalidade, intencionalidade e estrutura interna do evento do espaço de entrada “fracasso inconsciente”¹²² (Fauconnier e Turner, 2002:132-133).* Assim sendo, a topologia do espaço mesclado é proveniente do espaço alvo, e não do espaço fonte. Nesse sentido, a estrutura causal tem forma invertida: ações insensatas provocam fracasso, ao contrário de sepultura cavada, que não causa morte. A estrutura intencional não ocorre de forma diferente, pois é fato que coveiros não cavam sepulturas enquanto estão dormindo, sem consciência do que fazem. Mas a metáfora “cavando sua própria sepultura” *é concebida como ações erradas não*

¹²¹ The inputs are the traditional scenario of marriage, on the one hand, and an alternative domestic scenario involving two people of the same sex, on the other. The cross-space mapping may link prototypical elements such as partners, common dwellings, commitment, and love. Selective projection takes frame structure from each input. It takes social recognition, wedding ceremonies, and mode of taxation from the first input of “traditional marriage”, and same sex, absence of biologically common children, and the culturally defined roles of the partners from the second input. Emergent properties will characterize this new social structure reflected by the blend.

¹²² The blend in digging one’s own grave inherits the concrete structure of graves, digging, and burial, from the “digging the grave” input. But it inherits causal, intentional, and internal event structure from the “unwitting failure” input.

*intencionais*¹²³ (Fauconnier e Turner, 2002:132). Ademais, a estrutura de organização de agentes, pacientes e seqüência de eventos, projetada para o espaço mesclado, também é proveniente do espaço “fracasso inconsciente”. É que, embora a nossa base de conhecimento estabeleça a morte de um “paciente” para, em seguida, um “agente” cavar a sepultura e enterrar o “paciente”, no espaço mesclado ocorre uma fusão de agente/paciente e a ordem dos fatos é invertida. Assim, é o paciente quem fez a cava da sepultura, e não o agente. Caso a sepultura seja bastante profunda, não resta a ele nenhuma outra opção, qual seja, morrer e ocupar a sepultura cavada. Ainda com relação à estrutura interna do evento, afirmam Fauconnier e Turner (2002:132) que, no espaço alvo, *é certamente verdade que quanto maior o problema, maior o risco de fracasso. A soma de problemas é mapeada para a profundidade da sepultura. Mas, novamente, no espaço “cavando sua própria sepultura”, não há nenhuma correlação entre a profundidade da sepultura de alguém e as chances que aquela pessoa tem de morrer*¹²⁴.

Fauconnier e Turner (2002:134) apontam, ainda, a existência de casos de redes de duplo escopo dotadas de alta assimetria, isto é, *apesar de o espaço mesclado receber projeções da topologia do frame de organização de ambos os espaços de entrada, o frame de organização do espaço mesclado, no entanto, é uma extensão do frame de organização de somente um desses espaços*¹²⁵. Além disso, os autores chamam atenção para o fato de que os dois *frames* de organização de uma rede de duplo escopo nem sempre concorrem entre si, podendo haver situações em que o espaço mesclado incorpore ambos os *frames*.

Bem sabemos que há outros aspectos relevantes, que poderiam ser tratados na descrição da teoria da mesclagem conceitual, devido à sua complexidade e larga aplicação. No entanto, embora a apresentação realizada nesse capítulo não seja exaustiva, é norteadora da consecução dos objetivos delineados para a análise do *corpus*. Aliás, para não perder o fio condutor deste estudo, limitaremos a abordagem da teoria, a partir deste ponto, à sua aplicação às mesclas metafóricas, tema da seção seguinte, posto que o nosso objetivo maior é examinar, do ponto de vista lingüístico-cognitivo, como as (re)categorizações metafóricas desencadeiam o humor em textos do gênero piada.

¹²³ ... is conceived as unintentional misconstrual of action.

¹²⁴ ... it is certainly true that the more trouble you are in, the more you risk failure. Amount of trouble is mapped onto depth of grave. But again, in the “digging grave” input, there is no correlation between the depth of someone’s grave and that person’s chances of dying.

¹²⁵ Although the blend receives projections of organizing frame topology from both inputs, the organizing frame of the blend is nonetheless an extension of the organizing frame of only one input.

Assim sendo, concluímos essa parte do estudo com um pensamento de Fauconnier e Turner (2002:319) que, a nosso ver, presta-se muito bem como fecho. Com efeito, dizem os autores que

*a cognição é incorporada, e os espetaculares feitos intelectuais que os seres humanos realizam dependem de eles serem capazes de ancorar as redes de integração em mesclas na escala humana, usando as relações vitais que são empregadas na percepção e ação*¹²⁶.

4.6 Teoria da mesclagem conceitual vs. teoria da metáfora conceitual

Grady, Oakley e Coulson (1999) argumentam que a teoria da mesclagem conceitual compartilha muitos aspectos da teoria da metáfora conceitual. Para os autores, essa relação entre as duas teorias valida o argumento, por eles defendidos, de que ambas são complementares.

Os autores dão suporte a esse argumento explicitando as semelhanças e diferenças entre as duas abordagens. Entre as semelhanças, destacam, por exemplo, os seguintes pontos: tratamento da metáfora como um fenômeno conceitual, ao invés de um fenômeno puramente lingüístico; envolvimento sistemático de projeção da língua, estrutura inferencial e imagética entre domínios conceituais, com restrições na projeção. Já as diferenças começam com diferentes unidades básicas de organização cognitiva, distintas nas duas teorias.

Na teoria da metáfora conceitual, a análise das metáforas é feita, precisamente, mediante relações entre dois domínios conceituais: o domínio fonte e o domínio alvo. Essas relações são tidas como estáveis e sistemáticas, sendo a metáfora um fenômeno estritamente direcional. Já a teoria da mesclagem conceitual tem como unidade básica de organização cognitiva o espaço mental, que não equivale aos domínios conceituais, mas depende deles. Isso porque, segundo os autores, *os espaços representam cenários particulares, os quais são estruturados por domínios dados*¹²⁷ (Grady, Oakley e Coulson, 1999:102). Ademais, enquanto a análise, na primeira teoria, envolve o mapeamento de apenas duas estruturas conceituais, a segunda trabalha com um modelo que envolve, no mínimo, quatro espaços mentais, conforme já explicitado no início do capítulo. No entanto, esse mapeamento não se realiza de forma estritamente unidirecional.

Um outro ponto em destaque diz respeito ao fato de que os teóricos da metáfora conceitual envidam esforços na busca de generalizações por meio da análise de uma grande

¹²⁶ Cognition is embodied, and the spectacular intellectual feats that human beings perform depend upon being able to anchor the integration networks in blends at human scale, using the vital relation that are employed in perception and action.

¹²⁷ Spaces represent particular scenarios which are structures by given domains.

variedade de expressões metafóricas, enquanto os teóricos da mesclagem conceitual têm como foco as particularidades de exemplos individuais. Ao lado desse fato, a metáfora conceitual lida com estruturas estáveis do conhecimento, representadas na memória de longo prazo, ao passo que a mesclagem conceitual busca fazer a modelagem da evolução dinâmica das representações *on-line* dos falantes.

Apesar das diferenças, Grady, Oakley e Coulson, (1999:110) dizem que *se a metáfora conceitual ocupa-se, principalmente, com as associações metafóricas bem estabelecidas entre conceitos, e a teoria da mesclagem conceitual focaliza a habilidade em combinar elementos de conceituações familiares numa nova e significativa conceituação*¹²⁸, isso implica que as metáforas conceituais são, também, estruturas estáveis, acessíveis em potencial, da exploração pelo processo da mesclagem conceitual.

Turner e Fauconnier (2000), tratando sobre a matéria, afirmam que a descrição contemporânea da metáfora tem como foco o mapeamento de estrutura de uma fonte (ou base) para um alvo. Esse mapeamento tanto pode explorar a estrutura esquemática comum entre os domínios (fonte e alvo), como projetar nova estrutura do domínio fonte pra o domínio alvo. Para eles, *o trabalho da teoria da mesclagem conceitual tem sido mostrar que, além desses mapeamentos, existem processos dinâmicos de integração que constroem novos espaços mentais mesclados*¹²⁹ (Turner e Fauconnier, 2000:133).

Para uma melhor compreensão da teoria da mesclagem conceitual aplicada a metáforas, apresentaremos, como ilustração, o mapeamento da metáfora ESSE CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO (*This surgeon is a butcher*), conforme análise apresentada por Grady, Oakley e Coulson (1999). Antes, porém, ressaltamos o fato de que essa estrutura é um exemplo típico de uma rede de escopo duplo (Fauconnier e Turner, 1998:279). Os autores argumentam, inicialmente, que essa metáfora é explicável em termos da projeção direta da informação do domínio fonte (açougueiro) para o domínio alvo (cirurgião). Tal projeção é conduzida por uma série fixada de mapeamentos de contraparte, como “açougueiro” para “cirurgião”, “animal” para “ser humano” e “mercadoria” para “paciente”. No entanto, apenas essa análise de relações interdomínios não é suficiente para dar conta de um elemento decisivo de interpretação do sentido dessa metáfora, ou seja, que o cirurgião é incompetente.

¹²⁸ If conceptual metaphor is primarily concerned with well-established metaphoric associations between concepts, and blending theory focuses on the ability to combine elements from familiar conceptualizations into new and meaningful ones...

¹²⁹ The work on conceptual blending has shown that in addition to such mappings, there are dynamic integration process which built up new ‘blended’ mental spaces.

Segundo o modelo da mesclagem conceitual, o sentido da metáfora ESSE CIRURGIÃO É UM AÇOUQUEIRO é capturado por meio de um espaço mesclado, que, por sua vez, herda elementos de cada um dos espaços de entrada. Nessa linha de raciocínio, o espaço mesclado herda elementos do espaço de entrada do domínio do cirurgião, como a identidade de uma pessoa sendo operada, a identidade da pessoa que está fazendo a operação e detalhes do local da ação. Da mesma forma, também herda elementos do espaço de entrada do domínio do açougueiro, como o papel exercido por um açougueiro e atividades associadas a esse papel (e.g., o uso de instrumentos afiados para cortar carne em fatias). A estrutura compartilhada pelos espaços de entrada forma o espaço genérico. Nesse caso, essa estrutura consiste na ação de uma pessoa que usa um instrumento afiado para realizar um procedimento no corpo de qualquer outro ser.

O espaço mesclado, além de herdar a estrutura parcial de cada espaço de entrada, desenvolve, também, um conteúdo emergente de si próprio, que resulta da justaposição de elementos provenientes dos espaços de entrada. No caso da metáfora analisada, a relação meio-fim, projetada no espaço do açougueiro, é incompatível com a relação meio-fim do espaço do cirurgião, uma vez que o objetivo do açougueiro é matar o animal para depois separar a carne de seus ossos, enquanto o do cirurgião é curar o paciente. Isso posto, e tendo em vista que, no espaço mesclado, os meios do açougueiro são combinados com os fins, os indivíduos e o contexto cirúrgico do espaço do cirurgião, é exatamente a incongruência entre os meios do açougueiro com os fins do cirurgião que conduz a uma emergente inferência de que o açougueiro é incompetente.

O diagrama da página seguinte, adaptado de Grady, Oakley e Coulson (1999:105), permite uma melhor visualização do processamento operado pelo modelo da teoria da mesclagem conceitual, e, no caso específico, o da metáfora analisada. Nele, a linha pontilhada em negrito representa o fato de que o papel do açougueiro, no espaço mesclado, é associado com o papel do cirurgião no espaço de entrada 1 (espaço alvo).

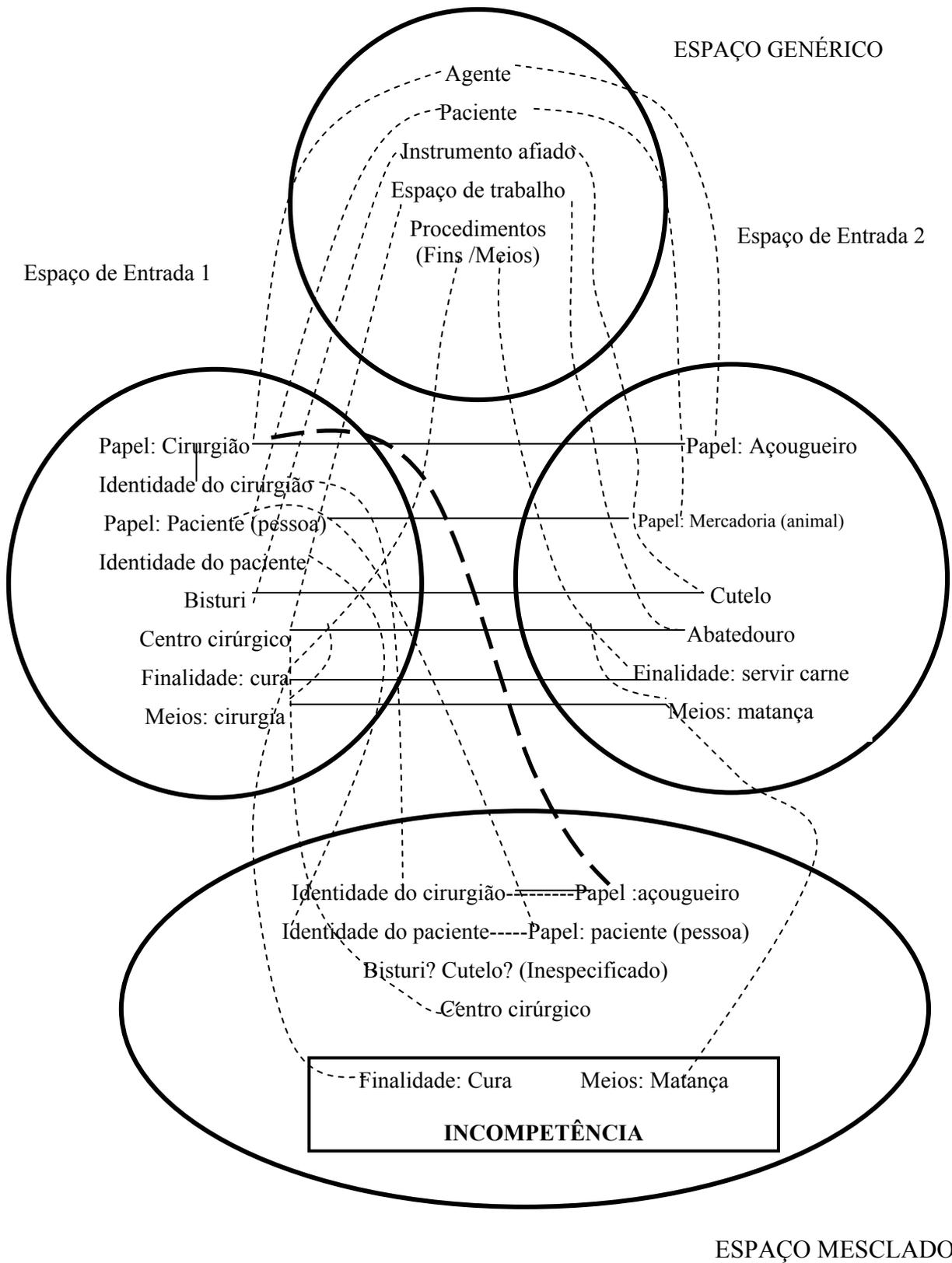


Figura 10: Rede de integração conceitual: cirurgião como açougueiro (Grady, Oakley e Coulson, 1999:105)

À guisa de conclusão, Grady, Oakley e Coulson (1999) enfatizam que a teoria da metáfora continua a endereçar questões referentes à associação convencional de conceitos, no que diz respeito a como e por que tais associações surgem e, ainda, a como se estruturam os mapeamentos interdomínios. Segundo os autores, as questões enumeradas estão no centro da problemática de como surgem as mesclas metafóricas, afirmando, da mesma forma, que, em casos do tipo analisado (i.e., ESSE CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO), a total compreensão da estrutura conceitual que lhes serve de base *exigirá tanto uma rica teoria da metáfora quanto o modelo completamente especificado da teoria da mesclagem conceitual*¹³⁰ (Grady, Oakley e Coulson, 1999:122).

Feito o paralelo entre a teoria da mesclagem conceitual e a teoria da metáfora conceitual, em que focalizamos, sobretudo, os seus princípios constitutivos, vamos delimitar mais ainda a nossa abordagem de metáfora, tratando essa matéria, especificamente, sob a ótica da teoria da mesclagem conceitual, trabalhando com o conceito de mesclas metafóricas, sem perder de vista, entretanto, a inter-relação entre as duas teorias. Assim, mesmo trabalhando com o conceito de mesclas metafóricas, quando da aplicação da teoria na análise do *corpus*, tomaremos como princípio a argumentação de Grady et al (1999) de que as teorias da metáfora conceitual e da mesclagem conceitual são complementares, opção que nos parece mais coerente com os objetivos estabelecidos para este estudo. Temos, contudo, ciência de que a questão teórica sobre a melhor forma de descrição das metáforas, se em termos de uma tipologia (Grady, 1997), se em termos de mesclas (Fauconnier e Turner, 2002), ainda continua em aberto (Steenberg, 2002). Convém ressaltar, a esse respeito, a posição de Ritchie (2003), que reforça a nossa opção. Assim, segundo Ritchie (2003:52),

*a fim de se obter uma explanação satisfatória de como as metáforas são interpretadas e compreendidas, é necessário explicar como os importantes aspectos cruciais de uma experiência (emocional, social, perceptual, etc) associados com o alvo podem ser evocados pela ligação com a fonte. Ambas, teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 1980;1999) e teoria da metáfora conceitual (Fauconnier e Turner, 1998;2002) representam movimentos na direção correta*¹³¹.

¹³⁰ ... require both a rich theory of metaphor and a fully specified model of conceptual blending.

¹³¹ In order to achieve a satisfactory explanation of how metaphors are interpreted and understood, it is necessary to explain how the crucial, salient aspects of an experience (emotional, social, perceptual, etc.) associated with the target can be evoked by linking it to the source. Both conceptual metaphor theory (Lakoff & Johnson, 1980;1999) and conceptual blending theory (Fauconnier & Turner, 1998;2002) represent movements in the right direction.

4.7 Mesclas metafóricas *on-line*

Fauconnier e Turner (1998) estabelecem uma distinção, do ponto de vista teórico, entre as mesclas metafóricas *on-line* e as metáforas básicas, na forma concebida por Lakoff e Johnson (1980, 1999). Assim, dizem os autores que:

*metáforas básicas mapeiam domínios conceituais um com o outro num nível de abstração relativamente alto (e.g., TEMPO É ESPAÇO, ou ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, ou RAIVA É QUENTE). Nas mesclas metafóricas, as metáforas básicas podem nos dar a motivação conceitual profunda para os alinhamentos entre os espaços de entrada, e portanto para os mapeamentos interespaços. Tipicamente, uma verdadeira mescla metafórica on-line constrói uma estrutura adicional significativa*¹³² (Fauconnier e Turner, 1998:279).

Nos termos apresentados, o exemplo analisado na seção anterior (Esse cirurgião é um açougueiro), já caracterizado como um caso de rede de escopo duplo, pode ser um caso típico de mescla metafórica *on-line*, uma vez que a inferência de que o açougueiro é incompetente não se estabelece simplesmente pela projeção unidirecional de um domínio fonte para um domínio alvo, conforme já explicitado. Outros exemplos, como “Aquiles é um leão” e “Homens são baleias”, parecem, perfeitamente, ajustar-se como mesclas metafóricas, cuja motivação conceitual provém de uma metáfora de semelhança, formando também redes de escopo duplo. A propósito, Fauconnier e Turner (2002) afirmam que as redes de mesclagem metafórica são, tipicamente, de escopo único e escopo duplo, as quais envolvem diferentes projeções e construções de sentido.

Grady, Oakley e Coulson (1999) também são, conforme vimos, partidários da concepção de que as metáforas conceituais figuram entre as estruturas estáveis acessadas para exploração pelo processo da mesclagem conceitual. Os autores afirmam, por isso, que *metáforas convencionais alimentam o processo da mesclagem estabelecendo ligações entre elementos em distintos domínios e espaços*¹³³ (Grady, Oakley e Coulson 1999:110).

Constatamos, assim, na descrição da teoria da mesclagem conceitual, a existência de mesclas metafóricas (e.g., “cavando sua própria sepultura”) e de mesclas não-metafóricas (e.g., Monge Budista), sendo que boa parte dos exemplos discutidos na literatura da mesclagem conceitual não são metafóricos. No entanto, o nosso interesse maior convergirá para a análise de mesclas metafóricas que se configuram a partir de (re)categorizações

¹³² Basic metaphors map conceptual domain onto each other at relatively high level of abstraction (e.g., TIME is SPACE, or STATES are LOCATION, or ANGER is HEAT). In metaphorical blends, basic metaphors may give us the deep conceptual motivation for alignments between inputs, and hence cross-space mappings. An actual on-line metaphorical blend typically builds in significant additional structure.

¹³³ ... conventional metaphors feed the blending process by establishing links between elements in distinct domains and spaces.

metafóricas presentes em textos humorísticos (i.e., piadas). E uma vez que trabalhamos com a hipótese de que essas (re)categorizações podem desencadear o humor em piadas, entendemos que, embora essencial, a simples identificação e mapeamento das metáforas presentes nas (re)categorizações não são suficientes para dar conta do alcance dos objetivos propostos, visto que essa estratégia não abarca todas as inferências necessárias à construção do sentido humorístico nas ocorrências selecionadas para análise. O resgate desse sentido humorístico, na perspectiva de que a referência é construída e não dada *a priori* parece, a nosso ver, ser melhor viabilizado pela análise complementar, porém mais complexa, propiciada pela teoria da mesclagem conceitual, no que concerne, especificamente, às mesclas metafóricas, já ditas como motivadas por metáforas convencionais. É, aliás, exatamente a estrutura adicional significativa, construída *on-line*, numa rede formada por uma mescla metafórica, que poderá conter a essência mesma do humor. Nesse ponto é que se justifica uma abordagem lingüístico-cognitiva dessas (re)categorizações metafóricas.

Assim sendo, no estudo a que nos propomos, parece-nos pouco provável tratar da superfície do texto humorístico, para efeito da construção do sentido de humor, desconsiderando o recrutamento dos mecanismos cognitivos subjacentes, que respondem, em grande parte, pelo alcance do propósito comunicativo de fazer rir. Ademais, um outro objetivo a que nos propomos é mostrar que, em alguns casos, a (re)categorização metafórica que desencadeia, materialmente, o humor, só é consolidada no plano cognitivo, não se apresentando, concretamente, na superfície do texto.

Em suma, em vista de todo o arcabouço teórico até aqui apresentado, trabalharemos sob a perspectiva de que as (re)categorizações metafóricas, no *corpus* selecionado, devem ser tratadas do ponto de vista lingüístico-cognitivo, embora a nossa ênfase recaia, por questões de delimitação do objeto de estudo, nos aspectos cognitivos. Procederemos à análise dos dados no capítulo seguinte, explicitando porém, antes, a metodologia utilizada na análise do *corpus*.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Procedimentos metodológicos

A habilidade para apreciar o humor é uma característica humana universal (Raskin, 1985). Nesse sentido, Propp (1992:119) afirma que *a língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria*, destacando, como exemplos, os trocadilhos, os paradoxos, a argúcia e algumas formas de ironia, ilustrados em produções de diferentes gêneros, desde as comédias até a literatura popular. Na pesquisa que empreendemos, tratamos da piada, gênero também circunscrito ao aspecto cômico da língua, que se concretiza nas mais diversas culturas e esferas comunicativas, o que lhe confere um certo caráter de universalidade. Particularmente, investigamos o humor produzido por intermédio de um processo lingüístico-cognitivo, a (re)categorização metafórica, e o fazemos com os propósitos de ampliar o universo da pesquisa sobre o tema e verificar de que forma o processo de (re)categorização metafórica opera, em piadas, como desencadeador do efeito cômico.

5.1.1 Definição do corpus e método

O material foi colhido de livros e revistas que fazem a compilação de piadas, em específico, os seguintes títulos:

- *Mil piadas do Brasil* (Sarrumor, 1998);
- *Mais mil piadas do Brasil* (Sarrumor, 1999);
- *Ainda mais mil piadas do Brasil* (Sarrumor, 2000);
- *As melhores piadas que circulam na Internet e as que ainda vão circular*, (Aviz, 2001);
- *Seleções de Piadas* (2002);
- *Piadas Seleccionadas* (2003);

- *Piadas do Geraldo Magela* (2003).

Os livros e revistas discriminados compilam cerca de três mil e quinhentas piadas, abordando temas recorrentes no anedotário nacional, como política, sexo, futebol e racismo, entre outros, tendo como protagonistas figuras tradicionais como o português, o papagaio, a bicha, o caipira, o padre, o anão, o louco e o médico, dentre as mais clássicas.

O *corpus* constitui-se de um total de 31 piadas, que apresentam, em sua constituição, (re)categorizações metafóricas, sendo que, nessas 31 piadas, identificamos 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. Para ordenação do *corpus*, utilizamos, como critério, os temas abordados nas piadas ou as figuras tradicionais do anedotário nacional. Assim, as piadas foram agrupadas, da seguinte forma, seguindo os critérios adotados: a) piadas sobre temas (adultério, bêbado, casamento, homem, mulher, política e sexo) e b) piadas sobre figuras do anedotário nacional (caipira, português, Juquinha e sogra). Na identificação das piadas, nos grupos, optamos por uma numeração seqüencial do todo.

Do total de 48, para análise, selecionamos 36 ocorrências de (re)categorizações metafóricas, distribuídas em 23 piadas. Quanto ao método utilizado na análise dessas ocorrências, adotamos o procedimento indutivo, considerando que, a partir da observação das (re)categorizações metafóricas no *corpus* selecionado, procedemos à análise dos dados, que nos permitiram chegar a generalizações, em conformidade com os objetivos e hipóteses formuladas.

5.1.2 Procedimentos de análise

A análise propriamente dita se pauta por duas bases teóricas admitidas para o estudo: a Lingüística de Texto e a Lingüística Cognitiva. O propósito é fazer a descrição de como se constrói o efeito cômico a partir das ocorrências de (re)categorizações metafóricas e apresentar uma proposta de classificação para o tipo de ocorrência analisado. Dessa forma, desenvolvemos a análise em três procedimentos:

1. Inventário das classes de metáforas constituintes das ocorrências de (re)categorizações selecionadas, segundo a tipologia proposta por Grady (1997, 1999);
2. Classificação e distribuição das ocorrências com base em proposta de classificação formalizada no trabalho;
3. Proposta interpretativa das ocorrências de (re)categorizações metafóricas quanto à construção da comicidade, mediante modelo de análise fornecido por Fauconnier e Turner, em sua teoria da mesclagem conceitual.

Na etapa inicial do trabalho, após a coleta dos dados e depois de sua organização de acordo com os critérios apresentados, fizemos um inventário das classes de metáforas presentes nas (re)categorizações metafóricas identificadas, adotando, como critérios, as *metáforas conceituais correlacionais* e as *metáforas conceituais de semelhança*. Embora a análise não seja de cunho quantitativo, essa classificação se fez necessária, dentro da análise qualitativa dos dados. O inventário das classes de metáforas serviu também como suporte para uma análise preliminar do *corpus*, na qual abordamos questões mais gerais, porém pertinentes para as fases seguintes, funcionando como uma contextualização mais particularizada das ocorrências no universo do humor.

Na segunda parte da análise, classificamos os tipos de (re)categorizações metafóricas identificadas no *corpus*, com base em uma proposta de classificação por nós elaborada. Essa proposta tem como eixo a classificação das (re)categorizações metafóricas em dois tipos distintos: *(re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente* e *(re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente*. O objetivo, nessa etapa, era o de testar uma de nossas hipóteses quanto à ocorrência desses dois tipos de (re)categorizações, a fim de propor uma extensão da classificação apresentada por Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) para as recategorizações.

A classificação das ocorrências, segundo a tipologia apresentada, demandou a explicitação dos processos pelos quais se constroem os tipos de recategorizações sugeridos. Para tanto, partimos da definição dos seguintes critérios:

1. Critério de Retomada: retomada de referentes ou não (anáfora direta (AD) ou anáfora indireta (AI));
2. Critério Cognitivo: expressão categorizadora ou recategorizadora;
3. Critério de Significado (ou léxico-semântico): expressão recategorizadora lexical ou expressão co-significativa;
4. Critério de Explicitude: expressão explícita ou implícita.

Ao tempo em que realizamos a explicitação dos processos, demonstramos o papel das (re)categorizações metafóricas na construção dos sentidos das piadas nas quais essas ocorrências tomam lugar. Antes, porém, fizemos uma breve abordagem sobre o fenômeno do humor, com destaque para os textos humorísticos, definindo a incongruência como a principal característica desse fenômeno. Com esses procedimentos, foi possível verificar que as (re)categorizações metafóricas, nas piadas analisadas, aparecem como o principal elemento desencadeador do efeito cômico, constituindo-se em mais um mecanismo de que dispõe a língua para a construção do humor, hipótese principal deste trabalho.

Na terceira e última etapa da análise, detalhamos os mecanismos cognitivos subjacentes às (re)categorizações metafóricas, saindo da superfície textual, onde tais ocorrências têm realização explícita ou implícita, e adentrando o nível da construção cognitiva desse processo que, no caso, dá vazão às inferências que desencadeiam a comicidade. Para cumprir tal propósito, valemo-nos da teoria da mesclagem conceitual (Fauconnier e Turner, 2002), cujo modelo de análise tem como base a construção de espaços mentais, podendo ser aplicado, dentre outros fenômenos, para explicar a construção do sentido das metáforas, casos tratados nessa teoria como mesclas metafóricas *on-line*.

Constatada a existência, *no corpus*, de um só tipo de metáfora, ou seja, o das *metáforas de semelhança*, elegemos, como critério de seleção das ocorrências de (re)categorizações metafóricas, para aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual, trabalhar com um total de aproximadamente 18% do número de ocorrências analisadas na etapa anterior. De acordo com o percentual estabelecido, aplicamos o modelo a seis ocorrências, escolhidas de forma aleatória, incluindo os dois tipos de (re)categorização metafórica postulados neste estudo, embora os mecanismos operacionais sejam os mesmos para ambos os tipos. Na aplicação do modelo, trabalhamos tanto com a análise descritiva do processo quanto com a sua ilustração por meio de diagrama, de forma a deixar claro como operam, em cada situação analisada, os mecanismos cognitivos de construção das (re)categorizações metafóricas. Acreditamos que a amostra trabalhada nessa etapa atenda aos nossos objetivos, numa perspectiva de uma análise qualitativa, e não quantitativa. Essa última fase de análise serviu de complemento à fase anterior, na qual testamos a hipótese principal deste estudo. Ou seja, as (re)categorizações metafóricas podem, na construção de piadas, servir de gatilho para o humor.

5.2 Frequência das classes de metáforas

Conforme explicitado na metodologia, nos 31 textos constituintes do *corpus*, identificamos, ao todo, 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. Do total de textos, elegemos 23 para análise, abrangendo 36 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. As metáforas que licenciam essas (re)categorizações pertencem todas à classe das metáforas de semelhança (Grady, 1997, 1999), não se registrando nenhuma ocorrência de metáforas correlacionais.

Assim sendo, vejamos as metáforas de semelhança presentes nas (re)categorizações metafóricas selecionadas para análise. Nessa primeira etapa, como algumas delas são recorrentes em mais de um texto, apresentaremos uma relação geral das metáforas

(coluna esquerda)¹³⁴, citando as expressões metafóricas por elas licenciadas (coluna direita), sem, entretanto, fazer a contextualização das ocorrências, o que faremos ao longo da análise.

5.2.1 Listagem das metáforas

• CASAMENTO É UMA SITUAÇÃO INFELIZ	O casamento é uma catástrofe O casamento é um cativeiro
• SER HUMANO É UM ANIMAL IRRACIONAL	A mulher é uma vaca A mulher é uma galinha A mulher é uma cadela A mulher é uma pombinha O garoto é um burrinho O presidente é um porco A sogra é uma vaca
• GENITÁLIA É UM MEIO DE TRANSPORTE	A genitália feminina é um trem O pênis é um helicóptero O pênis é uma Ferrari O pênis é um fusquinha Os testículos são pneus Braguilha é uma porta de garagem
• GENITÁLIA É UM SENTIMENTO	O pênis é afeição
• GENITÁLIA É UM OBJETO	A genitália feminina é um cartão de crédito O pênis é um cacete O pênis é uma vara O pênis é um pavio
• SER HUMANO É UM PROBLEMA	A mulher é um problema
• SER HUMANO É UM OBJETO	A mulher bonita é um bolo O homem é um rascunho A mulher é uma obra de arte A mulher feia é uma merda A sogra é uma merda

¹³⁴ Esclarecemos que a rotulação das metáforas é de caráter intuitivo.

• SER HUMANO É UM ENTE IMAGINÁRIO	A sogra é uma bruxa
• SER HUMANO É UM COMERCIANTE	A mulher é a maior capitalista de todos os tempos Ela abre o negócio, recebe o bruto, faz o balanço e ainda fica com o líquido
• SOGRA É UMA PESSOA INCÔMODA	Enterro de sogra é uma diversão

As metáforas identificadas no *corpus* permitem uma série de notas sobre as quais, detalhadamente, passaremos a tratar. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o expressivo poder do imaginário humano, por meio do qual é possível realizar associações entre conceitos tão díspares, com a finalidade de construir o efeito cômico, particularmente, nas piadas. A existência desse processo criativo vai de encontro à visão tradicional sobre a natureza dos conceitos e, por extensão, à clássica concepção de referência. Ademais, como pensar a língua sob uma visão especular da realidade quando o propósito comunicativo de um interlocutor (no caso, humorístico) permite construções em que, por exemplo, os objetos de discurso “mulher” e “sogra” são (re)categorizados, respectivamente, como “galinha” e “bruxa”, conforme se verifica nos textos (7) e (8)?

(7) *Pai, eu nasci de um ovo?*

- *Claro que não, Juquinha! Por quê?*

- *É que quando eu subi no elevador um homem falou para o outro: “Esse aí é o filho daquela galinha do sexto andar”. (Sarrumor, 2000:181)*

(8) *Um amigo conta pro outro:*

- *Minha sogra caiu do céu!*

- *Ela é maneira assim mesmo?*

- *Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas Seleccionadas, 2003:10)*

Seria razoável, nesses termos, ter a referência como *simples representação extensional de referentes no mundo extramental* (Koch, 2002:79)? É evidente que não. O sujeito não pode ser aliado do exercício de seu papel construtivo da realidade. Da mesma forma, não se deve pensar as categorias de modo atomístico, sem levar em conta as peculiaridades do conhecimento humano envolvidas na discretização do mundo. As mais diversas possibilidades de associações metafóricas entre conceitos, existentes no nosso

sistema conceitual, contrariam, sobremaneira, a concepção de língua como sistema de etiquetas, que não comporta a inserção de um sujeito sócio-cognitivo. Nesse sentido, são claras as evidências de que a categorização e a referenciação precisam ser tratadas como processos dinâmicos, no interior das práticas discursivas. Não fosse assim, seria impossível, por exemplo, a construção do efeito cômico nas piadas que constituem o *corpus* deste estudo.

A identificação de 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas, num universo de 31 piadas, pode indicar uma comprovação de que a metáfora não é simplesmente uma figura de retórica, geralmente usada como adorno em discursos poéticos, como ditam os estudos tradicionais. Ao contrário, a realização dessas ocorrências, em textos humorísticos, tipicamente coloquiais, mostra a sua generalização no sistema conceitual humano, ratificando a proposição de que a metáfora faz parte do cotidiano e está presente em nossas ações e pensamentos diários, podendo ser expressa na linguagem comum (Lakoff e Johnson, 1980), e não apenas na linguagem figurada.

Muitas das ocorrências identificadas são construídas com base em valores e crenças arraigados na cultura na qual são produzidas as piadas, como era de se esperar, uma vez que trabalhamos com a concepção de sujeito sócio-cognitivo. Como exemplo, podemos destacar as expressões metafóricas “a mulher é uma galinha” e “o garoto (filho de português) é um burrinho”. A primeira expressão, ilustrada pelo texto (7), carrega a forte marca da cultura machista, inserida numa sociedade tipicamente monogâmica, na qual somente ao homem é permitida a infidelidade, de modo que a (re)categorização metafórica de mulher como galinha é, portanto, uma depreciação do sexo feminino¹³⁵. A segunda expressão, ilustrada pelo texto (9), é, por sua vez, marcada pelo preconceito vigente contra a nação portuguesa, comumente rotulada como idiota, resquício, talvez, da relação entre colonizador (Portugal) e colonizado (Brasil).

- (9) *Aí, no outro dia, é o carro do Manuel que enguiça e ele vai com seu filho caçula no mecânico. Após verificar o motor do velho carro, o mecânico diz:*
 - *O problema está no freio. Eu vou ter que mexer no burrinho.*
O Manuel puxa o garoto para trás e se altera:
 - *Não, senhoire! No garoto, ninguém mexe! (Sarrumor, 1998:73)*

Embora tais expressões sejam mesmo altamente preconceituosas e ofensivas, como estão inseridas num discurso humorístico, a carga semântica depreciativa é atenuada pelo propósito comunicativo de fazer rir. A mesma análise é extensiva aos exemplos “a

¹³⁵ Já é possível observar uma evolução quanto ao emprego dessa metáfora, estendendo-se o seu uso para o sexo masculino (o homem é galinha). Entretanto, para o sexo masculino, tal conceituação não é tão depreciativa quanto para o sexo feminino, porque, nesse caso, quase sempre é entendida como uma exaltação da virilidade.

mulher é uma vaca” e “a sogra é uma bruxa”, metáforas em que também prevalecem a depreciação do papel da mulher e um forte estigma à figura da sogra, via de regra considerada, pelo sexo masculino, como *persona non grata* e, por essa razão, tratada de forma pejorativa. Esse tratamento, algumas vezes, beira o “humor negro”, como em expressões metafóricas do tipo “O enterro de sogra é uma diversão”, presente no texto (10). Interessante notar, neste caso, a prevalência da dificultosa relação entre genro e sogra, quando, na realidade, essa mesma relação difícil é muito mais comum entre nora e sogra. No entanto, na cultura humorística, é a relação entre genro e sogra que ganha relevo, o que se dá em razão de ser, tal postura, mais um traço da cultura machista de nossa sociedade.

(10) *O cara chega pro amigo e fala:*

- *Minha sogra morreu e agora fiquei em dívida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela ... O que é que você acha?*

E o amigo:

- *Primeiro o trabalho, depois a diversão! (Piadas Seleccionadas, 2003:25)*

O modelo de sociedade machista está presente, também, em outras expressões metafóricas que fazem apologia à virilidade. É o caso das (re)categorizações metafóricas usadas em referência ao órgão sexual masculino, tais como “o pênis é um cacete” e “o pênis é uma vara”, expressas, respectivamente, nos textos (11) e (12).

(11) *O Juquinha está passeando com a sua cachorrinha no parque, quando ela resolve fazer xixi bem diante da porta de uma guarita.*

Ao ver aquilo, o guarda fica furioso e adverte:

- *A próxima vez que a sua cachorra fizer isso, vou meter o cacete nela!*

- *Beleza, seu guarda! Eu sempre quis ter um cachorro policial! (Sarrumor, 2000:141)*

(12) *Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão:*

- *Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!*

O americano não quer ficar atrás:

- *Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!*

O brasileiro não deixa por menos:

- *Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998:167)*

Por outro lado, as (re)categorizações metafóricas que dizem respeito ao órgão sexual feminino, do tipo “a genitália feminina é um cartão de crédito”, no texto (13), mostram a condição inferior e discriminatória como é tratada a mulher. Essa condição é extensiva a outras expressões já comentadas, licenciadas pela metáfora SER HUMANO É UM ANIMAL.

(13) *Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...*

A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma jóia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:

- Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!

- Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:

- Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...

Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:

- O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!

- Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999:93)

Apesar dessa realidade discriminatória do sexo feminino, há, *no corpus*, duas ocorrências de (re)categorizações metafóricas que invertem a situação. Trata-se das expressões “a mulher é uma obra prima” e “o homem é um rascunho”, conforme mostra o texto abaixo:

(14) *Por que Deus fez primeiro o homem e depois a mulher?*

Porque para se fazer uma obra-prima necessita-se sempre de um rascunho (Aviz, 2001:79).

Dentre as ocorrências analisadas, podemos observar que a maioria parece ser motivada por estruturas já estabilizadas no nosso sistema conceitual. Supomos que a universalidade do acesso ao gênero piada, que independe de classe social ou de nível de escolarização, a constante exposição a textos anedóticos e as suas conseqüentes repetições facilitam a estabilização dos *frames* criados com o propósito humorístico, os quais, não podemos esquecer, estão intimamente relacionados às crenças e aos valores culturais. Dessa forma, a nosso ver, podem ser consideradas como motivadas por estruturas conceituais estáveis, por exemplo, as cinco primeiras ocorrências citadas e, ainda, outras do tipo “o pênis é um cacete”, “o casamento é uma catástrofe” e “o presidente é um porco”. Entretanto, há uma outra parte de ocorrências que parece ser motivada por estruturas conceituais novas, ainda não-estabilizadas, que emergem no momento da enunciação, com a construção do significado dessas ocorrências só sendo possível em razão do contexto em que se inserem. É o que podemos observar no texto (15), em que a ocorrência “o pênis é um helicóptero” emerge como uma construção nova, criada no instante da enunciação, totalmente dependente do co(n)texto, já que não é nada comum a associação entre os conceitos genitália masculina e helicóptero, conforme se apresenta no referido texto. Porém, como as categorias são abertas,

é perfeitamente possível essa (re)categorização, atendendo ao propósito comunicativo de criar uma situação cômica.

- (15) *Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.*
 - *Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.*
 - *Eu vim de helicóptero!*
 - *Helicóptero?! O que é isso?*
Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
 - *É um negócio que levanta sozinho...*
Ah! Eu sei...meu marido tem um helicóptero enorme! (Sarrumor, 2000:17)

No texto (16), há o mesmo tipo de situação, pois a genitália masculina é (re)categorizada como outro meio de transporte, o carro. O interessante é que, nesse caso, as (re)categorizações metafóricas não são feitas no nível básico da categoria (carro), mas no nível subordinado (*Ferrari* e *fusquinha*), uma estratégia que, certamente, depura ainda mais o humor desencadeado por essas (re)categorizações. Com efeito, o autor usa o contraste das duas marcas de carro, com relação ao *status* conferido aos seus usuários, para tratar de forma jocosa o desempenho sexual do chefe, implicitamente considerado, pela secretária, como desfavorável, ao (re)categorizar a genitália do chefe como um *fusquinha* desbotado.

- (16) *A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:*
 - *Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!*
Ele fecha rapidamente a braguilha e diz com a voz cheia de malícia:
 - *Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?*
 - *Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (Sarrumor, 2000:187)*

Em se tratando do nível das categorias usadas nos mapeamentos das ocorrências ora analisadas, constatamos que, na grande maioria dos casos, tais mapeamentos são feitos no nível superordenado, como, por exemplo, “SER HUMANO É UM ANIMAL”. Esse fato é coincidente com o comportamento das metáforas correlacionais, cujo nível de categorias mapeadas é, em geral, o superordenado (Lakoff, 1993). As categorias de nível superordenado, por incluírem as do nível básico, permitem, nesse caso, o licenciamento de uma variedade de expressões metafóricas, do tipo “a mulher é uma galinha”, “a mulher é uma vaca” e “a mulher é uma pombinha”.

A crítica aos políticos não poderia deixar de estar presente no universo do humor. A ocorrência “o presidente é um porco” é ilustrativa dessa situação. No texto (17), a (re)categorização metafórica de presidente como porco denota o baixo conceito dos políticos junto aos seus governados.

(17) *O presidente e seu chofer passam por uma estrada quando, subitamente, atropelam um porco, matando-o instantaneamente. O presidente diz a seu motorista que vá até a fazenda explicar o ocorrido ao dono do animal.*

Uma hora mais tarde, o presidente vê o seu chofer voltar cambaleando, com um cigarro na mão e uma garrafa de uísque “primeira linha” na outra, além de estar com a roupa toda amarrotada.

- O que aconteceu? – pergunta o mandatário.

O motorista conta:

- Não sei... O fazendeiro me deu bebida importada, cigarro, me ofereceu sua mulher e sua linda filha de dezoito anos, que fizeram amor comigo enlouquecidamente!

- Nossa! Mas, afinal o que você disse para eles?

- Sou o motorista do presidente e acabo de matar o porco! (Sarrumor, 2000:9)

Feito esse trabalho inicial, de levantamento das metáforas do *corpus*, passaremos a trabalhar com os tipos de (re)categorizações metafóricas identificados nos textos humorísticos tomados para análise. Antes, porém, faremos uma breve incursão pelo universo do humor, explicitando, em linhas gerais, a base teórica que dá suporte à classificação dos textos selecionados como humorísticos. Trataremos tão-somente do fenômeno do humor, não fazendo parte do escopo desta pesquisa a caracterização desses textos como gênero textual, uma vez que o objetivo é mostrar que a (re)categorização metafórica é mais um mecanismo utilizado na construção do humor verbal, operando como desencadeador do efeito cômico.

5.3 O fenômeno do humor

A palavra humor é proveniente do vocábulo latino *humorem*, que significa “líquido”, “umidade”. A crença antiga de que os fluidos do corpo influenciavam o estado de espírito do homem conduziu, a princípio, o uso estrito do vocábulo humor como sinônimo de “gênio” ou “temperamento”. No entanto, ao longo do tempo, o vocábulo evoluiu de significação.

Nesse sentido, o conceito de humor passou por diferentes modificações, desde a forma mais elevada e rica do cômico, em que o riso é um veículo de catarse das tristezas da vida, sendo provocado por uma exacerbação dos valores e comportamentos e normas sociais, até à concepção contemporânea, que engloba variadas manifestações da atividade humana, refletindo a capacidade talentosa de captação e expressão do ridículo, das ambigüidades, das contradições e das instabilidades do homem.

Raskin (1985) afirma que o humor é parte do comportamento, habilidade ou competência humana, abrangendo importantes manifestações sociais e psicológicas do *homo sapiens*, como a linguagem, a lógica, a moral e a fé. Para ele, assim como todas essas

manifestações, o humor pode ser descrito como parcialmente natural e parcialmente adquirido. O certo é que a habilidade para apreciar o humor é universal, sendo partilhada por todas as pessoas, mesmo que as preferências de cada uma sobre os tipos de humor possam diferir largamente. Esse princípio, o da universalidade do humor, é reforçado pelo fato de que, de forma surpreendente, muitas piadas ou situações são vistas por muitas ou todas as pessoas como engraçadas.

Koestler (*apud* Coulson, 2003:3), tratando sobre a comicidade, argumenta que:

*A súbita bissociação de uma idéia ou evento com duas matrizes habitualmente incompatíveis produzirá um efeito cômico, contanto que a narrativa, o canal semântico, carreguem o tipo certo de tensão emocional. Quando o canal é violado, e nossas expectativas são contrariadas, a nova tensão supérflua explode em risos, ou é exteriorizada na forma mais suave do sorriso*¹³⁶.

Para Coulson (2003:3), Koestler alude ao fato de que *o humor freqüentemente envolve a combinação improvável de duas estruturas relacionadas*¹³⁷, o que pode ser comprovado nas (re)categorizações metafóricas analisadas adiante. Coulson (2003) também afirma, ainda com fundamento em Koestler, que o potencial cômico de uma piada é afetado tanto pelo seu conteúdo quanto pela forma em que se desenvolve.

Em se tratando da piada, um texto humorístico por excelência, podemos dizer, em linhas gerais, que a sua coerência é fundamentada nas quebras de modelos cognitivos, contrapondo-se à coerência do texto sério, orientado para a confirmação dos esquemas cognitivos (Barros, 1994). Essa afirmação traz subjacente a concepção de incongruência, considerada, por grande parte dos teóricos, como elemento cognitivo essencial de provocação do efeito cômico, de modo que o humor está condicionado à ruptura de um esquema cognitivo, como, nas entrelinhas, sugere Koestler.

Para Farabosco (*apud* Barros, 1994:57), *um estímulo é incongruente quando diferir do modelo cognitivo de referência*. Nessa perspectiva, a incongruência é descrita como resultante da relação estímulo-sujeito, significando que *um estímulo não é incongruente por si só, mas sim em relação a um indivíduo* (Barros, 1994:59). Assim, é preciso considerar, na interação humorística, tanto o produtor quanto o receptor, uma vez que a comicidade de um texto só será alcançada se houver a intenção e a percepção dessa intenção. É exatamente o

¹³⁶ The sudden bisociation of an idea or event with two habitually incompatible matrices will produce a comic effect, provided that the narrative, the semantic pipeline, carries the right kind of emotional tension. When the pipe is punctured, and our expectations are fooled, the now redundant tension gushes out in laughter, or is spilled in the gentler form of the *sourire*.

¹³⁷ (...) the humor often involves the unlikely combination of related structures.

propósito de fazer rir que distingue o texto humorístico de outras espécies de texto que, para atingir o receptor, também utilizam a ruptura de esquemas.

Ao encerrar essas breves considerações sobre o fenômeno do humor, citamos os elementos que, em termos semânticos, devem estar contidos na caracterização de uma piada. Segundo Raskin (1987, *apud* Possenti, 2001:22), são eles os seguintes: *a) uma mudança do modo de comunicação de boa-fé para o modo de não-boa fé de contar piadas; b) o texto considerado chistoso; c) dois scripts (parcialmente) superpostos compatíveis com o texto; d) uma relação de oposição entre os dois scripts; e) um gatilho, óbvio ou implícito, que permite passar de um script para outro.*

Passemos, agora, para a análise propriamente dita das ocorrências de (re)categorizações metafóricas identificadas no *corpus*.

5.4 Frequência dos tipos de (re)categorizações metafóricas

No *corpus* selecionado para este estudo, encontramos 48 ocorrências de (re)categorizações metafóricas. Reiteramos que a nossa hipótese principal é a de que essas (re)categorizações, a exemplo de outros fenômenos lingüísticos, operam como desencadeadores da comicidade em textos humorísticos. Isso posto, vamos proceder a um detalhamento das 36 ocorrências de (re)categorizações metafóricas selecionadas para análise, sistematizando-lhes, ao mesmo tempo, uma proposta de classificação.

Em linhas gerais, a análise dos dados permite a constatação da presença dos dois tipos de (re)categorizações postulados, inicialmente designados como (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente. A questão, porém, não é tão simples quanto aparenta. Na verdade, é preciso descer a um certo nível de detalhamento desses tipos, de forma a tornar mais consistente a proposta que tentamos configurar. Conforme anunciamos no Capítulo 3, elegemos, no delineamento da referida proposta, os seguintes critérios:

- Critério de Retomada: retomada de referentes ou não (anáfora direta (AD) ou anáfora indireta (AI))
- Critério Cognitivo: expressão categorizadora ou recategorizadora
- Critério de Significado (ou léxico-semântico): expressão recategorizadora lexical ou expressão co-significativa
- Critério de Explicitude: expressão explícita ou implícita

Vamos, agora, tratar separadamente os dois tipos de (re)categorizações postulados, com seus possíveis desdobramentos, começando pelo menos complexo.

5.4.1 (Re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente

Esses casos consistem, basicamente, numa retomada total de um referente (anáfora direta correferencial), seguida de uma (re)categorização cognitiva, por metáfora, desse mesmo referente, a qual, por sua vez, aparece na superfície textual como um item lexical recategorizador explícito. Assim, temos a seguinte notação para esse tipo, de acordo com os critérios adotados:

➤ *AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita*

Os textos (10), (14), (18) e (19) ajudam a melhor visualizar esse tipo de ocorrência:

(10) *O cara chega pro amigo e fala:*

- *Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela ... O que é que você acha?*

E o amigo:

- *Primeiro o trabalho, depois a diversão! (Piadas Seleccionadas, 2003:25)*

(14) *Por que Deus fez primeiro o homem e depois a mulher?*

Porque para se fazer uma obra-prima necessita-se sempre de um rascunho. (Aviz, 2001:79).

(18) *Na redação do jornal:*

- *Não deu pra sair a notícia do seu casamento – fala o repórter para um figurão.*

- *Tivemos que publicar uma catástrofe mais importante. (Sarrumor, 1999:226)*

(19) *O caipira vai visitar um amigo, no sítio vizinho ... Chegando lá, estranha um monte coberto, em cima de uma mesa, e pergunta:*

- *Que é isso, compadre?*

- *Minha sogra, só! Tem uma semana que ela morreu!*

- *Virgem santa! E por que não enterrou a velha?*

- *Eu não... Quem enterra merda é gato! (Piadas Seleccionadas, 2003:28)*

Em (10), temos a (re)categorização metafórica de enterro de sogra como diversão. Fato semelhante ocorre nos exemplos (14), (18) e (19), em que, respectivamente, aparece a (re)categorização metafórica de mulher como obra prima e de homem como rascunho, de casamento como catástrofe e de sogra como merda. Já em (20), embora se dê a (re)categorização metafórica de mulher como problema, os termos surgem na ordem inversa,

exigindo do leitor um esforço cooperativo na recuperação do processo realizado, o que não compromete a construção do efeito cômico do texto.

(20) *O camarada, superestressado, procura um médico:*

- *Pô, doutor! Eu tô num bagaço só! É só problema, problema... Não consigo me concentrar, não durmo de noite... Tô no fundo do poço!*

- *Isso é esgotamento, meu amigo! Procure trabalhar menos, se alimentar melhor, fazer exercício, ter algum lazer... e principalmente boas noites de sono! Nunca leve um problema pra cama!*

- *Bem que eu queria doutor! Mas minha mulher não dorme sozinha de jeito nenhum! (Sarrumor, 1999:55)*

No texto seguinte, o efeito cômico é desencadeado pela (re)categorização metafórica dos referentes “mulher bonita” e “mulher feia”, o que denota uma concepção de mulher como objeto sexual.

(21) *Conversa de bar. Um cara pergunta pra outro:*

- *Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou uma bonita mas puta?*

- *Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho. (Seleção de Piadas 2002:16)*

Note-se que, em (21), a expressão “mulher bonita” é recategorizada metaforicamente como “bolo” e “mulher feia” é recategorizada como “merda”. As duas recategorizações metafóricas descritas ocorrem pelo mesmo processo, ou seja, AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita.

Ratificamos que, em todos os exemplos apresentados nessa subseção, as (re)categorizações metafóricas são correferenciais, por AD, ocorrendo, em cada caso apresentado, uma recategorização lexical explícita das expressões retomadas. Merece destaque o fato de que a expressão recategorizadora por metáfora aparece sempre como o fecho da piada, sendo esse, para nós, mais um indício de que é o processo de (re)categorização metafórica o principal responsável pela criação do efeito cômico desses textos. Ou seja, a incongruência, criada por essas recategorizações, é que, de fato, quebra as expectativas do leitor, provocando o riso.

No texto (22), há uma seqüência de (re)categorizações metafóricas marcadas lexicalmente, construídas pela retomada do referente “mulher do presidente da Associação dos Machões”, recategorizado como “vaca”, “cadela” e “pombinha”. Note-se que essas recategorizações, em conjunto, proporcionam a comicidade do texto, mas também contribui para a construção do efeito cômico a ordem em que se processam (de vaca a pombinha),

determinada pelo peso de cada animal e pelo período do tempo em que ocorrem, informações estas presentes no contexto.

- (22) *Que animal pesa 600 quilos de manhã, 16 quilos à tardinha e 40 gramas à noite? A mulher do presidente da Associação dos Machões.
De manhã o tal sujeito acorda a esposa, berrando:
- Vai fazer o café da manhã, sua vaca!
No final do dia, pergunta:
- O jantar já está pronto, sua cadela?
- De noite, na cama, murmura:
- Vem cá, minha pombinha... (Sarrumor, 2000:166)*

Merece destaque, nos exemplos apresentados, o fato de que uma recategorização lexical explícita parece corroborar para uma apreensão imediata da comicidade, poupando o leitor de um esforço maior quando do processamento do conjunto de informações que traz embutido o propósito humorístico, isso, em se tratando de textos em que ocorra apenas o tipo de (re)categorização que estamos analisando. É claro que isso depende também, em termos de mecanismos cognitivos, da capacidade de o leitor/ouvinte ativar os *frames* de organização dos espaços mentais originados a partir dos domínios conceituais descritos, estratégia que fica na dependência do conhecimento enciclopédico do leitor/ouvinte e da recuperação das informações do co(n)texto. Como veremos posteriormente, há textos humorísticos com um maior grau de complexidade, que exigem mais esforço cognitivo na construção dos sentidos.

5.4.2 (Re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente

Essa segunda classe, se comparada à primeira, apresenta algumas peculiaridades que, de certa forma, tornam o seu processamento mais complexo, sendo, *a priori*, os casos que nela se enquadram, geralmente típicos de anáfora indireta. A partir da análise de alguns exemplos, vamos sistematizar as ocorrências que emergem como integrantes dessa tipologia, começando pelos casos mais prototípicos.

No texto (13), temos um caso de (re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente.

- (13) *Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...
A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma jóia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:
- Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!
- Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!*

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:
 - *Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...*
Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:
 - *O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!*
 - *Lava só o cartão de crédito!...* (Sarrumor, 1999:93)

Observe-se que, inicialmente, há a introdução do referente cartão de crédito, categorizando um documento utilizado para transações financeiras. Em seguida, essa expressão é (re)categorizada, metaforicamente, como genitália feminina, não aparecendo, porém, uma nova marca lexical para essa recategorização cognitiva, mas uma repetição do mesmo item lexical cartão de crédito. Daí, a razão pela qual enquadrámos essa situação como (re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente. É certo que há âncoras no texto que permitem a inferência de que a segunda ocorrência da expressão cartão de crédito traz subjacente a (re)categorização metafórica de cartão de crédito como genitália feminina. Por exemplo, a quantidade de água oferecida pelo marido para o banho da esposa e a intempestiva injunção “Lava só o cartão de crédito!” podem ser definitivas para a construção do sentido de que cartão de crédito está sendo recategorizado metaforicamente como genitália feminina, permitindo a comprovação do fato de que o marido não estava alheio ao comportamento promíscuo da esposa. Teríamos, assim, a seguinte notação para esse caso:

➤ ***AI recategorizadora por metáfora, com repetição explícita do item lexical***

Os textos (12) e (23) são também ilustrativos do caso descrito. Nesses dois exemplos, o humor é desencadeado pelo processo de recategorização metafórica com repetição explícita do item lexical.

(12) *Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão:*
 - *Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!*
O americano não quer ficar atrás:
 - *Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!*
O brasileiro não deixa por menos:
 - *Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta!* (Sarrumor, 1998:167)

(23) *A mulher está esperando o trem, na plataforma da estação ferroviária, superapertada, com vontade de urinar. Pra variar, o trem está atrasado, e se ela perde esse não consegue chegar a tempo no serviço. Mas o trem não vem, e a vontade de fazer xixi aumenta. Ela olha pro relógio, será que dá tempo? Mas e se o trem chegar justo na hora que ela for mijar? Ela se contorce daqui, contorce dali, até que não agüenta mais e vai ao banheiro. Quando ela volta, o seu trem havia chegado e já havia partido.*

Inconformada, ela senta no chão da plataforma e começa a chorar. Ao vê-la assim, o mineirinho aproxima-se de mansinho, e diz a ela, solidário:

- Ó, dona! Por que esta choradeira?

- É que eu fui mijar e o trem partiu – explica a mulher.

E o mineirinho:

- Uai, mas a senhora já num nasceu com o trem partido? (Sarrumor, 2000:187-188)

Note-se que, nesses casos, a exemplo do primeiro, há a introdução de um referente designativo de uma categoria de nível básico, respectivamente, vara e trem, seguida do processo de (re)categorização metafórica, que se dá apenas cognitivamente, realizando-se a respectiva repetição explícita dos itens lexicais “vara” e “trem”. Em (12), vara é recategorizada como pênis e, em (23), trem é recategorizado como genitália feminina. São exatamente essas recategorizações descritas que, nos respectivos textos, desencadeiam o humor. É que toda a construção dos textos é voltada, de forma colaborativa, para a recuperação dessas recategorizações que desencadeiam o humor, concretizadas, via de regra, na finalização, da mesma forma como se verificou nos textos constituídos por (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente. Dentre outros aspectos co(n)textuais, podemos dizer que, em (23), a ambigüidade presente no jogo de palavras “fui mijar e trem partiu” e “nasceu com o trem partido”, somada ao fato de que se trata de uma piada de mineirinho (caipira), tipicamente caracterizado como ingênuo, permite a inferência, da parte do leitor/ouvinte, de que trem é recategorizado metaforicamente como genitália feminina. Além disso, a presença do qualificador (“partido”) também é crucial na construção dessa inferência. Já em (12), é o jogo que se estabelece entre a mudança de tamanho e a finalidade da “vara” do brasileiro que induz o leitor à inferência de que vara é recategorizada como pênis, sendo essa recategorização a responsável pela quebra de expectativa do leitor, que, obrigatoriamente, passa de um *frame* de esporte olímpico (salto com vara) para o *frame* de relação sexual. É o processamento da recategorização descrita, vista como eixo para essa mudança e para a quebra de expectativa, que certamente provocará o riso.

Processo semelhante aos dois últimos textos analisados ocorre em (24). Nesse caso, o efeito cômico é desencadeado pela (re)categorização metafórica de “pênis” como “afeição”. Inicialmente, há a categorização do referente “afeição” no nível básico da categoria sentimento. Esse referente é retomado e recategorizado metaforicamente como “pênis”, pelo processo de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita por repetição. Há pistas cotextuais que permitem a recuperação desse processo como, por

exemplo, a sentença “Mas bota ela pra dentro da calça”. Note-se que, nessa frase, a expressão recategorizada, lexicalmente explícita por repetição, aparece, em seguida, pronominalizada.

- (24) *E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:*
 - *Que pouca vergonha é essa?!*
E o rapaz, todo sem jeito:
 - *Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.*
E o pai da moça:
 - *É! Tô vendo que sua afeição é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!...*
 (Sarrumor, 2000:216)

Com relação aos exemplos analisados até esse ponto, lembramos que, neles, as metáforas que licenciam as expressões metafóricas recategorizadoras são todas classificadas como metáforas de semelhança (Grady, 1997), fundadas num compartilhamento de traços perceptuais entre dois domínios conceituais, conforme visto no Capítulo 2. Os exemplos mostram que, algumas vezes, esse compartilhamento de traços pode ser inferido simplesmente com base no co(n)texto, mas há casos em que também é necessário recorrer ao conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo, conforme se observa no exemplo (12), em que o principal traço compartilhado entre os domínios conceituais vara e pênis é a rigidez. Não vamos aqui retomar as questões culturais que perpassam a definição desse traço, já discutidas na subseção 5.2.1, mas importa deixar bem definida essa questão. Ou seja, de agora em diante, todas as vezes que tratarmos de (re)categorizações metafóricas fica implícito que essas recategorizações são licenciadas por metáforas de semelhança, sendo, então, desnecessário repetir a informação sobre o compartilhamento de traços entre os domínios conceituais.

Isso posto, vamos analisar o texto (15), que apresenta algumas particularidades no que diz respeito à construção da comicidade via (re)categorização metafórica, embora possa ser inserido no caso de que estamos tratando, ou seja, AI por (re)categorização metafórica, com repetição explícita do item lexical .

- (15) *Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.*
 - *Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.*
 - *Eu vim de helicóptero!*
 - *Helicóptero?! O que é isso?*
Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
 - *É um negócio que levanta sozinho...*
Ah! Eu sei...meu marido tem um helicóptero enorme! (Sarrumor, 2000:17)

Nesse exemplo, o referente “helicóptero” é, num primeiro momento, introduzido para designar um meio de transporte, correspondendo, essa categorização, a uma forma do nível básico da categoria meio de transporte aéreo. Em seguida, é recategorizado como “negócio que levanta sozinho”. Essa primeira recategorização é um caso de AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita. Não é esse, porém, o processo que responde pela comicidade do texto, mas é essa primeira recategorização do referente helicóptero como “negócio”, marcada pelo traço “levanta sozinho”, que serve de âncora para a construção do efeito cômico de uma segunda recategorização desse mesmo objeto. O autor aproveita-se da situação da diferença cultural entre o antropólogo e a índia para fazer outra recategorização do referente helicóptero, a partir do traço “levanta sozinho”, que conduz a índia a ativar o seu *frame* de sexualidade, associando o objeto descrito por esse traço com a genitália masculina. É, portanto, a (re)categorização metafórica do termo helicóptero como genitália masculina que, ao ser recuperada pelo leitor/ouvinte, possibilita a construção do efeito cômico do texto. Note-se também que a presença do traço “enorme” na última sentença do texto, em que se materializa a segunda recategorização, é fundamental para que o leitor recupere o sentido da recategorização processada pela índia. O exemplo analisado mostra que é possível a co-ocorrência de mais de um processo de recategorização em um mesmo texto, até com relação a um mesmo referente. No entanto, como veremos em análises posteriores, será sempre possível identificar aquele(s) processo(s) que desencadeia(m) a comicidade de forma mais direta, e é esse, aqui, o nosso foco.

A construção da piada seguinte, que encerra uma crítica aos maus políticos, pode dar margem a duas interpretações quanto à realização dos processos em análise.

(17) *O presidente e seu chofer passam por uma estrada quando, subitamente, atropelam um porco, matando-o instantaneamente. O presidente diz a seu motorista que vá até a fazenda explicar o ocorrido ao dono do animal.*

Uma hora mais tarde, o presidente vê o seu chofer voltar cambaleando, com um cigarro na mão e uma garrafa de uísque “primeira linha” na outra, além de estar com a roupa toda amarrotada.

- O que aconteceu? – pergunta o mandatário.

O motorista conta:

- Não sei... o fazendeiro me deu bebida importada, cigarro, me ofereceu sua mulher e sua linda filha de dezoito anos, que fizeram amor comigo enlouquecidamente!

- Nossa! Mas, afinal o que você disse para eles?

- Sou o motorista do presidente e acabo de matar o porco!... (Sarrumor, 2000:9)

A primeira interpretação consiste na construção da comicidade por meio do processo de AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita, que se concretiza na última sentença do texto. A (re)categorização metafórica de “presidente” como “porco” é o veio da comicidade, numa clara demonstração de que os políticos ou pessoas que detêm o poder muitas vezes são marcados por um conceito negativo. Os traços perceptuais compartilhados entre os domínios conceituais “presidente” e “porco”, quando se dá a (re)categorização metafórica, permitem a construção dessa inferência. Além disso, o conhecimento enciclopédico traz a informação de que o porco é um animal impuro, que gosta de chafurdar na lama. Esses traços levam à construção do perfil dos políticos como pessoas que realizam uma série de práticas não recomendáveis, como a de se locupletar com a miséria do povo. Visto sob esse ângulo, este seria um caso de (re)categorização metafórica manifestada lexicalmente.

Uma outra possibilidade para construção dessa mesma inferência pode ser vista por intermédio de um outro processo, ao qual conferimos a seguinte notação:

➤ ***AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita por repetição***

Nesse caso, há, inicialmente, a introdução do referente porco, categorizado no nível básico da categoria (animal). Em seguida, por AI, ocorre uma (re)categorização metafórica de “porco” como “presidente”, lexicalmente implícita por repetição. Teríamos, assim, porco (animal) e porco (presidente), interpretação esta que torna o caso como uma (re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente. O certo é que os processos utilizados, em ambas análises, respondem pelo efeito cômico do texto.

Um terceiro caso de (re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente dá-se pela co-ocorrência de dois processos. Um deles, porém, é distinto dos já explicitados. Trata-se de situações em que o processo de (re)categorização metafórica é precedido por um processo de categorização por metonímia, ao qual conferimos a seguinte notação:

➤ ***AI categorizadora, com recategorização lexical explícita por metonímia***

O exemplo (7) ilustra esse tipo de ocorrência:

(7) *Pai, eu nasci de um ovo?*

- *Claro que não, Juquinha! Por quê?*

- *É que quando eu subi no elevador um homem falou para o outro: “Esse aí é o filho daquela galinha do sexto andar”. (Sarrumor, 2000:181)*

Nesse caso, verificamos que há, inicialmente, a categorização do referente ovo. Por um processo metonímico, esse referente é lexicalmente categorizado como galinha (animal), numa relação associativa entre produto-produtor, categorização essa que se dá de forma explícita. Em seguida, realiza-se um segundo processo, com AI recategorizadora por metáfora, com repetição implícita do item lexical, uma vez que a recategorização ocorre entre galinha (animal) e galinha (mulher). Ou seja, há uma (re)categorização metafórica de galinha como mulher, que desencadeia o efeito cômico do texto.

Processos semelhantes podem ser verificados no exemplo abaixo, em que aparece uma categorização metonímica por AI, lexicalmente explícita, da expressão “pavio curto”, numa relação de parte-todo (pavio curto-dinamite). Em seguida, por AI, acontece uma (re) categorização metafórica, por repetição, lexicalmente implícita, de “pavio curto” como “pênis”, que pode ser apontada como a responsável pela comicidade do texto.

- (25) *O japonês, baixinho, sai com aquela tremenda loura e bota banca. Bate num braço e se vangloria:*
 - *Aqui tem 500 quilos de dinamite, né?*
Bate no outro braço e diz ter mais 500 quilos de dinamite. No quarto, vai tirando a roupa e continua botando uma. Bate nas duas coxas dizendo ter 500 quilos de dinamite em cada perna. A moça olha o japonês, peladinho, e grita, assustada:
 - *Vou embora daqui correndo!*
 - *Por quê, quelida?*
 - *Cê acha que eu vou ficar com você, com duas toneladas de dinamite e um pavio curto desse jeito?! (Sarrumor, 1998:173)*

É evidente, no caso, que a crença popular de que os homens japoneses não são bem dotados sexualmente torna-se significativa na construção do significado da última recategorização processada.

Um quarto caso de recategorização metafórica não manifestada lexicalmente pode ser ilustrado pelo exemplo abaixo.

- (26) *Durante a noite, numa pousada, aparece uma galinha no quarto do viajante. Ele, puto da vida porque o bicho estava cacarejando no seu ouvido, pega o telefone e fala para a portaria:*
 - *Alô! Tem uma galinha aqui no meu quarto!*
 - *Não tem importância, senhor! Ela pode preencher a ficha amanhã!*
(Sarrumor, 2000:158)

Observe-se, nesse exemplo, que a comicidade é desencadeada pela (re)categorização metafórica de “galinha” como “mulher”, tal como se deu em (7). No

entanto, há uma diferença quanto aos processos utilizados. Aqui, ocorre o processo ao qual conferimos a seguinte notação:

➤ *AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita*

Há algumas peculiaridades, nesse caso, que precisam ser melhor explicitadas. De fato, o processo referido acontece a partir do momento em que o viajante faz a retomada do referente “galinha”, cuja categorização inicial é feita no nível básico (animal) e, em seguida, esse mesmo objeto de discurso é recategorizado metaforicamente, pelo porteiro, como mulher. No entanto, ocorre uma recategorização lexical implícita, que aparece pronominalizada na superfície textual (“Ela pode preencher a ficha amanhã”). Certamente que o texto só será cômico mediante a admissão da ocorrência desse processo de recategorização lexical implícita. Casos semelhantes a esse, porém sem considerar o critério cognitivo por nós adotado, que permite a inclusão das (re)categorizações metafóricas, são designados por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como recategorizações lexicais implícitas, e por Cavalcante (2003) como anáforas indiretas com recategorizações lexicais implícitas, conforme tratado no Capítulo 3.

Nos exemplos analisados nessa subseção, vimos que é possível haver, na mesma retomada de referentes, mais de um processo de recategorização. Chegamos a analisar exemplos com até dois processos. Todavia, observamos que, nesses casos, é sempre o processo de (re)categorização metafórica que desencadeia o efeito cômico. Por oportuno, julgamos enriquecedor para nossa análise a exploração de textos com um grau de complexidade ainda maior, em que se dá a ocorrência de dois ou mais dos processos descritos na construção do efeito cômico, porém de uma forma um tanto peculiar, em que é possível, por exemplo, a concomitância de processos que se enquadram nos dois tipos de recategorizações metafóricas sugeridos neste estudo, ou seja, recategorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente. À falta de uma terminologia mais precisa, classificaremos esses tipos de ocorrência como “outros casos”, sobre os quais discorreremos na subseção seguinte.

5.4.3 (Re)categorizações metafóricas: outros casos

Iniciemos pela análise do exemplo (9), uma piada de português, que apresenta três processos distintos:

- (9) *Aí, no outro dia, é o carro do Manuel que enguiça e ele vai com seu filho caçula no mecânico. Após verificar o motor do velho carro, o mecânico diz:*
 - *O problema está no freio. Eu vou ter que mexer no burrinho.*
O Manuel puxa o garoto para trás e se altera:
 - *Não, senhoire! No garoto, ninguém mexe! (Sarrumor, 1998:73)*

O processo inicial, nesse exemplo, tem a seguinte notação:

➤ ***AI categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita***

Assim, por AI, ocorre a categorização metonímica de burrinho, numa relação de parte-todo (burrinho-freio), com categorização lexical explícita. Segue-se o processo de AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita de garoto como burrinho (animal). Dá-se, porém, de forma concomitante, um outro processo entre burrinho (freio) e burrinho (animal), que se realiza por AI recategorizadora por metáfora, com repetição implícita do item lexical burrinho, a qual, fora de contexto, pode parecer esdrúxula. Não obstante, por se tratar de uma piada de português, o que desencadeia o riso é o fato de o português, levado pela ignorância preconceituosa que lhe é atribuída, fazer a (re)categorização metafórica de garoto (seu filho) como burrinho (animal), quando o mecânico fazia referência ao burrinho (freio). Note-se a importância dos dois últimos processos para a construção do efeito cômico do texto.

O texto (16) apresenta um maior grau de complexidade, dada a seqüência de processos que colaboram para a construção de sua comicidade, cuja culminância se dá por duas recategorizações metafóricas: a de “fusquinha” como “pênis” e a de “pneus” como “testículos”.

- (16) *A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:*
 - *Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!*
Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:
 - *Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?*
 - *Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (Sarrumor, 2000:187)*

Nessa situação, é possível a distinção dos processos abaixo, seguindo a seqüência textual:

- 1º AI categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita, numa relação de parte-todo (zíper-braguilha);
- 2º AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita (braguilha como porta de garagem);

3º AI categorizadora por metonímia, com recategorização lexical explícita, numa relação de marca-produto (*Ferrari*-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita por repetição (*Ferrari* como pênis);

4º AI categorizadora por metonímia, com recategorização lexical explícita, numa relação de marca-produto (fusquinha-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita, por repetição (fusquinha como pênis);

5º AI categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita, numa relação de parte-todo (pneus-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita, por repetição (pneus como testículos).

Note-se, ainda, nos três últimos processos, que os adjetivos descritores das expressões referenciais que sofrem (re)categorizações metafóricas, respectivamente, vermelho, desbotado e murcho, aparecem como traços importantes para a recuperação do sentido dessas recategorizações. Para criar o efeito cômico, o autor joga, principalmente, com o contraste entre “*Ferrari* vermelha” e “fusquinha desbotado com os pneus murchos”, usados no sentido metafórico descrito, permitindo a inferência de que a secretária desmonta o assédio sexual do chefe pondo-lhe em xeque a virilidade.

As piadas de sogra seguintes são ilustrativas de outros tipos diferentes de ocorrências:

(8) *Um amigo conta pro outro:*

- *Minha sogra caiu do céu!*

- *Ela é maneira assim mesmo?*

- *Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas Seleccionadas, 2003:10)*

(27) *Dois caras falam de suas sogras. O primeiro diz:*

- *Na índia, minha sogra seria sagrada! Na Inglaterra, a minha sogra estaria louca!*

E o outro:

- *Minha sogra não tem problemas no trânsito! Vassoura não engarrafa.*

(Piadas Seleccionadas, 2003:46)

No exemplo (8), o efeito cômico é construído a partir da (re)categorização metafórica de “sogra” como “bruxa”. Ocorre, então, nesse caso, um processo de AD

correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita. Certamente só se recupera a recategorização metafórica de “sogra” como “bruxa” porque há um conhecimento de mundo que permite a relação entre vassoura e bruxa. Assim, não existindo, na superfície textual, nenhuma marca lexical explícita dessa categorização, é a presença do referente vassoura que servirá como pista na construção desse processo.

No texto (27), identifica-se, inicialmente, o processo de AI categorizadora, autorizado pelas pistas cotextuais “Índia-sagrada” e “Inglaterra-louca”, que categorizam cognitivamente o referente “vaca”. Ao mesmo tempo, ocorre uma (re)categorização metafórica de sogra para vaca, por AI, com recategorização lexical implícita. Por esse mesmo processo, sogra é, na seqüência, recategorizada, metaforicamente, como bruxa. As três (re)categorizações metafóricas do referente sogra desencadeiam a comicidade do texto, mas não necessariamente em conjunto.

A exemplo do texto (27), o (28) também traz várias (re)categorizações metafóricas. Porém, nesse caso, é importante notar que é todo o conjunto, formado por essas recategorizações, que responde pela comicidade do texto.

(28) Mas não é só a mulher do Brito que é econômica e tem tino comercial, não. A mulher é, por si só, a maior capitalista de todos os tempos: Ela abre o negócio, recebe o bruto, faz o balanço e ainda fica com o líquido. (Sarrumor, 1998: 106)

No texto, inicialmente ocorre uma (re)categorização metafórica “de mulher” para “a maior capitalista de todos os tempos”, lexicalmente explícita, por AD correferencial. Em seguida, procede-se a uma categorização metonímica, por AI, de “negócio”, “bruto”, “balanço” e “líquido” que, num processo subsequente, são recategorizados metaforicamente, por AI, com recategorização lexical implícita por repetição, como “genitália feminina”, “pênis”, “movimento erótico” e “esperma”, respectivamente. Note-se que, na construção do efeito cômico, há uma relação de interdependência entre as expressões recategorizadoras, ditadas por uma seqüência temporal de realização das ações. A violação dessa seqüência compromete o efeito cômico do texto.

*(29) No consultório médico:
- Doutor, quando eu era solteira, tive que fazer cinco abortos! Agora que eu casei, tô doida para ter um filho, mas não consigo engravidar!
- É que a senhora não está conseguindo reproduzir em cativeiro!
(Sarrumor, 1999:50)*

A comicidade do texto acima é desencadeada pela (re)categorização metafórica de casamento como cativeiro. Entretanto, esse processo não aparece de forma tão explícita na

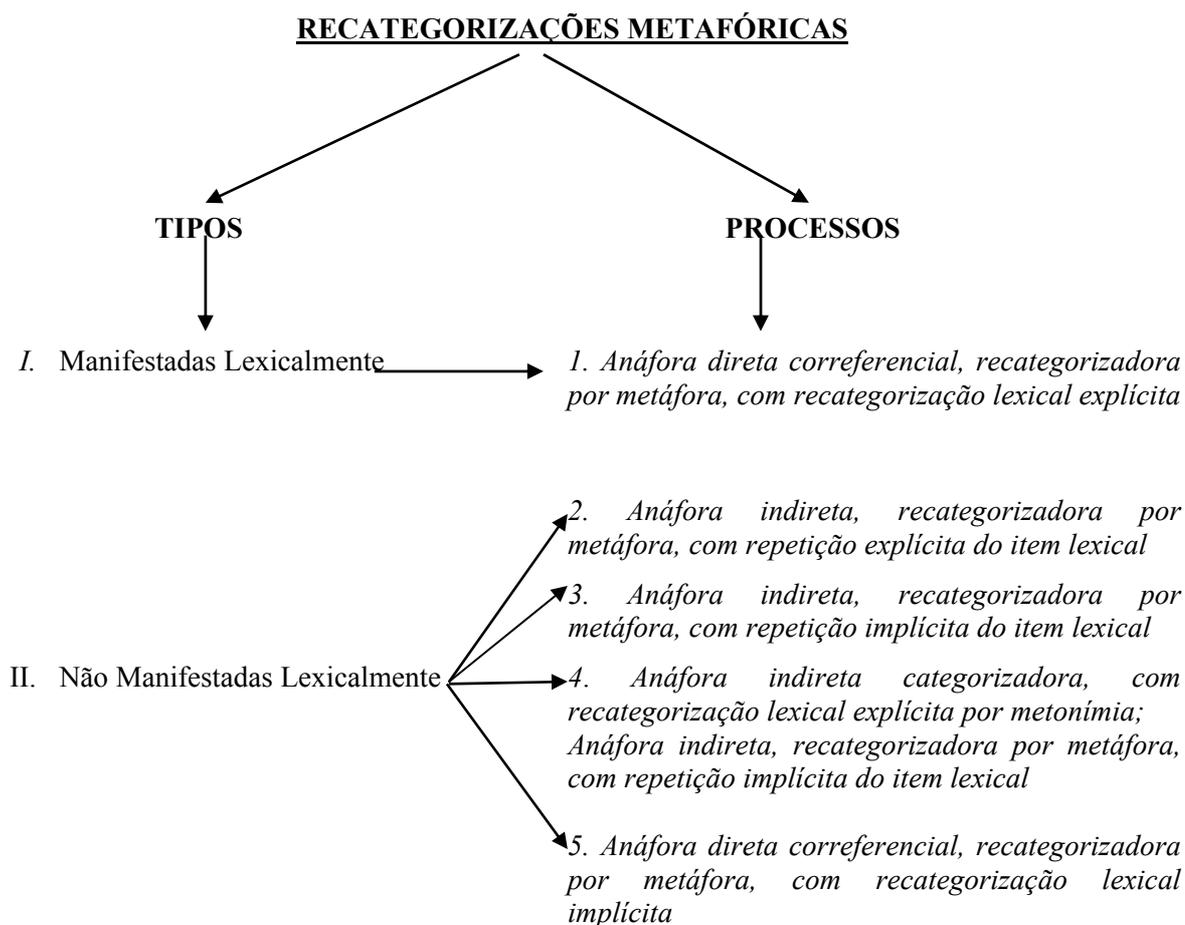
superfície textual. De fato, ocorre um processo de (re)categorização metafórica, por AI, com recategorização lexical com âncora implícita. No entanto, para que se conceba esse processo, é necessário admitir a existência de um processo anterior, autorizado pelas pistas cotextuais, que se dá por AI categorizadora, por meio da qual o referente “casamento” é categorizado cognitivamente, servindo como âncora para o segundo processo, já explicitado.

O texto (30), último exemplo analisado nesta etapa, parece ser, dos casos já tratados, o menos prototípico. A comicidade desse texto é construída pela da recategorização metafórica de “cacete” como “pênis”. Porém, a construção desse sentido passa, também, pela compreensão de outros diferentes processos.

*(30) O Juquinha está passeando com a sua cachorrinha no parque, quando ela resolve fazer xixi bem diante da porta de uma guarita.
Ao ver aquilo, o guarda fica furioso e adverte:
- A próxima vez que a sua cachorra fizer isso, vou meter o cacete nela!
- Beleza, seu guarda! Eu sempre quis ter um cachorro policial! (Sarrumor, 2000:141)*

O processo que desencadeia o efeito cômico do texto realiza-se por AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita por repetição (cacete-arma para cacete-pênis). No entanto, na construção do efeito cômico dessa (re)categorização metafórica, duas ocorrências de categorização por AI, lexicalmente explícitas, que se dão entre cachorrinha e cachorro policial e entre guarda e cachorro policial, são fundamentais.

Com base na exposição realizada, a proposta de classificação para as recategorizações metafóricas pode ser assim esquematizada:



Conforme se visualiza no esquema sugerido, apresentamos um processo para o tipo *(re)categorização metafórica manifestada lexicalmente* e quatro para o tipo *(re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente*, sendo que, nesse, um dos processos é composto. Deixamos de alocar no esquema os casos não-prototípicos, a que chamamos de outros casos de *(re)categorizações metafóricas*. É que, embora envolvam também os mesmos processos listados para os tipos de *(re)categorizações metafóricas* definidos, e o processo desencadeador do efeito cômico, em geral, seja um dos incluídos no tipo *(re)categorização metafórica não manifestadas lexicalmente*, entendemos que os referidos casos têm outras peculiaridades que exigem uma ampliação do universo investigado, antes de uma provável sistematização. Assim sendo, optamos por deixar tais casos como sugestão para um aperfeiçoamento posterior da proposta.

Importa chamar atenção, ainda, na análise empreendida, para o fato da ocorrência, na composição dos processos relacionados, de *(re)categorizações por metonímias*. Embora não seja o nosso foco, parece-nos que, provavelmente, esse tipo de ocorrência também possa figurar entre os mecanismos da língua desencadeadores do efeito cômico na piada. Tal conjectura não deve ser vista como uma aparente contradição, tendo em vista o

nosso alinhamento a uma abordagem lingüístico-cognitiva. Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, também tratam da metonímia, considerando-na como um processo de natureza diferente da metáfora. Para os autores, a metonímia tem uma função referencial, mas não só, enquanto a metáfora se centra na compreensão. Desse modo, para eles, a metonímia não consiste apenas num mero recurso referencial, já que também tem como função propiciar a compreensão, não estando desligada, portanto, do processo de significação.

Assim a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificadamente certos aspectos do que está sendo referido. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico. Nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira comum como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia¹³⁸. (Lakoff e Johnson, 1980:37).

Isso posto, cremos que a análise, ora realizada, tenha dado conta, de forma satisfatória, dos objetivos a que nos propusemos nesta etapa.

5.5 Aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual

Nessa fase de análise, dentre as ocorrências já classificadas na seção anterior, selecionamos 06 (seis) ocorrências de (re)categorizações metafóricas, para aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual, o que equivale a um percentual de aproximadamente 18% sobre o número total de ocorrências analisadas. Dessas seis ocorrências, três são classificadas como (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e três como (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente. Adiantamos, entretanto, que, em termos de aplicação do modelo, o processo é o mesmo para os dois tipos de ocorrência, sendo nosso objetivo fazer uma simulação do processo de construção cognitiva dos significado dessas ocorrências, ditas como responsáveis pela comicidade das piadas em que se apresentam.

Vimos, no Capítulo 4, que a teoria da mesclagem conceitual, tomada em toda a sua abrangência, é bastante complexa, por isso não temos a pretensão que a análise que ora empreendemos seja exaustiva. Notadamente, os princípios constitutivos e reguladores da teoria serão o alvo da nossa atenção. Fixaremos-nos, no entanto, na explicitação desses

¹³⁸ Thus metonymy serves some of the same purposes that metaphor does, and in somewhat the same way, but it allows us to focus more specifically on certain aspects of what is being referred to. It is also like metaphor in that it is not just a poetic or rhetorical device. Nor is it just a matter of language. Metonymic concepts (like THE PART FOR THE WHOLE) are part of the ordinary, everyday way we think and act as well as talk.

princípios constitutivos, quando da elaboração das redes de integração conceitual, embora cientes dos princípios reguladores que a estes subjazem. Assim, nas propostas de análise apresentadas para os casos selecionados, não perderemos de vista, por exemplo, o princípio da integração, o princípio da rede, o princípio da topologia e o princípio da relevância, princípios reguladores esses que se referem, respectivamente, à constituição do cenário do espaço mesclado por uma cena bem integrada, à manutenção de firmes conexões entre os espaços de entrada e o espaço mesclado, ao reflexo da topologia usual dos espaços de entrada no espaço mesclado e à necessidade de relevância para os elementos constituintes do espaço mesclado. Considerando, ainda, o recorte de trabalho com as mesclas metafóricas *on line*, uma entre as diversas possibilidades de aplicação desse modelo teórico, o campo de abrangência de nossa análise fica restrito aos aspectos da teoria concernentes a essa matéria.

Assim sendo, as redes de integração conceitual, que simularemos a partir das ocorrências selecionadas, classificam-se todas, *a priori*, como redes de escopo duplo. Lembramos que esse tipo de rede caracteriza-se pela estruturação do espaço mesclado a partir da topologia projetada dos espaços de entrada que, por sua vez, são organizados por *frames* distintos. Ademais, os mapeamentos interespaços são, em todos os casos analisados, feitos com base na percepção de traços compartilhados entre os domínios conceituais, no que vemos um alinhamento com a definição de metáfora de semelhança (Grady, 1997).

É importante salientar também que, nas redes de escopo duplo, a interpretação das mesclas metafóricas *on line* não é feita em termos de simples projeções unidirecionais, de modo que a recuperação das prováveis inferências só é possível se houver, na organização do espaço mesclado, a projeção de ambos os espaços de entrada.. Além disso, nesses casos, a estrutura de organização do espaço mesclado termina, muitas vezes, por ser uma extensão do espaço de entrada 1 (espaço alvo) (Fauconnier e Turner, 1998).

Feitas essas considerações, procederemos à aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual, iniciando pela ocorrência da (re)categorização metafórica de presidente como porco, aqui classificada como (re)categorização metafórica não manifestada lexicalmente.

- **Presidente como porco**

Em (17), a comicidade é desencadeada pela (re)categorização metafórica de presidente como porco, segundo a qual podemos inferir que os políticos (presidente está sendo tomado nesta acepção) são considerados como pessoas sem pudor, sujas por assim

dizer. Esses traços são compartilhados com o animal porco, símbolo da sujeira física e da falta de escrúpulo quanto à seleção do que ingere como alimento, não desperdiçando nem mesmo os excrementos humanos. O modelo da teoria da mesclagem conceitual permite uma simulação de como se constrói essa inferência, ou, usando a terminologia do modelo, como o sentido dessa mescla metafórica (i.e., o presidente como porco) é capturado em toda a sua extensão. Nesse primeiro caso, apresentaremos, passo a passo, todas as etapas de construção do modelo, tendo em vista favorecer uma compreensão eficiente do processo.

Temos, a princípio, dois espaços mentais de entrada, formados, respectivamente, pelo domínio do presidente (alvo) e pelo domínio do porco (fonte). A simples projeção direta da informação do domínio fonte (porco) para o domínio alvo (presidente), conduzida por uma série fixada de mapeamentos de contraparte, dentre eles, o de porco para presidente, o de animal para político e o de instintivo para racional, não é o bastante para dar conta do elemento principal de interpretação do sentido dessa mescla metafórica, ou seja, que o presidente é inescrupuloso. Vejamos a ilustração da etapa descrita no diagrama seguinte, observando que as linhas sólidas representam os mapeamentos interespaços.

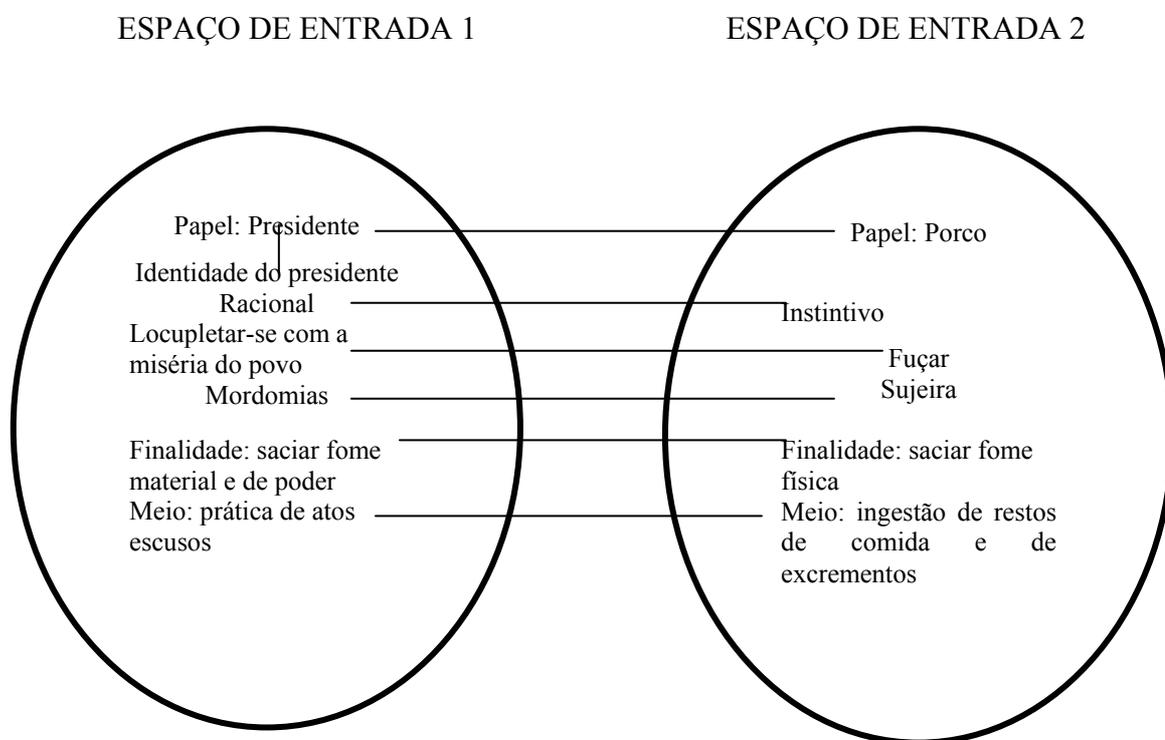


Figura 11: Espaços de entrada/Rede de integração conceitual: presidente como porco

Assim sendo, segundo o modelo da teoria da mesclagem conceitual, é somente no espaço mesclado que o sentido dessa mescla metafórica é capturado. Antes, porém, da formação desse espaço, o modelo apresenta um terceiro espaço, o espaço genérico, formado pela estrutura compartilhada pelos espaços de entrada. No caso analisado, tal estrutura consiste no conjunto de comportamentos e hábitos que proporcionam a satisfação de uma necessidade, conforme podemos verificar pela ilustração da página seguinte, na qual as linhas pontilhadas representam as projeções entre os espaços da rede.

ESPAÇO GENÉRICO

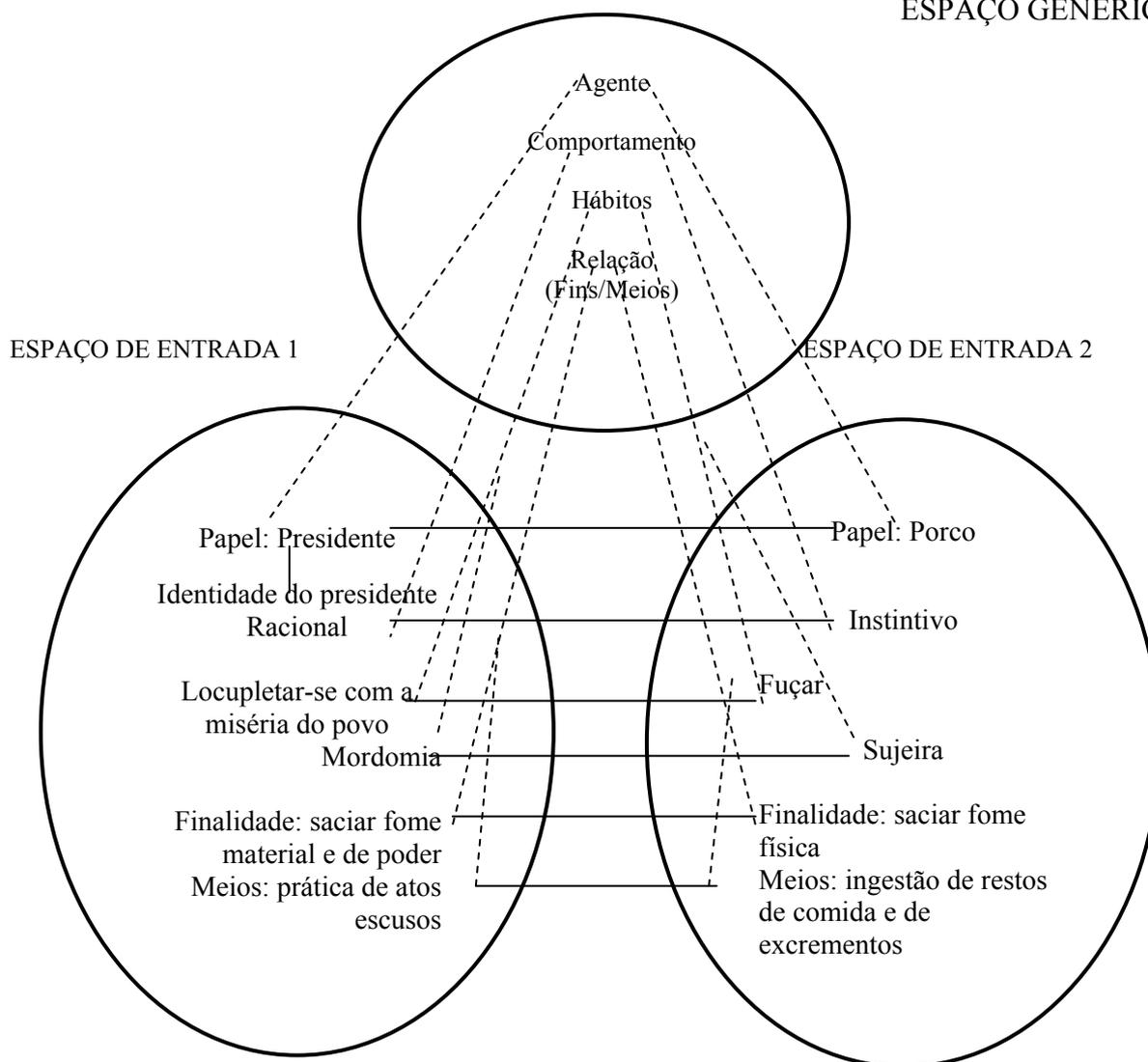


Figura 12 : Espaço Genérico/Rede de integração conceitual: presidente como porco

O espaço mesclado é formado por elementos provenientes de cada um dos espaços de entrada. Assim sendo, herda elementos do espaço do domínio do presidente, tais como a identidade da pessoa que está exercendo o mandato de presidente e detalhes do comportamento da pessoa na representação do papel político. Ao mesmo tempo, herda também elementos do domínio do porco como, por exemplo, o papel de animal irracional e os hábitos do porco. Dessa forma, o espaço mesclado, ao herdar a estrutura parcial de cada espaço de entrada, desenvolve um conteúdo emergente de si próprio, que resulta na justaposição dos elementos provenientes dos respectivos espaços de entrada.

Ora, pelos princípios constitutivos da teoria, o desenvolvimento da estrutura emergente, no espaço mesclado, envolve três processos básicos: composição, complementação e elaboração. No primeiro, temos a projeção de conteúdos dos espaços de

entrada para o espaço mesclado, conforme descrito no parágrafo anterior, valendo destacar que, algumas vezes, o processo de composição funde os elementos dos espaços de entrada, como, por exemplo, a associação de um único indivíduo (identidade do presidente) com o presidente do espaço de entrada 1 e com o porco do espaço de entrada 2. O processo de complementação ocorre, por sua vez, quando a estrutura projetada dos espaços de entrada corresponde a informações da memória de longo-termo. Por exemplo, ao se projetar mentalmente um porco alimentando-se de lavagem e excrementos, introduz-se a noção de falta de escrúpulo na cena, informação esta contida na memória de longo-termo. O entendimento global do cenário realiza-se pela introdução de novos traços do indivíduo (presidente), por meio da justaposição dos elementos dos espaços de entrada.

No exemplo analisado, verifica-se que a relação meio-fim, projetada no espaço do porco, é incompatível com a relação meio-fim do espaço do presidente. Entende-se que o objetivo do animal, que age por instinto, é a busca de alimentos para saciar a fome física, enquanto o do presidente (político), que age racionalmente, é saciar a sua fome de bens materiais e de poder. No espaço mesclado, os meios do porco são combinados com os fins, a identidade e o contexto do espaço do presidente. A incongruência que então se estabelece entre os meios do animal com os fins do político conduz a uma emergente inferência de que o porco é sem escrúpulo, de onde provém o sentido da mescla metafórica presidente como porco. Ou seja, o presidente é inescrupuloso em suas ações como político.

Finalmente, pelo processo de elaboração, realiza-se a simulação mental dos eventos do espaço mesclado, a partir do processamento da estrutura emergente. No caso, a simulação poderia ser proveniente da imagem de um presidente devorando grotescamente restos de alimentos e excrementos ou de qualquer outro cenário dentro das conexões estabelecidas pela rede, de forma que as possibilidades são ilimitadas.

Vejamos, na figura 13, a ilustração completa dessa rede de integração conceitual, atentando para a informação de que a linha tracejada entre o papel presidente, no espaço de entrada 1, e o papel porco, no espaço mesclado, representa o fato de que, no espaço mesclado, o porco é associado com o presidente, no espaço alvo (i.e., o espaço de entrada 1).

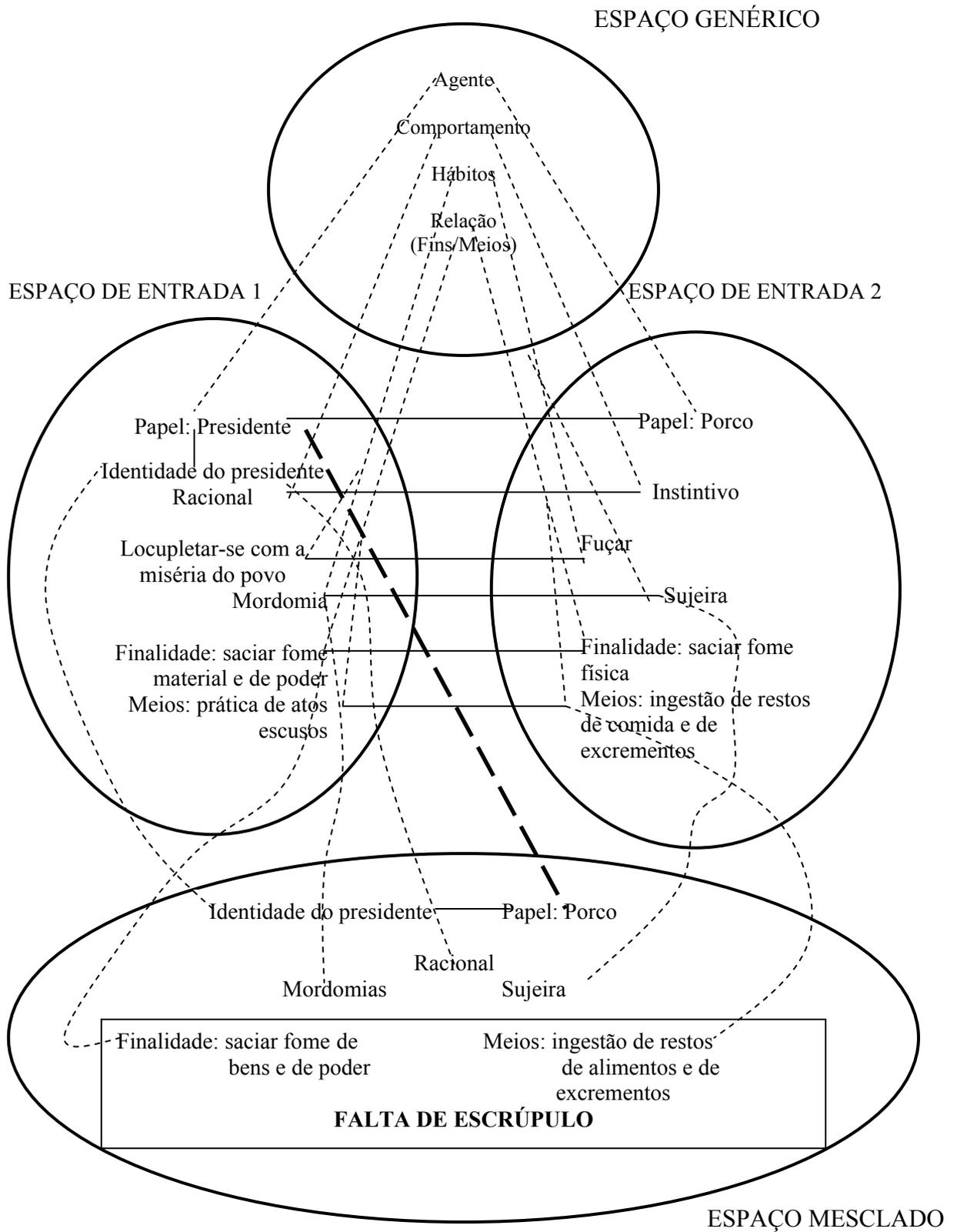


Figura 13: Rede de integração conceitual: presidente como porco

Na seqüência, analisaremos três casos de ocorrências classificadas como (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente. mulher bonita como bolo e mulher feia como merda, abordados conjuntamente, e casamento como catástrofe.

• **Mulher bonita como bolo e mulher feia como merda**

A comicidade de (21) é desencadeada por duas ocorrências de (re)categorizações metafóricas, a de mulher bonita como bolo e a de mulher feia como merda, respectivamente. Como ambas respondem pelo efeito cômico, vamos tratá-las conjuntamente, no que se refere à análise via modelo da teoria da mesclagem conceitual. Assim sendo, é perceptível, nessas duas (re)categorizações, a incongruência que se estabelece entre o modelo cognitivo de fidelidade adotado na sociedade brasileira, fortemente marcada pelo machismo, e a posição de um dos interlocutores do texto, que rompe com esse modelo, admitindo a promiscuidade do sexo feminino, em nome de um outro modelo que, para ele, se mostra mais significativo. Ou seja, o modelo vigente, na sexualidade, de que aquilo que é atraente, do ponto de vista dos atributos físicos, é mais prazeroso¹³⁹. Certamente, é isto que licencia a (re)categorização metafórica de mulher bonita como bolo, bem como o contrário, de mulher feia como merda.

Em ambas as (re)categorizações metafóricas, a construção dos sentidos não se dá simplesmente em termos comparativos entre informações do domínio fonte para o domínio alvo, isto é, de bolo para mulher bonita e de merda para mulher feia. Com efeito, somente tal mecanismo não é o bastante para dar conta das inferências que permitem a interpretação do sentido dessas mesclas metafóricas, qual seja, que a mulher bonita é, do ponto de vista dos atributos que estimulam o desejo sexual, mais apetitosa, já que possui esses atributos, legitimados pelo modelo de sociedade que prega um extremado culto ao corpo. Por outro lado, a mulher feia, por destoar desse modelo, é considerada como um refugio, mesmo que seja fiel, entendendo-se, então, que o importante é ter o melhor, isto é, a mulher bonita, ainda que de forma compartilhada, admitindo-se, nesse contexto específico, a infidelidade feminina.

Pelo modelo da mesclagem conceitual, o sentido de uma mescla metafórica é capturado no espaço mesclado, por meio de uma estrutura emergente que ele próprio desenvolve. Esse espaço, por sua vez, é formado pela projeção de elementos de cada um dos espaços de entrada constituintes da rede de integração conceitual. Na primeira ocorrência, os espaços de entrada correspondem, respectivamente, ao domínio mulher bonita (espaço alvo) e

¹³⁹ Embora estejamos tratando o caso “mulher bonita” é um bolo como uma metáfora de semelhança, não podemos deixar de registrar uma possível relação desse caso com a metáfora O ATRAENTE É GOSTOSO, classificada por Grady (1997) como metáfora primária de natureza correlacional.

ao domínio bolo (espaço fonte). Na segunda, correspondem ao domínio mulher feia (espaço alvo) e ao domínio merda (espaço fonte). Os mapeamentos interespaços, na primeira mescla, podem ser feitos, por exemplo, de alimento para objeto sexual, de forma circular para formas arredondadas e de palatável para apetitosa. Na segunda mescla, vão de excremento para objeto de insatisfação sexual, de não comestível para não apetitiva e de nojenta para asquerosa, entre outros.

O espaço genérico, constituído pela estrutura compartilhada entre os espaços de entrada, é formado pelo conjunto de atributos ativados pelos sentidos que tornam mulher bonita e bolo como apreciáveis, no que se refere à primeira ocorrência. Já na segunda, a estrutura genérica consiste no conjunto de atributos que tornam mulher feia e merda como imprestáveis.

Pelo processo de composição, em face do desenvolvimento da estrutura emergente no espaço mesclado, esse espaço, na primeira ocorrência, herda elementos do espaço de entrada do domínio mulher bonita, como a identidade da mulher e o seu papel como objeto sexual, a identidade da pessoa que assim a considera e as características físicas da mulher. Da mesma forma, herda também elementos do espaço de entrada do domínio do bolo, como características e utilidade do alimento. Na segunda ocorrência, que forma uma outra rede de integração conceitual, o espaço mesclado herda, do espaço de entrada do domínio mulher feia, elementos como a identidade da mulher como objeto não atrativo sexualmente, a identidade da pessoa que a considera como tal e as características físicas da mulher. Do espaço de entrada do domínio merda, herda características da matéria orgânica.

Pelo processo de complementação, na construção da estrutura emergente do espaço mesclado, a estrutura projetada dos espaços de entrada na primeira ocorrência permite a projeção mental de uma mulher bonita cobiçada por um homem, a fim de satisfazer os desejos libidinosos dele, introduzindo-se, na cena, a concepção de mulher bonita como objeto sexual. A introdução de novos traços da mulher bonita, por justaposição dos elementos dos espaços de entrada, tais como palatável, pele macia e formas arredondadas, possibilita o entendimento global do cenário. Na segunda ocorrência, a projeção mental pode ser, por exemplo, de uma mulher feia sendo descartada por um homem, que anda em busca de satisfação sexual, introduzindo-se a concepção de mulher feia como objeto não atrativo sexualmente. A introdução, na cena, dos elementos asquerosa, deformada e não comestível viabiliza, no caso, a sua compreensão global.

Já vimos que a estrutura emergente, desenvolvida no espaço mesclado, resulta da justaposição de elementos provenientes dos espaços de entrada. Nas duas ocorrências, observa-se que a relação meio-fim dos espaços fonte (i.e., do domínio bolo e do domínio merda) é incompatível com a mesma relação meio-fim dos espaços alvo (i.e., do domínio mulher bonita e do domínio mulher feia). No primeiro caso, prevalece o entendimento de que a finalidade da mulher bonita é a satisfação de um desejo sexual do homem por meio do ato sexual, enquanto a do bolo é a satisfação de um desejo alimentar de uma pessoa, que se realiza pela deglutição do alimento. Assim sendo, no espaço mesclado de cada uma das redes, os meios do espaço fonte são combinados com os fins e com os elementos projetados do espaço alvo para a mescla, daí configurando-se a estrutura emergente, pela incongruência dessa relação meio-fim. A primeira mescla apresenta como finalidade satisfazer um desejo sexual por meio da deglutição e a segunda realizar esse desejo pela excreção.

Assim sendo, a primeira mescla metafórica, mulher bonita como bolo, traz implícita a estrutura de que a mulher fisicamente bonita, segundo os padrões adotados culturalmente, é mais atraente, tornando-se objeto de desejo sexual. Tal fato conduz à inferência de que o desejo sexual masculino é estimulado por aquilo que se mostra mais atrativo aos sentidos, no caso a perfeita forma física da mulher, traduzida como beleza. A segunda ocorrência contrapõe-se à primeira, ao tempo em que legitima o sentido a ela conferido. Nesse sentido, da mescla mulher feia como merda, emerge a inferência de que a mulher desprovida de beleza física não é atrativa para o sexo masculino, por não possuir atributos que satisfaçam aos seus desejos sexuais, sendo considerada como um refugio, ou seja, algo sem nenhuma utilidade.

Em se tratando do processamento da estrutura emergente desenvolvida no espaço mesclado, pelo processo de elaboração, pode-se realizar a simulação mental das cenas construídas na mescla. No primeiro caso, a simulação poderia ser proveniente, por exemplo, da imagem de um homem possuindo uma mulher bonita, como se ela fosse um bolo bem apetitoso e, no segundo, seria a simulação de um homem varrendo uma mulher feia e jogando-a no lixo. Lembramos que essas possibilidades de simulação são abertas, desde que oriundas das conexões estabelecidas pelas respectivas redes de integração conceitual.

Vejamos, portanto, como se configuram as duas redes construídas com base nas ocorrências analisadas, por meio da ilustração das figuras 14 e 15, com a informação de que os tipos de linhas dos diagramas têm o mesmo significado já descrito anteriormente, assim

como, nas ilustrações das ocorrências feitas daqui em diante, apresentaremos apenas um diagrama, que expressa a rede como um todo.

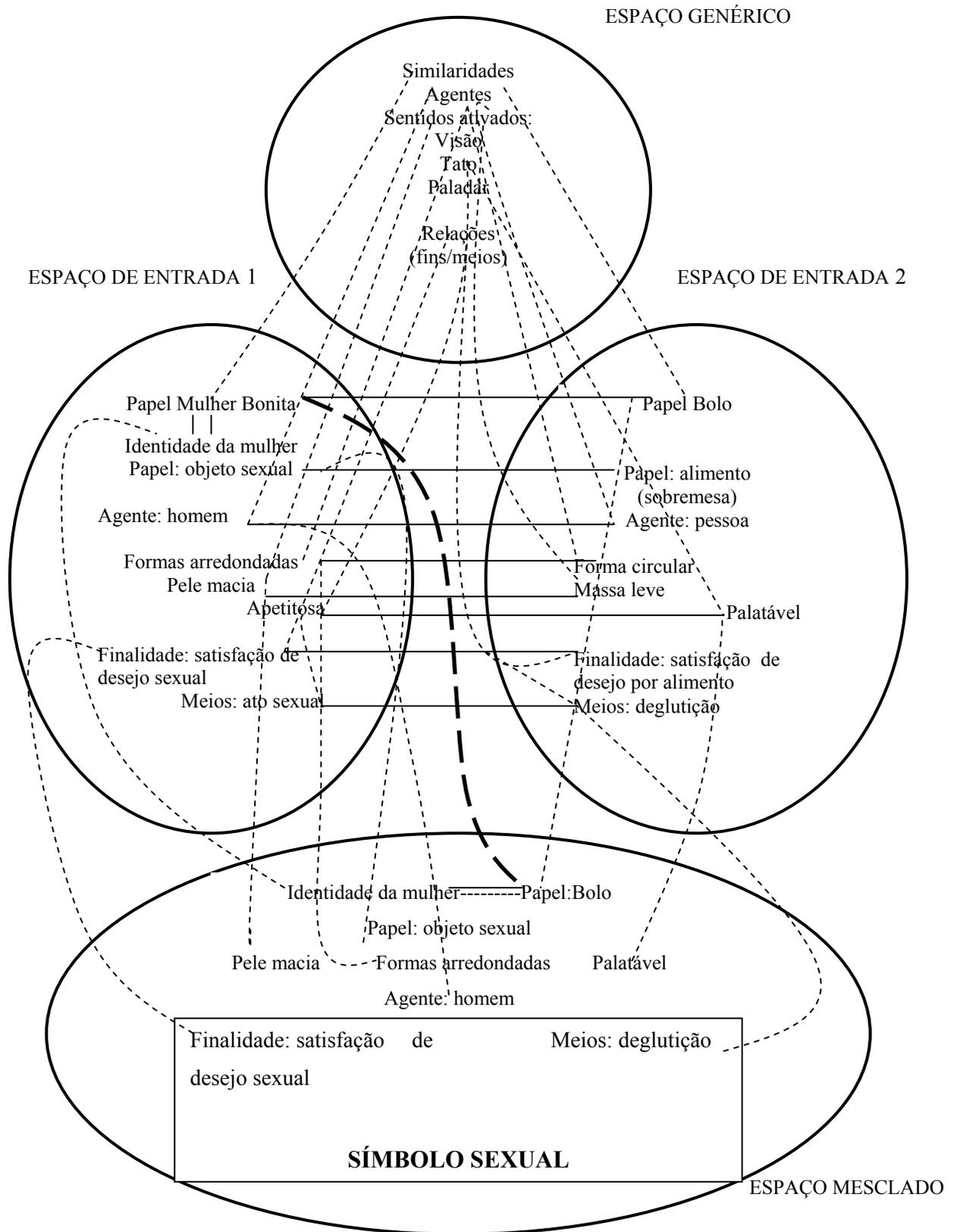


Figura 14 : Rede de integração conceitual: mulher bonita como bolo

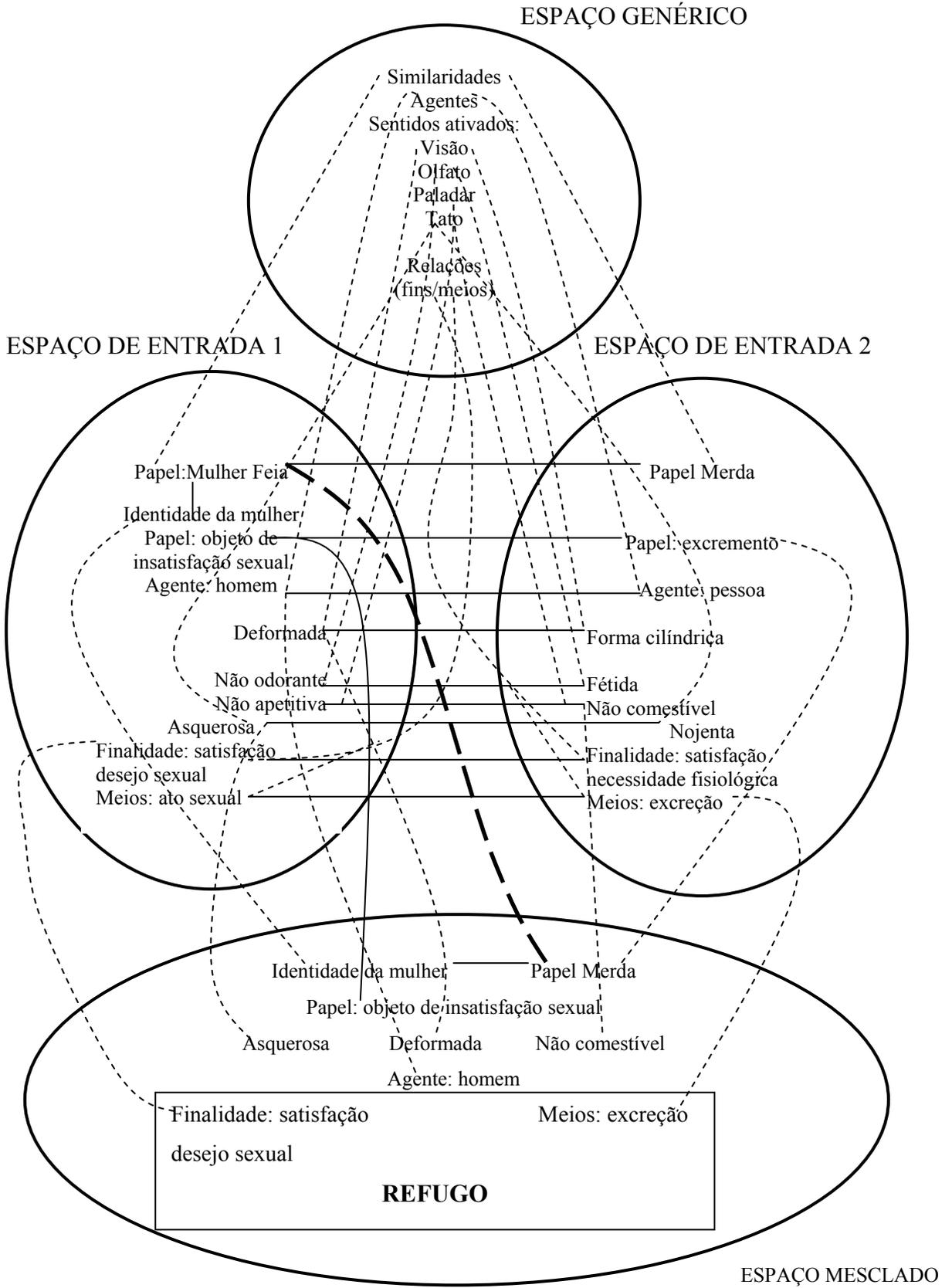


Figura 15: Rede de integração conceitual: mulher feia como merda

- **Casamento como catástrofe**

A (re)categorização metafórica de casamento como catástrofe responde pela comicidade do texto (18). Aplicando-se, no caso, o modelo da teoria da mesclagem conceitual, é possível mostrar como se constrói o sentido dessa recategorização, cuja principal inferência é a de que o casamento é um infortúnio, uma marca da incongruência característica do texto humorístico. Brinca-se, então, com uma instituição culturalmente respeitada, fazendo-se o jogo contraditório entre união e infortúnio.

Assim, na formação da rede, motivada pela mescla metafórica de casamento como catástrofe, temos os espaços de entrada 1 e 2 formados, respectivamente, pelo papel casamento e pelo papel catástrofe. Os possíveis mapeamentos interespaços podem ser feitos, por exemplo, de situação calamitosa para instituição, de população para cônjuges e de morte para estresse. O espaço genérico, no caso, é constituído pela estrutura genérica de causa e efeito dos eventos, envolvendo seus danos e conflitos. O espaço mesclado herda do espaço de entrada 1 o papel casamento, os cônjuges e o contexto característico desse espaço. Da mesma forma, ele herda, do espaço de entrada 2, o papel catástrofe e o elemento prejuízo.

A estrutura emergente, desenvolvida no espaço mesclado, qual seja, a inferência de que casamento é um infortúnio, origina-se, pelo processo de composição, da justaposição de elementos projetados de ambos os espaços de entrada. De modo que, no caso, a relação causa-efeito dos espaços de casamento e de catástrofe apresenta-se como inconciliável, pois o efeito do casamento é a união, enquanto que o da catástrofe é a destruição. Dessa forma, considerando que, no espaço mesclado, o efeito do espaço de catástrofe é combinado com a causa e o contexto do espaço de casamento, emerge, então, o sentido de que a catástrofe, por causar destruição, é um infortúnio. Assim, a (re)categorização metafórica de casamento como catástrofe ou a mescla metafórica que se constrói por meio desses dois domínios conceituais tem o sentido de casamento como infortúnio.

No processamento da estrutura emergente, poderia ser feita, nesse caso, a simulação mental advinda da imagem de cônjuges digladiando-se dia e noite. Na figura seguinte, é possível visualizar os passos seguidos na construção da rede de integração conceitual casamento como catástrofe.

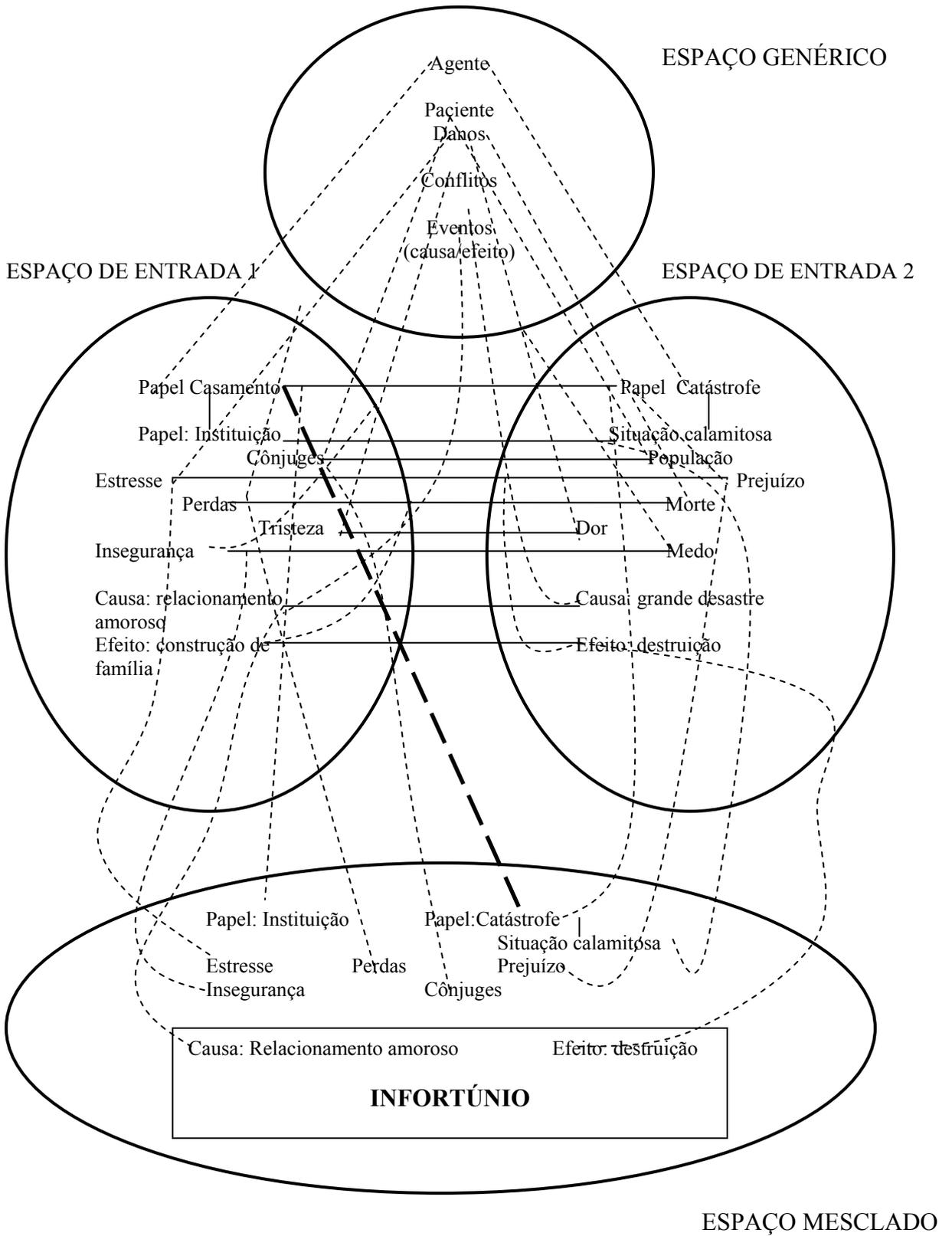


Figura 16 : Rede de integração conceitual: casamento como catástrofe

Os dois últimos casos analisados inserem-se na classificação de (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente.

• **Genitália feminina como cartão de crédito**

Em (23), o veio condutor da comicidade do texto é a (re)categorização metafórica de genitália feminina como cartão de crédito, cujo sentido é alcançado pela construção da inferência de que a mulher, no contexto em que se apresenta, é adepta da prática da prostituição, o que a caracteriza também como infiel, já que se trata também de uma pessoa unida a outra pelos laços do matrimônio, conforme se depreende das pistas cotextuais.

A construção dos sentidos da (re)categorização metafórica em análise, por meio do modelo da teoria da mesclagem conceitual, seguindo as mesmas etapas explicitadas nos casos anteriores, dá-se, inicialmente, pelo mapeamento interespaços, que envolve a construção prévia de dois espaços de entrada, formados, respectivamente, pelo domínio genitália feminina (alvo) e pelo domínio cartão de crédito (fonte). As informações mapeadas do espaço fonte para o espaço alvo podem ser, por exemplo, de documento financeiro para órgão sexual, de mercado financeiro para corpo humano e de moeda para erotismo. Mas, conforme já postulado, somente esse mapeamento de informações de contraparte dos espaços de entrada não é o suficiente para dar conta do sentido da mescla metafórica de genitália feminina como cartão de crédito.

Assim sendo, o modelo apresenta ainda, no mínimo, mais dois espaços mentais: o espaço genérico e o espaço mesclado. O primeiro deles é constituído pela estrutura compartilhada entre os espaços de entrada, a qual consiste na estrutura de caracterização dos dois domínios conceituais quanto à origem, valor e emprego. O espaço mesclado herda informações de ambos os espaços de entrada, tais como o papel da genitália feminina, a identidade da mulher, o papel do cartão de crédito e os valores erotismo e moeda. Ademais, é pela justaposição de elementos provenientes dos espaços de entrada que se desenvolve a estrutura emergente do espaço mesclado, a qual, por sua vez, decorre dos processos de composição, complementação e elaboração. A composição realiza-se pela projeção de elementos dos espaços de entrada para o espaço mesclado, conforme descrição anterior, a fim de prover, nesse espaço, novas relações. Pela complementação, a projeção mental de uma mulher promíscua, por exemplo, contida na memória de longo-termo, introduz os atos de prostituição e infidelidade na cena configurada no espaço mesclado.

Observa-se que, na mescla metafórica em análise, a relação meio-fim projetada do espaço de entrada 1 é incompatível com a mesma relação meio-fim do espaço de entrada 2, ou seja, a finalidade do cartão de crédito é o pagamento de dívidas por meio do comércio de serviços ou bens, enquanto a da genitália feminina é o prazer sexual, através do ato sexual. Assim, no espaço mesclado, seguindo o rastro do modelo de análise, os meios do espaço do cartão de crédito são combinados com os fins e com todo o contexto do espaço da genitália feminina, emergindo a construção do sentido de genitália feminina como cartão de crédito, de onde se infere que a mulher usa o corpo para adquirir bens materiais, sendo, ainda, infiel ao marido.

Já pelo processo de elaboração, última etapa de desenvolvimento da estrutura emergente do espaço mesclado, realiza-se a simulação mental da cena construída nesse espaço, processando-se o seu conteúdo emergente. Tal simulação, no caso, poderia provir da imagem de uma mulher casada e sem recursos financeiros, que sempre volta do trabalho exibindo um presente caro.

O diagrama seguinte representa a rede de mesclagem conceitual descrita.

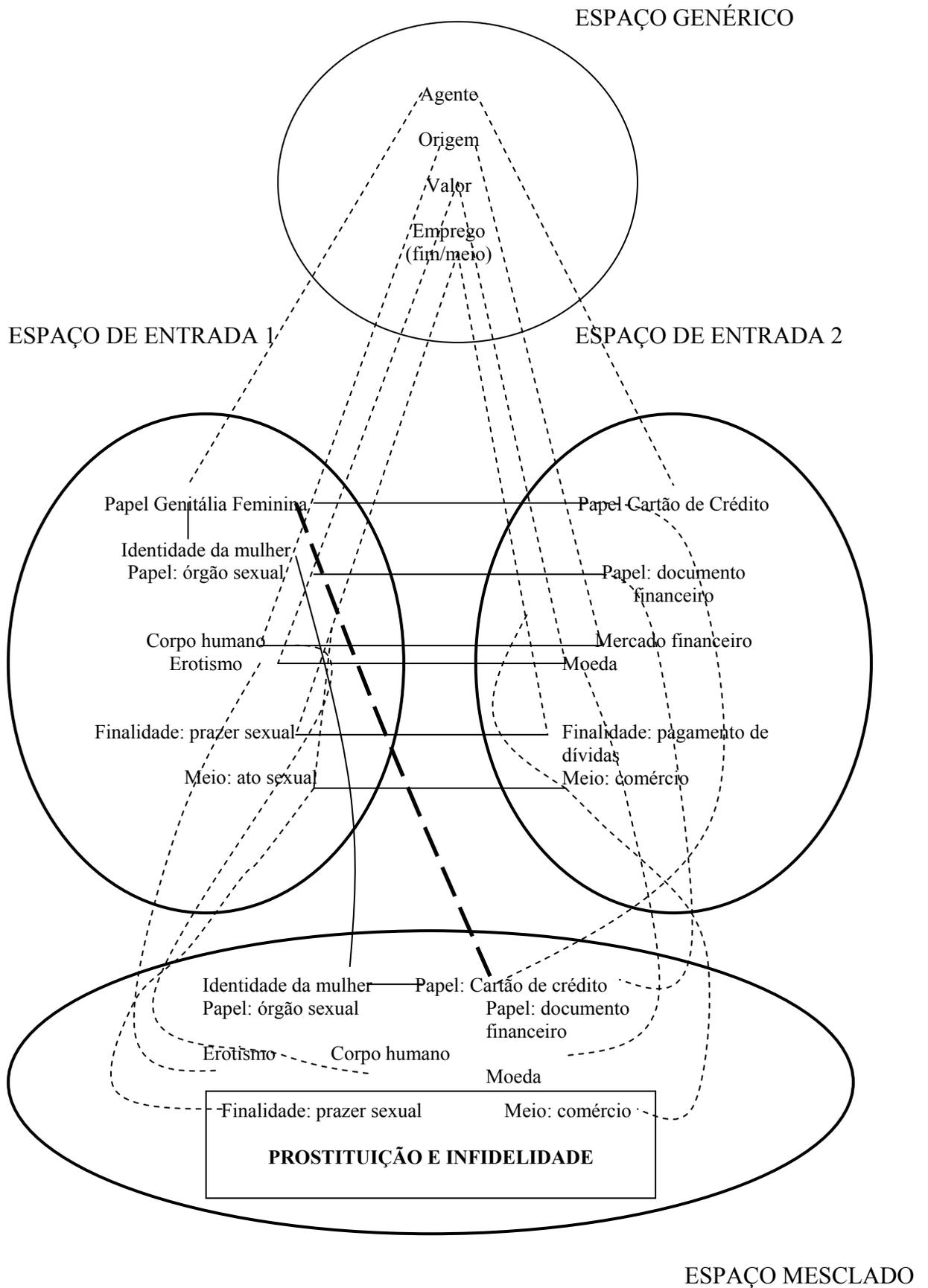


Figura 17: Rede de integração conceitual: genitália feminina como cartão de crédito

- **Sogra como bruxa**

Em (8), o efeito cômico desencadeado pela (re)categorização metafórica de sogra como bruxa traz subjacente a inferência de sogra como uma pessoa má, particularmente na condução de seu relacionamento com o genro. Este, apesar do parentesco próximo, a concebe, via de regra, como inimigo número um, razão pela qual não lhe dispensa um tratamento muito respeitoso.

A construção da inferência citada, por intermédio do modelo da mesclagem conceitual, parte da concepção de dois espaços mentais de entrada, isto é, o espaço do domínio sogra e o espaço do domínio bruxa. Como nas demais ocorrências analisadas, a simples projeção direta do domínio bruxa (fonte) para o domínio sogra (alvo), conduzida por uma série de mapeamentos de contraparte, não é suficiente para dar conta da construção da inferência da maldade da sogra. À guisa de ilustração, citamos os mapeamentos do papel da bruxa para o papel da sogra, de separação para discórdia, de maldade para malícia e de disfarce para dissimulação.

Na rede descrita, o espaço genérico é constituído pela estrutura compartilhada entre o espaço do domínio sogra e o do domínio bruxa, numa estrutura que consiste nos traços característicos do comportamento de alguém que age para causar danos a outrem.

Para a formação do espaço mesclado, projetam-se elementos do espaço de entrada 1 como, por exemplo, o papel da sogra como membro da família, o genro como sua vítima e as atitudes da sogra de malícia e dissimulação. Em contrapartida, o espaço mesclado herda também elementos do espaço de entrada 2, como o papel da bruxa e a sua atitude de provocar separações. Assim sendo, o espaço mesclado herda, pelo processo de composição, a estrutura parcial de cada espaço de entrada, e desenvolve uma estrutura emergente dele próprio, que resulta da justaposição dos elementos provenientes desses espaços. Pelo processo de complementação, no desenvolvimento da estrutura emergente, seria possível, por exemplo, projetar mentalmente, para o espaço mesclado, o *frame* de uma cena de perseguição.

No caso da mescla metafórica analisada, a relação meio-fim projetada do espaço da bruxa não é compatível com a relação meio-fim, com os indivíduos e com o conjunto de atitudes do espaço da sogra, de forma que a incongruência que se estabelece nessa relação meio-fim conduz a uma emergente inferência da maldade da sogra, considerando que o meio utilizado pela bruxa para atingir seu objetivo, isto é, a feitiçaria, legitima essa maldade. Pelo

processo de elaboração, poderíamos simular, por exemplo, a cena do genro dentro de um caldeirão fervente, sendo mexido, prazerosamente, pela sogra.

Na figura 18, pode-se observar, em maiores detalhes, a rede de integração conceitual descrita.

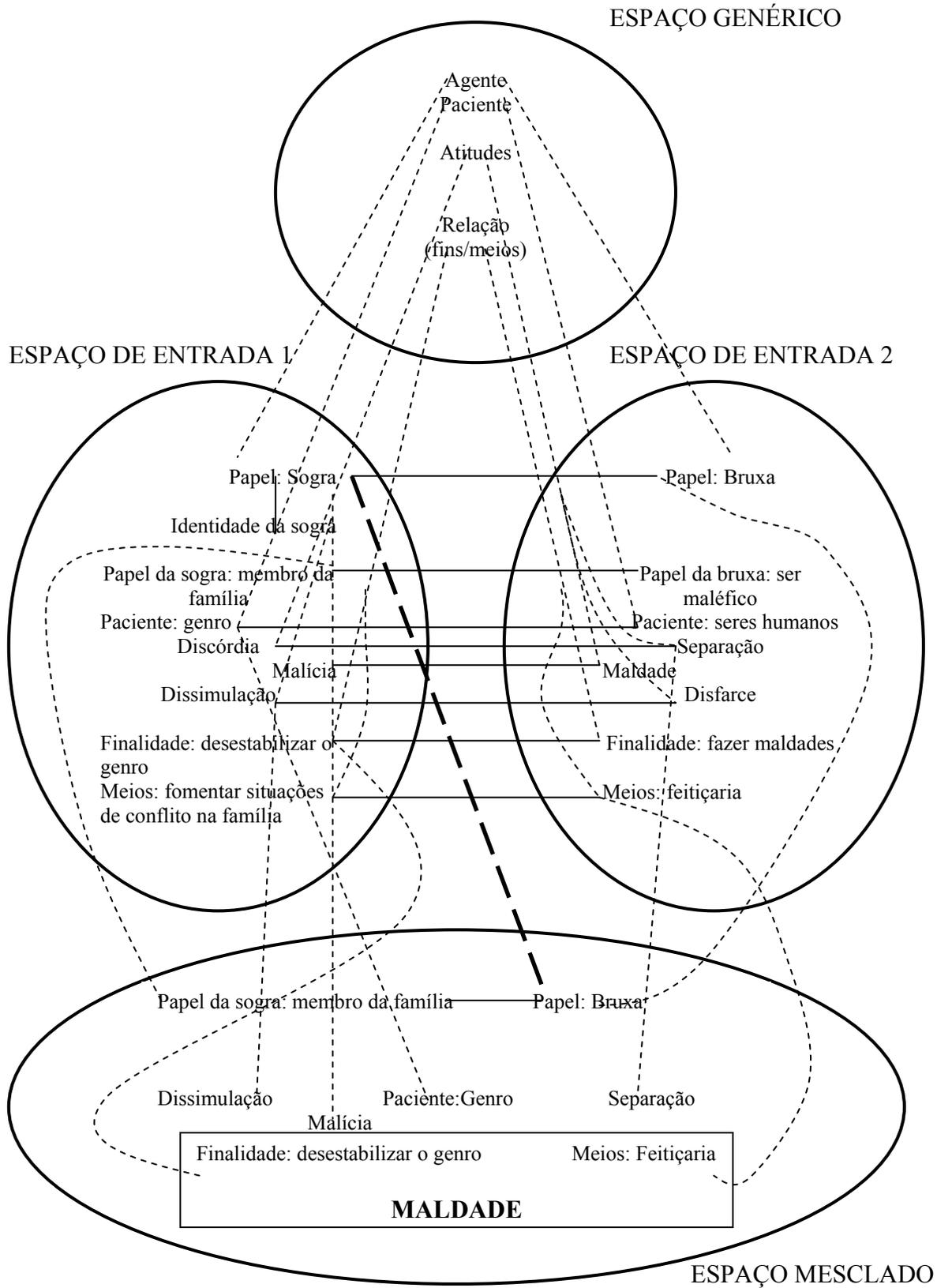


Figura 18: Rede de integração conceitual: sogra como bruxa

Concluída a última fase de análise deste estudo, cremos que a aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual ora realizada, para melhor explicitar a construção dos sentidos das (re)categorizações metafóricas em análise, possibilitou, mesmo por amostragem, a visualização dos mecanismos cognitivos que operam na subjacência do processo referido. Ou seja, os mecanismos processados inconscientemente na construção dos sentidos das ocorrências são simulados pelo modelo da mesclagem conceitual, que assim viabiliza a consciência de tais processos, permitindo trazer à tona uma riqueza de detalhes que se dão na construção dos sentidos. Não se pode, portanto, fechar os olhos para o fato de que a explicitação desses mecanismos cognitivos ajuda não só a uma melhor compreensão do sentido das (re)categorizações metafóricas mas, sobretudo, insere o componente cognitivo na análise do tipo de ocorrência lingüística tratado, dando maior clareza ao fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de investigar o fenômeno do humor a partir da ocorrência de (re)categorizações metafóricas em textos humorísticos do gênero piada, procedemos a uma análise de piadas na qual estão inseridas tais ocorrências. Antes, porém, fomos buscar os fundamentos teóricos básicos, necessários a este estudo, na Linguística Textual e na Linguística Cognitiva.

A partir do entendimento de que o estudo das (re)categorizações metafóricas, hipoteticamente consideradas como gatilho para o humor, se realizado apenas no nível da superfície textual, não seria suficiente para dar conta da efetiva construção dos sentidos de humor, optamos por uma abordagem lingüístico-cognitiva desse processo. Assim, iniciamos pela discussão dos paradigmas cognitivos que se têm mostrado como mais proeminentes no quadro evolutivo das Ciências Cognitivas, situando e definindo a concepção de cognição incorporada, adotada neste trabalho, por se mostrar mais coerente com os objetivos propostos, uma vez que não restringe a cognição a uma simples representação de um mundo pré-dado, mas a vê como uma atividade de construção interativa, na qual se concebe o sujeito como pertencente a um mundo inseparável de seu corpo, de sua linguagem e de sua história social. A concepção de cognição incorporada serviu como eixo norteador em toda a fundamentação teórica do trabalho, desde a abordagem do processo de categorização e da metáfora conceitual, concebidos sob a ótica de um cognitivismo experiencialista, passando pelo processo de referenciação, no qual também se rejeita a concepção de mente desincorporada, até a teoria da mesclagem conceitual, cujos alicerces são fortemente fincados na concepção de cognição incorporada.

Na análise qualitativa dos dados, em que avaliamos o papel das (re)categorizações metafóricas como mecanismos lingüístico-cognitivos desencadeadores da comicidade na piada, constatamos que as metáforas de semelhança são o tipo predominante na construção

das ocorrências analisadas. Nesse aspecto, conforme se pronuncia Grady (1999), precisamos considerar a natureza quase ilimitada desse tipo de metáfora, motivada pelo grande poder do imaginário humano para aplicar semelhança entre objetos totalmente díspares, consoante vimos em grande parte das ocorrências do *corpus*. Constatamos também a ocorrência dos dois tipos de (re)categorizações metafóricas postulados: (re)categorizações metafóricas manifestadas lexicalmente e (re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente. Esses dois tipos, ficou demonstrado, estão distribuídos de forma quase equivalente entre o número de ocorrências analisadas, mas o segundo tipo é mais freqüente nos casos em que o humor parece mais refinado. Por intermédio da aplicação do modelo da mesclagem conceitual, pudemos verificar, ainda, que as situações analisadas se enquadram, todas, como redes de integração conceitual do tipo escopo duplo, nas quais a estrutura emergente, desenvolvida no espaço mesclado, configura as inferências que propiciam a construção dos sentidos das mesclas metafóricas. Nos casos analisados, essa estrutura normalmente emerge da conseqüente incongruência das relações estabelecidas entre os domínios conceituais que constituem as mesclas metafóricas.

Por oportuno, algumas questões merecem destaque neste trabalho, considerando-se tanto a fundamentação teórica quanto a análise dos dados. A primeira questão diz respeito à natureza da categorização e da metáfora. Não se pode, na verdade, pensar a construção do efeito cômico, a partir da (re)categorização metafórica, sem se admitir a instabilidade das categorias, que, uma vez introduzidas como referentes no discurso, são passíveis de modificações ao sabor dos propósitos argumentativos de um enunciador. Da mesma forma, é preciso conceber a metáfora como parte de nosso sistema conceitual, e não apenas como uma figura de linguagem, já que se faz presente tanto na linguagem poética quanto na linguagem do cotidiano. Pudemos, assim, constatar a importância da metáfora na construção dos sentidos da piada, texto que utiliza uma linguagem tipicamente coloquial.

A concepção de metáfora conceitual amplia, indubitavelmente, o seu conceito clássico, uma vez que passa a ser entendida como mais um elemento fundamental do aparato cognitivo, usado para a compreensão do mundo que nos cerca. Não obstante, compreendemos que os estudos sobre a metáfora conceitual ainda carecem, apesar de toda evolução, de uma sistematização mais precisa, no que tange a uma tipologia de motivação para a metáfora conceitual. Nesse sentido, a proposta de Grady (1997, 1999), à qual, nesta dissertação, recorreremos, necessita de maior especificidade quanto à sua aplicação, principalmente no que se refere ao alcance dos casos de metáforas de semelhança, embora, para os objetivos deste trabalho, a proposta se tenha mostrado satisfatória.

Nesse âmbito, parece-nos essencial destacar o significativo papel da cultura na motivação e construção dos sentidos das (re)categorizações metafóricas das piadas analisadas, assim como a importância do conhecimento de mundo, aspectos também definidores da compreensão do propósito humorístico. É notório que o entendimento da estrutura cognitiva da piada, em termos da superposição de esquemas incongruentes, somente é possível quando da ativação desses esquemas incongruentes sobrepostos, o que vai depender das experiências dos sujeitos em seu entorno físico, social e cultural.

A segunda questão pertinente se refere à proposta elaborada para a classificação das (re)categorizações metafóricas. Certamente que uma proposta que não contemplasse um critério cognitivo dificilmente daria conta da explicitação de todas as possibilidades de realização das ocorrências encontradas no *corpus*, mesmo em se tratando da classificação das ocorrências no âmbito do processo de referenciação, ou seja, no domínio do nível lingüístico-textual. A explicitação dos distintos processos por meio dos quais as ocorrências de (re)categorizações metafóricas são fundadas, nos textos analisados, termina por também contribuir para a construção dos sentidos das ocorrências. Entendemos, então, que a proposta sugerida, embora restrita aos casos de (re)categorizações metafóricas, suplementa algumas lacunas deixadas pela proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), além de servir como contribuição para outros estudos dessa mesma natureza. Acreditamos, ainda, que, apesar de a aplicação feita neste estudo restringir-se ao texto humorístico, a classificação proposta para as (re)categorizações metafóricas pode estender-se a outros gêneros textuais, embora seja imprevisível dizer se os processos que caracterizam os tipos propostos sejam exatamente os mesmos. Ademais, como a nossa conjectura diz respeito, particularmente, à classificação das (re)categorizações metafóricas como manifestadas ou não lexicalmente, temos consciência de que a proposta apresentada, apesar de um passo importante para formulações mais precisas, não é exaustiva.

Por fim, no que diz respeito à aplicação do modelo da teoria da mesclagem conceitual, cremos que, apesar da restrição da amostra, as ocorrências analisadas se afiguram como significativamente representativas para a compreensão do processamento do modelo, demonstrando sua exequibilidade para explicitação dos mecanismos cognitivos pelos quais se constroem as inferências subjacentes às (re)categorizações metafóricas, responsáveis pela construção do efeito cômico. Ressentimo-nos, entretanto, na descrição da teoria, de um melhor detalhamento dos casos de mesclagem conceitual metafórica, uma vez que há, na literatura, uma maior atenção para ocorrências de mesclagem conceitual não-metafórica. Deixamos, por isso, como sugestão, para investigações futuras, uma análise mais aprofundada

desse fenômeno, uma vez que não podemos desconsiderar o fato de que a teoria da mesclagem conceitual é, no universo dos estudos sobre a cognição humana, relativamente nova.

Assim, com base no estudo ora empreendido, parece-nos legítimo afirmar que o processo de (re)categorização metafórica configura-se como mais um mecanismo de que dispõe a língua para a construção do efeito cômico na piada. Ademais, no desenvolvimento deste estudo, a nossa opção pelo trabalho com conhecimentos provenientes de áreas diferentes atendeu às nossas expectativas, permitindo-nos, no mínimo, uma melhor compreensão da dinamicidade do processo investigado. Dessa forma, os resultados apresentados demonstram que uma abordagem lingüístico-cognitiva das (re)categorizações metafóricas na construção dos sentidos de humor é muito mais produtiva do que uma abordagem restrita somente ao âmbito da superfície textual. Por isso é que, sem nenhuma presunção, acreditamos que tal fato seja um bom indicativo de que não é de todo impossível trabalhar questões da linguagem fazendo a conciliação de postulações oriundas de diferentes áreas do conhecimento, o que é, sem dúvida, um enorme desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores**. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

AVIZ, L. M. de M. **As melhores piadas que circulam na internet e as que ainda vão circular**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record: 2001.

BARROS, N. C. A. de. **As múltiplas faces da incongruência**: uma introdução ao estudo do texto humorístico. Porto Alegre, 1994. 171f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - PUCRS.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição**: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

CAVALCANTE, M.M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 44, p.105-118, 2003.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica**: com atenção especial para os dêiticos discursivos. Fortaleza, 2002. 98f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFC.

COULSON, S. What's so funny: conceptual blending in humorous examples. In Herman, V (ed.). **The poetics of cognition**: studies of cognitive linguistics and the verbal arts. Cambridge University Press, 2003. No prelo. Disponível em <http://cogsci.ucsd.edu/~coulson/index.html>, com acesso em 20/02/2003.

DIAS, Maria Carmelita P. *Cognição e modelos computacionais: duas abordagens. Veredas*. Juiz de Fora, v.4, n.1, p.31- 41, 2000.

EYSENCK, M. & KEANE, M. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

_____. Conceptual integration. Workshop **Emergence and development of embodied cognition**. Beijing, August 27, 2001. Disponível em <http://www.ifi.unizh.ch/ailab/people/lunga/Conferences/EDEC2/invited/FauconnierGilles.pdf>, com acesso em 09/10/2002.

FAUCONNIER, G., TURNER, M. Principles of conceptual integration. In: Koenig, Jean-Pierre (ed.). **Discourse and cognition**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1998.

_____. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. Berkeley: University of California, Berkeley, 1997. PhD Dissertation.

_____. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In Steen, G. & Gibbs, R. (eds.) **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1999, p. 79-100.

GRADY, J., OAKLEY, T., COULSON, S. Blending and metaphor. In: G. Steen & R. Gibbs (eds.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1999, p.101-124.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKOFF, G. **Women ,fire and dangerous thing**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, Andrew (ed.), **Metaphor and thought**, 2 ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought.** New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G., TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.** Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

MACEDO, A.C.P.S. de. **Categorização semântica: uma retrospectiva de teorias e pesquisas,** 2002. No prelo.

MARCUSCHI, L. A. **Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras.** Anais do Congresso da CelSul, Curitiba, 2000. Texto remetido para publicação.

MARCUSCHI, L.A., KOCH, I.G.V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (orgs.). **Gramática do Português Falado.** v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.

MONDADA, L. La construction discursive des catégories. In: Dubois, D. (ed.), **Catégorisation et cognition: de la perception au discours,** Paris: Kimé, 1997, p. 291-313.

MONDADA, L., DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux neuchâtelois de Linguistique)*, n° 23, 1995, p. 273-302.

MURPHY, G. L., MEDIN, D. L. The role of theories in conceptual coherence. **Psychological review.** 92 (3) 289-316, 1985.

OLIVEIRA, M. B. de. A tradição roschiana. In: OLIVEIRA, M. B. de. **Da ciência cognitiva à dialética.** São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p.117-132.

ORTONY, A. Metaphor. In: SPIRO, R. J., BRUCE, B. C. , BREWER, W. F. (eds.). **Theoretical issues in reading comprehension.** New Jersey: Lawrence Erlbaum. 1980, p. 349-365.

PIADAS DO GERALDO MAGELA. São Paulo: Nova Sampa, n° 1, 2003.

PIADAS SELECIONADAS. São Paulo: Escala, Ano 3, n° 17, 2003.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, V. **Comicidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

RITCHIE, L. D. Categories and similarities: a note on circularity. **Metaphor and symbol**, 18 (1), 2003, p. 49-53.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: Rosch, E., Llyod, B. (eds), **Cognition and categorization**, New York, Wiley, 1978.

SARRUMOR, L. **Mil piadas do Brasil**. Nova Alexandria: São Paulo, 1998.

_____. **Mais mil piadas do Brasil**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

_____. **Ainda mais mil piadas do Brasil**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SELEÇÃO DE PIADAS. São Paulo: Escala, nº 17, 2002.

STEENBERG, M. Introduction to semiotics (conceptual) metaphor theory, 2000. Disponível em <<http://hum.au.dk/semiotics>, com acesso em 10/06/2003.

TEIXEIRA, J. DE F. **Mentes e máquinas**: uma introdução à ciência cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TURNER, M., FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy, and binding. In: **Metonymy and metaphor**. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2000, p. 133-145.

VARELA, F. J. **Conocer**. Barcelona: Gedisa, 1988.

VARELA, F., THOMPSON, E., ROSCH, E. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Tradução de Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Anexo***CORPUS DE PESQUISA***

Neste anexo, apresentamos os 31 textos humorísticos que constituem o *corpus* de pesquisa deste trabalho. Os textos estão classificados por temas ou personagens do anedotário nacional, seguindo uma seqüência numérica.

Piadas distribuídas por temas ou personagens do anedotário nacional

• ADULTÉRIO

- 1) Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...
A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma jóia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:
- Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!
- Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!
Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:
- Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...
Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:
- O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!
- Lava só o cartão de crédito!... (Sarrumor, 1999:93)

- 2) E o Brito, que costuma falar enquanto dorme, passa da conta naquela noite. A mulher, só de butuca, ouve ele repetir várias vezes o nome de outra. No dia seguinte, vai com dez tirar satisfação, mas ele se sai bem:
- Que é isso, benzinho. É o nome de uma égua que eu tô botando a maior fé, no Jockey!
E fica por isso mesmo. À noite, porém, o Brito encontra a mulher com a cara mais fechada do mundo.
- O que houve, benzinho?
- Nada não. Apenas a égua ligou duas vezes, perguntando por você ...
(Sarrumor, 1998:78)

• CASAMENTO

- 3) Na redação do jornal:
- Não deu pra sair a notícia do seu casamento – fala o repórter para um figurão.
- Tivemos que publicar uma catástrofe mais importante.
(Sarrumor, 1999:226)

- 4) No consultório médico:
- Doutor, quando eu era solteira, tive que fazer cinco abortos! Agora que eu casei, tô doida para ter um filho mas não consigo engravidar!
- É que a senhora não está conseguindo reproduzir em cativeiro!
(Sarrumor, 1999:50)

- 5) Reclama a mulher para o marido:
 - Você agora não me dá mais presentes como antes do casamento?
 Ele se defende:
 - Você já ouviu falar de algum pescador que continuasse a dar isca para o peixe, depois de tê-lo pescado? (Sarrumor, 1999:52)

• **MULHERES**

- 6) Que animal pesa 600 quilos de manhã, 16 quilos à tardinha e 40 gramas à noite? A mulher do presidente da Associação dos Machões.
 De manhã o tal sujeito acorda a esposa, berrando:
 - Vai fazer o café da manhã, sua vaca!
 No final do dia, pergunta:
 - O jantar já está pronto, sua cadela?
 - De noite, na cama, murmura:
 - Vem cá, minha pombinha... (Sarrumor, 2000:166)
- 7) Conversa de bar. Um cara pergunta pra outro:
 - Quem é melhor pra ter como esposa: uma mulher feia mas fiel, ou uma bonita mas puta?
 - Melhor comer bolo em grupo do que merda sozinho.
 (Seleção de Piadas [2002]:16)
- 8) Mas não é só a mulher do Brito que é econômica e tem tino comercial, não. A mulher é, por si só, a maior capitalista de todos os tempos:
 Ela abre o negócio, recebe o bruto, faz o balanço e ainda fica com o líquido..
 (Sarrumor, 1998:106)
- 9) Por que Deus fez primeiro o homem e depois a mulher?
 Porque para se fazer uma obra-prima necessita-se sempre de um rascunho.
 (Aviz, 2001:79).
- 10) Durante a noite, numa pousada, aparece uma galinha no quarto do viajante.
 Ele, puto da vida porque o bicho estava cacarejando no seu ouvido, pega o telefone e fala para a portaria:
 - Alô! tem uma galinha aqui no meu quarto!
 - Não tem importância, senhor! Ela pode preencher a ficha amanhã!
 Sarrumor, 2000:158)
- 11) O camarada, superestressado, procura um médico:
 - Pó, doutor! Eu tô num bagaço só! É só problema, problema... não consigo me concentrar, não durmo de noite... tô no fundo do poço!

- Isso é esgotamento, meu amigo! Procure trabalhar menos, se alimentar melhor, fazer exercício, ter algum lazer... e principalmente boas noites de sono! Nunca leve um problema pra cama!
- Bem que eu queria doutor! Mas minha mulher não dorme sozinha de jeito nenhum! (Sarrumor, 1999:55)

- **POLÍTICA**

- 12) O presidente e seu chofer passam por uma estrada quando, subitamente, atropelam um porco, matando-o instantaneamente. O presidente diz a seu motorista que vá até a fazenda explicar o ocorrido ao dono do animal. Uma hora mais tarde, o presidente vê o seu chofer voltar cambaleando, com um cigarro na mão e uma garrafa de uísque “primeira linha” na outra, além de estar com a roupa toda amarrotada.
- O que aconteceu? – pergunta o mandatário.
 - O motorista conta:
 - Não sei... O fazendeiro me deu bebida importada, cigarro, me ofereceu sua mulher e sua linda filha de dezoito anos, que fizeram amor comigo enlouquecidamente!
 - Nossa! Mas, afinal, o que você disse para eles?
 - Sou o motorista do presidente e acabo de matar o porco!
- (Sarrumor, 2000:9)

- **SEXO**

- 13) Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.
- Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.
 - Eu vim de helicóptero!
 - Helicóptero?! O que é isso?
- Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
- É um negócio que levanta sozinho...
- Ah! Eu sei... meu marido tem um helicóptero enorme!
- (Sarrumor, 2000:17)
- 14) O camarada está no tribunal, sendo julgado porque encontraram em sua casa uma velha máquina de refinar cocaína. O promotor o acusa:
- Está querendo fazer crer a esse tribunal que possui um equipamento de refino de cocaína em sua residência e mesmo assim não produz a droga?
- O sujeito se defende:
- Eu comprei num antiquário, apenas como objeto de decoração.
- O promotor não se convence:
- Pois eu considero que o fato de possuir o equipamento já demonstra a sua culpa!
 - Sendo assim, o senhor pode me acusar também de estupro.
 - Por quê? Também cometeu esse crime?
 - Não! Mas possuo o equipamento completo! (Sarrumor, 1999:82)

- 15) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:
- Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!
- Ele fecha rapidamente a braguilha e diz com a voz cheia de malícia:
- Por acaso a senhora viu a minha *Ferrari* vermelha?
 - Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos! (Sarrumor, 2000:187)
- 16) E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:
- Que pouca vergonha é essa?!
- E o rapaz, todo sem jeito:
- Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.
- E o pai da moça:
- É! Tô vendo que sua afeição é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!
- (Sarrumor, 2000:216)
- 17) Conversam um alemão, um americano e um brasileiro sobre esportes olímpicos. Diz o alemão.
- Com uma vara de três metros, eu pulo três metros e oitenta!
- O americano não quer ficar atrás:
- Pois eu, com uma vara do mesmo tamanho, cubro três metros e noventa!
- O brasileiro não deixa por menos:
- Pois fiquem sabendo que, com uma vara de dezoito centímetros, eu como uma morenona de um metro e oitenta! (Sarrumor, 1998:167)
- 18) O japonês, baixinho, sai com aquela tremenda loura e bota banca. Bate num braço e se vangloria:
- Aqui tem 500 quilos de dinamite, né?
- Bate no outro braço e diz ter mais 500 quilos de dinamite. No quarto, vai tirando a roupa e continua botando uma. Bate nas duas coxas dizendo ter 500 quilos de dinamite em cada perna. A moça olha o japonês, peladinho, e grita, assustada:
- Vou embora daqui correndo!
 - Por quê, quelida?
 - Cê acha que eu vou ficar com você, com duas toneladas de dinamite e um pavio curto desse jeito?! (Sarrumor, 1998:173)

• BÊBADO

- 19) O bêbado estava mijando de madrugada em uma praça, quando um guarda o surpreendeu:
- O senhor está preso!
 - Por quê? – perguntou o bêbado.

- Por que está com o pinto de fora! – respondeu o guarda.
 - Seu guarda, o senhor pode me prender, mas diga o nome certo...
 - Está preso, com esse caralho de fora!
 - O senhor não está dizendo o nome certo...
 - O guarda, não agüentando mais de curiosidade, pergunta:
 - Está bem ... então o senhor me diga qual o nome disso!
 - O nome dele é LUNETETA!
 - Por que Luneta? – indaga o guarda.
 - É que se eu enfiar ele no seu cu, o senhor vai ver estrelas!
- (Piadas do Geraldo Magela, 2003:21)

• CAIPIRA

20) A mulher está esperando o trem, na plataforma da estação ferroviária, superapertada, com vontade de urinar. Pra variar, o trem está atrasado, e se ela perde esse não consegue chegar a tempo no serviço. Mas o trem não vem, e a vontade de fazer xixi aumenta. Ela olha pro relógio, será que dá tempo? Mas e se o trem chegar justo na hora que ela for mijar? Ela se contorce daqui, contorce dali, até que não agüenta mais e vai ao banheiro.

Quando ela volta, o seu trem havia chegado e já havia partido.

Inconformada, ela senta no chão da plataforma e começa a chorar. Ao vê-la assim, o mineirinho aproxima-se de mansinho, e diz a ela, solidário:

- Ô, dona! Por que esta choradeira?

- É que eu fui mijar e o trem partiu – explica a mulher.

E o mineirinho:

- Uai, mas a sinhora já num nasceu com o trem partido?

(Sarrumor, 2000:187-188)

21) O caipira e a caipira estão debruçados na cerca do pasto, onde um galante touro está prestes a cobrir uma vaca, que passa toda rebolando por ele, arreganhando a “coisa”, já deixando no jeito. O casal de caipiras assiste àquela bucólica e erótica cena. A mulher se empolga, debruça demais na cerca, acaba se desequilibrando e cai de pernas abertas, a saia levanta, bem de frente pro caipira, que fica olhando fixo pr’aquele panorama. Encabulada, ela comenta:

- Ocê já viu uma desgraça maior que a minha, João?

- Oia... a desgraça da vaca é bem maió... (Sarrumor, 1999:40)

• JUQUINHA

22) - Manhê, estou sentindo cheiro de carne de porco queimada...

- Fala baixo, menino, que o seu pai está com febre. (Sarrumor, 2000: 79)

23) O Juquinha está passeando com a sua cachorrinha no parque, quando ela resolve fazer xixi bem diante da porta de uma guarita.

Ao ver aquilo, o guarda fica furioso e adverte:

- A próxima vez que a sua cachorra fizer isso, vou meter o cacete nela!

- Beleza, seu guarda! Eu sempre quis ter um cachorro policial! (Sarrumor, 2000:141)

24) Pai, eu nasci de um ovo?

- Claro que não, Juquinha! Por quê?

- É que quando eu subi no elevador um homem falou para o outro: “Esse aí é o filho daquela galinha do sexto andar”. (Sarrumor, 2000:181)

• PORTUGUÊS

25) No final de semana, o Manuel pega a “Van” da padaria e vai passear com a Maria. Está à toda numa avenida, quando é parado por um guarda:

- Gosta de correr, hein?... Posso ver os documentos da Besta?

O português entrega ao guarda os seus documentos pessoais. O policial acha engraçado e diz:

- Não, meu senhor! Eu me refiro aos documentos da perua!

E o Manuel, para a Maria:

- É com você, ó mulheire!... (Sarrumor ,1999:205)

26) O Manuel presencia um crime sexual e agora dá o seu depoimento perante o juiz, como testemunha:

- ... E então, doutoیره, sem dar conta da minha presença, o tarado agarrou a rapariga à força e, abrindo a braguilha de sua calça, tirou para fora ...como vou dizere...tirou ..

- Tirou para fora o órgão! – intervém o juiz, em seu auxílio.

- Olha, doutoیره, parecia mais uma flauta!... (Sarrumor ,1998:108)

27) Aí, no outro dia, é o carro do Manuel que enguiça e ele vai com seu filho caçula no mecânico. Após verificar o motor do velho carro, o mecânico diz:

- O problema está no freio. Eu vou ter que mexer no burrinho.

O Manuel puxa o garoto para trás e se altera:

- Não, senhoیره! No garoto, ninguém mexe! (Sarrumor ,1998:73)

• SOGRA

28) Um amigo conta pro outro:

- Minha sogra caiu do céu!

- Ela é maneira assim mesmo?

- Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa.

(Piadas Seleccionadas, 2003:10)

- 29) O cara chega pro amigo e fala:
- Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela ... O que é que você acha?
E o amigo:
- Primeiro o trabalho, depois a diversão! (Piadas Seleccionadas, 2003:25)
- 30) O caipira vai visitar um amigo, no sítio vizinho ... Chegando lá, estranha um monte coberto, em cima de uma mesa, e pergunta:
- Que é isso, compadre?
- Minha sogra, sô! Tem uma semana que ela morreu!
- Virgem santa! E por que não enterrou a velha?
- Eu não... Quem enterra merda é gato! (Piadas Seleccionadas, 2003:28)
- 31) Dois caras falam de suas sogras. O primeiro diz:
- Na índia, a minha sogra seria sagrada! Na Inglaterra, a minha sogra estaria louca!
E o outro:
- Minha sogra não tem problemas no trânsito! Vassoura não engarrafa.
(Piadas Seleccionadas, 2003:46)